

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

REINALDO BATISTA DOS SANTOS

**A (IN)VISIBILIDADE DOS TRABALHADORES DE LIMPEZA E CONSERVAÇÃO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS: IMAGENS REVELADAS E
HISTÓRIAS REINVENTADAS**

Maceió
2016

REINALDO BATISTA DOS SANTOS

**A (IN)VISIBILIDADE DOS TRABALHADORES DE LIMPEZA E CONSERVAÇÃO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS: IMAGENS REVELADAS E
HISTÓRIAS REINVENTADAS**

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade Federal de
Alagoas, como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em
Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nadja Naira
Aguiar Ribeiro

Maceió
2016

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário Responsável: Valter dos Santos Andrade

S237i Santos, Reinaldo Batista dos.
A (in)visibilidade dos trabalhadores de limpeza e conservação da Universidade Federal de Alagoas: imagens reveladas e histórias reinventadas / Reinaldo Batista dos Santos. - 2016.
123 f. : il.

Orientadora: Nadja Naira Aguiar Ribeiro.
Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 111-114.
Anexos: f. 115-123.

1. Trabalhadores. 2. Fotografias - Análise. 3. Diálogos. 4. Memórias. 5. Narrativas.
I. Título.

CDU: 37.08

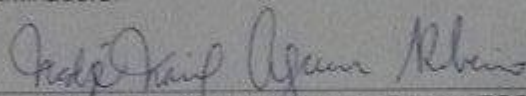
1
1
Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

*A (in)visibilidade dos trabalhadores de limpeza e conservação da Universidade
Federal de Alagoas: imagens reveladas e histórias reinventadas*

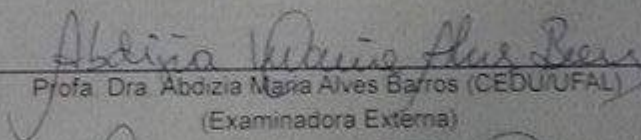
REINALDO BATISTA DOS SANTOS

Dissertação de mestrado submetida à banca examinadora, já referendada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 17 de outubro de 2016.

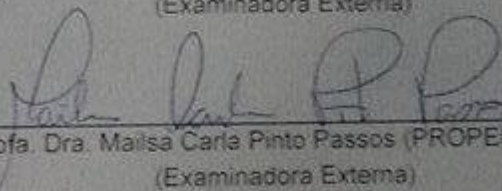
Banca Examinadora:



Prof. Dra. Nadja Nara Aguiar Ribeiro (PPGE/UFAL)
(Orientadora)



Prof. Dra. Abdizia Maria Alves Barros (CEDU/UFAL)
(Examinadora Externa)



Prof. Dra. Maísa Carla Pinto Passos (PROPED/UFAL)
(Examinadora Externa)

(...) por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa fora de mim e à minha frente, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar - a cabeça, o rosto, a expressão do rosto -, o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando estamos nos olhando, dois mundos diferentes se refletem na pupila dos nossos olhos. Graças a posições apropriadas, é possível reduzir ao mínimo essa diferença dos horizontes, mas para eliminá-la totalmente, seria preciso fundir-se em um, tornar-se um único. (Bakhtin, 1997, p. 43)

AGRADECIMENTOS

Agradecer é manifestar gratidão àqueles que em algum momento contribuíram para a concretização não somente desta produção final, mas de todo o processo da minha entrada no Mestrado em Educação. Desde a seleção, até as trocas de experiências nas disciplinas, congressos, aulas e a conclusão desta dissertação. Sou grato, portanto, a todos que estiveram comigo nesse processo:

A minha mãe Lourinete (*in memória*) que muito lutou para que hoje eu estivesse finalizando mais uma etapa de minha vida; e ao meu pai, Natálicio, pelo apoio e incentivo aos meus estudos;

A todos os meus familiares, em especial: as minhas irmãs/sobrinha (Nívea, Neilza, Nelma, Núbia, Selma e Cicina) e sobrinha (Ingrid) e aos meus irmãos (Raphael, Rubens, José Batista, Pedro e Rogério) e meus sobrinhos (Nathan e Vanzinho) pelas palavras de conforto, e ajuda nas angústias e alegrias durante todo o mestrado;

“Ainda vou fazer parte de sua banca de TCC”. Esta foi a fala de uma pessoa bastante especial (que vem marcando minha vida, minha trajetória acadêmica) para um aluno de graduação - bastante tímido-, que não se mostrava. Que por vezes, gostava de ser “invisível” na sala de aula. Esta pessoa não só fez parte de minha banca de TCC, mas também foi minha orientadora, não por acaso. Meus sinceros agradecimentos a quem muito admiro: Minha Orientadora! Agradeço à Prof.^a Dr.^a Nadja Naira Aguiar Ribeiro pelo acompanhamento. A cada passo que eu dava. Cada momento. Cada encontro. Cada ansiedade. Orientar é isso: Estar “ao lado” do outro, mesmo que não seja fisicamente. É participar dos momentos de experiência do orientando. Agradeço a paciência, a força, o carinho e compreensão, além de seu compromisso e dedicação na elaboração desta produção. Obrigado pela escuta, pela abertura e confiança de sempre. Uma abertura cheia de disponibilidade, “uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial” (LARROSA, 1996, p.24). Aprendi (e estou aprendendo) a ver o mundo de forma mais curiosa e crítica, menos ingênua. Orientar é também ser amigo. Uma relação de respeito e carinho, construída ao longo dos anos na academia. Orientar é também: ser amigo.

A minha amiga Dayana e seu esposo Leandro, pelo apoio e recepção de quando fui ao Rio para participar de uma missão do PROCAD. Meus muitos agradecimentos pela receptividade e acolhimento nesse momento tão desafiador para mim. Uma amizade de “longa data”, não poderia deixar de citá-los. Day, uma amiga para à vida.

A minha amiga Janine, por estar sempre perto em todos os momentos. Pelas viagens, congressos, apresentações, leituras críticas e trocas de saberes em minhas/nossas produções. Agradeço imensamente toda a atenção e carinho. Onde passa deixa seu brilho, sua marca.

A minha amiga Jany, pelo companheirismo durante o mestrado e amizade de sempre. Pelas nossas trocas de ideias nas aulas do mestrado. Obrigado por fazer parte de todos os momentos.

As minhas companheiras de curso de graduação, Ericka, Thamires, Ízala e Rafaelle, que permaneceram comigo durante todo esse processo, me dando forças para continuar.

À Fernanda Raphaella, minha amiga desde a época da graduação. Conhecemo-nos a partir de uma participação de um projeto. Meus sinceros agradecimentos. Obrigado pela escuta de sempre, Nanda!

As minhas amigas/amigo (Tássia, Jane, Hedy, Naty e José) do IFAL, pelo apoio e conversas constantes.

Ao meu amigo Artur Nascimento, pelas trocas de ideias na seleção do mestrado. Obrigado também por sua amizade e por toda a força na trajetória do mestrado.

A Rafa Calaça, Flavinha, Cindy, Neide, Fabi, Leila, Andressa, Karla, Patrícia, Simone (mãe de Day) e Nice (mãe de Leandro) pelas conversas de conforto e força, durante o mestrado.

Ao meu novo amigo/colega Ricardo, que conheci há pouco tempo, mas que tem me dado coragem para terminar esta produção.

Ao meu amigo Luiz - do Curso de Farmácia da UFAL - hoje mestrando pela Fiocruz, agradeço pelo apoio nos momentos de aflições e difíceis que passei durante estes dois anos. Obrigado pelos conselhos, R.!

Ao Felipe, pela força e torcida na minha entrada no Mestrado.

Ao meu amigo Michelangelo, pelas palavras sinceras de sempre e andanças em Maceió.

As professoras, a Coordenadora Valdimar e as Diretoras Nívea e Cristiane, da Escola Estadual Freitas Neto, onde trabalhei (antes de cursar o mestrado) pela torcida incessante na seleção do mestrado.

Aos trabalhadores de limpeza e conservação que se disponibilizaram em participar desta pesquisa; Sem eles, nada seria possível.

A Prof^a. Dr^a. Mailsa Passos que “abriu” as portas de suas aulas (tanto na graduação quanto na Pós-Graduação) e grupo de pesquisa, nos quais tive a oportunidade de participar e que de alguma forma tem contribuído com meu trabalho.

A Prof^a. Dr^a. Abdizia, pelo grande aprendizado carregado de sentido nas suas aulas de didática durante a minha Graduação em Pedagogia.

A Todos os professores do PPGE que proporcionaram aprendizados;

Ao CNPq pelo apoio financeiro durante o mestrado. Meus agradecimentos sinceros!!

A DEUS acima de tudo, pois ele é meu refúgio nos momentos de incertezas. Muitas vezes, chamei seu NOME, quando já não tinha forças para seguir. Obrigado SENHOR!

DEDICATÓRIA

A minha grande mãe Lourinete (*in memoria*), baixinha só no tamanho, pois era uma grande mulher e muito guerreira, que lutava sempre pela educação de seus filhos. Lembro-me quando recebi a notícia da aprovação do mestrado, em 2014:

- MÃE, passei no mestrado! Vou ser mestre!

- Mestre de que, menino? De Obras?

- É... também...(risos).

Rimos juntos!

(Pensei: não deixa de ser uma "obra").

Falar sobre minha MÃE provoca em mim um sentimento inexplicável. Sua morte em 2015, abalou profundamente não só a mim, mas todos os meus irmãos. É como se um pedaço de mim não existisse mais. Se alguém me perguntasse: Como é perder uma MÃE no “meio” do mestrado? Não há como explicar. Não consigo conter a emoção. Falar em minha MÃE é sentir as lágrimas caindo pelo meu rosto, lentamente. Talvez seja por isso que prefiro calar-me muitas vezes. Silenciar e dizer com o olhar. Dedico, então, esta OBRA à minha mãe, que estará sempre viva em meu olhar e no olhar de meus irmãos.

Não poderia deixar também de dedicar ao meu irmão Robson (*in memória*), que faleceu em 2004, e muito me incentivava a estudar.

A lembrança dos dois ficará guardada eternamente em meu coração!

RESUMO

Esta dissertação parte da hipótese de que os trabalhadores terceirizados de limpeza e conservação, que desenvolvem suas atividades laborais numa universidade pública da região nordeste, são invisibilizados, enquanto sujeitos praticantes, dentro do contexto universitário. Nesse sentido, a pesquisa tem como objetivo compreender de que forma o cotidiano acadêmico, forjado por práticas científicas e culturais em seus diferentes espaços, afetam subjetivamente esses trabalhadores subalternizados. Efeitos subjetivos que podem revelar, pelos rastros, a trama tecida em sua(s) memória(s), nas quais se inscrevem sua(s) história(s) de vida. Do ponto de vista metodológico, optamos, inicialmente, por abordar os trabalhadores em seu cotidiano a partir de uma conversa informal; e, posteriormente, estabelecer um diálogo tendo como mote as imagens das fotografias por eles tiradas, dentro da referida instituição de ensino, a nosso pedido. Ou seja, uma abertura à revelação – ao espaço da “*différance*” (DERRIDA, 2002). As memórias, forjadas nessas imagens puderam nos trazer indícios sobre as experiências (LARROSA, 1996) desses sujeitos praticantes que se (re)inventam em suas narrativas. Mais ainda: revelam, na pluralidade de seus saberes, “as astúcias de interesses e de desejos diferentes” (CERTEAU, 2009), em busca, por certo, de uma justiça social e, sobretudo, de uma “justiça cognitiva” (SANTOS, 2004). Filiamo-nos, assim, aos autores acima citados para articular conceitos e fundamentos teóricos que podem sustentar nossas discussões e, sobretudo, nossas demandas de querer olhar o mundo pelo seu avesso.

Palavras-Chave: Trabalhadores. Diálogos. Fotografias. Memórias Narrativas.

ABSTRACT

This dissertation started from the hypothesis that the outsourced workers of cleaning and conservation, developing their professional activities in a public university in the Northeast of Brazil, are invisible as subjects practitioners within the university context. In this sense, the research aims to understand how the academic routine, forged by scientific and cultural practices in their different environments, subjectively affect these subordinate workers. Subjective effects that can reveal, by the traces, the written plot in their memory in which enroll their history of life. From a methodological point of view, we chose initially to address the workers in their daily lives from a casual conversation; and then establish a dialogue having as a theme the images of photographs taken by them, within the said educational institution, at our request. That is, an opening to the revelation - the space of "différance" (Derrida, 2002). The memories, forged in these images could bring us evidence about the experiences (LARROSA, 2002) of these subjects practitioners who (re)invent themselves in their narratives. Moreover, reveal, in the plurality of their knowledge, "the tricks of interests and different desires" (Certeau, 2009), in search, of course, of a social justice and, above all, a "cognitive justice" (SANTOS, 2004). We joined the aforementioned authors to articulate concepts and theoretical foundations that can sustain our discussions and, above all, our demands to want to look at the world from its inside out.

Key Words: Workers. Dialogues. Photos. Narratives memories.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1	Lazer – UFAL – Ubirajara, 2015.....	53
Foto 2	O tempo de serviço - UFAL – UBIRAJARA, 2015.....	57
Foto 3	UTI das Plantas - UFAL – CAETE, 2015.....	58
Foto 4	Coragem – UFAL – UBIRAJARA, 2015.....	64
Foto 5	Representando Alagoas: Lembranças do tempo antigo- UFAL - UBIRAJARA, 2015.....	71
Foto 6	Barriga Cheia – UFAL – ABAYOMI, 2015.....	81
Foto 7	Alegria e descanso! – UFAL – ABAYOMI, 2015.....	82
Foto 8	Na hora da brincadeira: Jogo de dominó – UFAL – ABAYOMI.....	85
Foto 9	Vontade de aprender – UFAL- TEREZA, 2015.....	86
Foto 10	Deleite de IRACI – PESQUISADOR, 2015.....	88
Foto 11	Três pessoas importantes na minha vida: representa minhas amigas – ARACI – UFAL, 2015.....	89
Foto 12	O lugar de sombra, onde todos ficam reunidos no pezinho de manga – ARACI - UFAL, 2015.....	90
Foto 13	Limpeza, cuidado e organização – ARACI – UFAL, 2015.....	91
Foto 14	Momento estressante, fila demorada, local abusado – UFAL – ARACI, 2015.....	92
Foto 15	Eu subo e desço esta escada todos os dias e conservo ela limpa – UFAL – ARACI, 2015.....	93
Foto 16	O professor na época de criança – CAETÉ, UFAL, 2015.....	95
Foto 17	Lembranças de Garanhuns – UFAL – CAETE, 2015...	96
Foto 18	Agreste de Pernambuco – UFAL – CAETÉ, 2015.....	97
Foto 19	Parceria – UFAL – MARA, 2015.....	100
Foto 20	Tristeza do Descaso – UFAL – MARA, 2015.....	100
Foto 21	Expressão Viva – UFAL – MARA, 2015.....	101
Foto 22	A porta de entrada na Vida acadêmica – UFAL – TAINARÁ, 2015.....	103

...

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Quantidade Total e Quantidade levantada.....	40
Quadro 2	Quantidade de trabalhador por gênero humano.....	41
Quadro 3	Quantidade de trabalhador por faixa etária.....	42
Quadro 4	Trajetória Escolar dos trabalhadores	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDU	Centro de Educação
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COPEVE	Comissão Permanente do Vestibular
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
MEC	Ministério da Educação
PPGE	Programa de Pós-Graduação
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
SISUTEC	Sistema de Seleção Unificada da Educação Profissional e Tecnológica

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO: Iniciando a conversa.....	15
1.1.	Desviando da rota, buscando outros caminhos: conversas ao pé de ouvido durante a orientação.....	17
2.	UMA PESQUISA ATRAVESSADA PELA(S) HISTORIA(S) DE VIDA: um passado como presente.....	23
2.1.	Arte e vida: trazendo à tona um sentimento esquecido.....	23
2.2.	Os sujeitos que nos rondam: traços de sua (in) visibilidade e as marcas do silêncio.....	26
3.	OLHAI OS TRABALHADORES DO CAMPUS: diálogos além das palavras.....	33
3.1.	Saga Itinerante de um <i>flanêur</i> : um olhar (dis)traído pelos encantos do cotidiano.....	36
3.2.	(A)colhendo os dados iniciais: os primeiros passos da pesquisa.....	39
3.3.	Aproximando-se dos sujeitos praticantes: o encontro com os trabalhadores de limpeza e conservação.....	45
3.4.	A solicitação das fotografias: reações e surpresas.....	49
4.	TÁTICAS E ASTÚCIAS DOS TRABALHADORES DE LIMPEZA E CONSERVAÇÃO: deslocando o pesquisador de sua pretensa posição daquele que (tudo) sabe.....	55
4.1.	Ubirajara: “senhor da lança”.....	55
4.2.	Abayomi: a forma lasciva de ser como fuga nas redes de conversa.....	77
4.3.	Araci: um cotidiano reinventado em suas fotografias.....	89
4.4.	Caeté: um passado carregado de memórias.....	94
4.5.	Mara: a força da mulher.....	98
4.6.	Tainará: a estrela.....	103
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
	REFERÊNCIAS.....	110
	ANEXOS.....	114

1. INTRODUÇÃO: iniciando a conversa

Esta dissertação tem por objetivo compreender de que forma o cotidiano universitário, constituído de diferentes práticas acadêmicas e culturais, afeta as práticas cotidianas dos trabalhadores terceirizados de limpeza e conservação, em cujas narrativas ressoam suas memórias e se inscrevem sua(s) história(s) de vida. Tal interesse teve origem no momento em que nos sentimos afetados pelos saberes e fazeres invisibilizados desses praticantes em seu espaço de trabalho. Neste sentido, nossos olhares foram ficando cada vez mais curiosos sobre estes trabalhadores que, embora subalternizados, revelam práticas repletas de táticas para lidar com o cotidiano e, ao mesmo tempo, astúcias para se apoderarem de práticas culturais próprias de um ambiente acadêmico.

Nossa motivação de pesquisa recaiu sobre esses sujeitos pelo fato de eles exercerem suas funções num ambiente universitário, levando-os a um contato diário com alunos e professores, bem como com os inúmeros acervos escolares e culturais que compõem um cotidiano acadêmico – impregnado, muitas vezes, de vozes com um certo tom de “arrogância” sobre o saber. Uma espécie de demarcação de território, o que não deixa de ser uma forma “[...] da apropriação do espaço e de sua privatização” (CERTEAU, 2009b, p.165).

Não raro, nestas instituições de ensino enfatizam-se pesquisas que “extrapolam os muros da Universidade” esquecendo-se, no entanto, da “própria casa”. Nem mesmo no Centro de Educação, lugar onde se abriga esta pesquisa, dá-se tal preocupação. Destacamos o campo da Educação, uma vez que nessa área muito se discute, estuda e pesquisa sobre os sujeitos subalternizados, produzindo-se discursos forjados em teorias consideradas emancipatórias. Entretanto, os referidos trabalhadores não se constituem como sujeitos dessas produções acadêmicas desenvolvidas pelos docentes universitários.

Estar neste universo universitário – no seu dia a dia – é para esses trabalhadores de limpeza e conservação ter exposta à sua (in)visibilidade. Ou seja, é ocupar o “seu” lugar de subalternidade. Isso porque “aí impera a lei do ‘próprio’: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar ‘próprio’ e distinto que o define” (CERTEAU, 2009, 184. Destaques do autor). Assim, os trabalhadores de limpeza e conservação, apesar

de exercerem suas funções laborais dentro de uma instituição de ensino superior, circulando por diversos espaços – em convivência diária com diferentes intelectuais, pesquisadores, professores e alunos universitários, parecem, muitas vezes, ficar na opacidade deste cenário acadêmico. Ao trazer as memórias narrativas desses sujeitos, é uma tentativa de dar voz aos subalternizados neste “espaço praticado”, que se constitui a universidade (CERTEAU, 2009a). Mais que isso, é tentar tirá-los dessa invisibilidade através de suas histórias e de seus saberes-fazer.

Com base no mapeamento realizado sobre os trabalhadores, para conhecer suas histórias de vida – atravessadas pela interrupção escolar, foi possível, na posição de pesquisador, (re)ver, neste entrelaçamento de vozes, a minha própria história e até mesmo as minhas (pre)tensões, que me deixaram marcas no/pelo caminho. A cada encontro uma conversa. A cada encontro uma novidade, uma vez que ao longo desta trajetória foi-se criando uma mágica intimidade entre os trabalhadores e eu, mesmo estando na posição de pesquisador. Uma espécie de cumplicidade. Afinal, não foram poucas as caminhadas para localizá-los em diversas partes do *campus*. Suas narrativas tinham ares de confissão, de desabafo. Muitas de suas histórias foram narradas enquanto concluíam suas atividades laborais. Como diz Certeau (2009), “Os relatos (...) organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros” (p.185).

Vale também dizer que esta dissertação se insere no campo da Educação e Linguagem e, por tal razão, tem como autores centrais: Bakhtin (1997), Benjamin (1994), Certeau (2009), Derrida(2004,2001), Larrosa(1996) e Santos (2004). Bakhtin permite refletir, entre outras questões, sobre arte e vida, aspectos indissociáveis, que nos leva a uma atitude ética, política e responsiva. Larrosa(1996) e Benjamin (1984) nos ajudam a pensar sobre a questão da **experiência** como algo que nos acontece, nos afeta. Também trazemos para contribuir com o diálogo, o sociólogo Boaventura de Sousa Santos(2004), que nos faz pensar sobre as condições de subalternidade a que estão expostos os trabalhadores, especialmente num contexto universitário onde se instalam relações de saber e poder. E não poderíamos esquecer, neste *pot-pourri* de ideias, de trazer Certeau (2009), vez que ele pode contribuir

fortemente para compreendermos as astúcias e táticas utilizadas pelos fracos como forma de ocupação de lugares, transformando-os em “espaços praticados” (CERTEAU, 2009a). Em outras palavras, nos ajudam a desvelar as “táticas” (idem, idem) por eles utilizadas para sobreviverem num ambiente tingido por letramentos diversos.

1.1. Desviando da rota, buscando outros caminhos: conversas ao pé de ouvido durante a orientação

Esta pesquisa nasceu não propriamente do projeto original, mas da insatisfação de ter que realizá-lo. Para uma melhor compreensão do que digo, é preciso, antes, fazer uma confissão: o projeto que abriu as portas para a minha entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), em 2014, na Universidade Federal de Alagoas, não terminou sendo o que efetivamente foi levado a cabo. Vale dizer que, mais do que uma preocupação com as determinações de ordem burocrática, a mudança de rota me implicou com uma questão ética. Ou seja, abrir mão de um projeto de pesquisa cuja proposta me deu acesso ao mestrado, parecia, naquele momento, uma espécie de traição. Ao mesmo tempo, insistir em realizá-lo urdia, em mim, algo menos nobre, sobretudo do ponto de vista acadêmico, o sentimento da covardia.

Ainda que tal confissão, no mais das vezes, não se mostre adequada ao mundo da academia, é neste ato que inscrevo a coragem de romper com os protocolos disciplinares para poder, assim, assumir uma relação sincera com o meu trabalho acadêmico. Afinal, é preciso estar aberto aos desafios que a realidade nos impõe e tentar desconstruir os modelos pré-estabelecidos. Em tese, tal decisão nos coloca na contramão do modo de se fazer ciência na academia. Como diz Pais (2003),

As capelinhas existentes no meio universitário – frequentemente associadas à posse “feudalística” de domínios ou áreas restritas – reflectem a “especialização” da ciência, mas também a pluralidade de correntes doutrinárias e a necessidade de cada uma delas ter o seu próprio ter o seu terrenos de culto, a sua paróquia (p.37. Destaques do autor).

Isso não significa, é claro, que a “rigoriedade metódica” (FREIRE, 1996) do mundo da ciência, bem como as suas criteriosas pesquisas, deva ser negligenciada. Essa não é a premissa que sustenta o nosso argumento. Na

verdade, o que se defende, por certo, é que é preciso apostar em outras possibilidades. Acreditar que, para além dos dogmas, “há um novo jeito de caminhar” (Thiago Mello, 1999). Assim,

É possível explorar os desvios, não daqueles que nos deixam na beirada do “tudo vale”, mas dos que nos possibilitam o desenvolvimento de teorias em função dos achados de “trabalho de campo” ou das descobertas induzidas por uma sensibilidade teórica (PAIS, 2003, p. 44).

Com efeito, logo nas primeiras conversas com a orientadora, percebemos que aquele projeto, embora bem redigido, não nos permitiria alçar os voos desejados dentro da academia. Nem tão pouco escapar de um modelo de pesquisa no qual parecemos estar protegidos de surpresas, vez que na sua condução tudo se mantém sob o controle do pesquisador. Ou seja, basta que siga o *script* de seu itinerário e saiba, com segurança, como se define cada etapa da pesquisa. Foi, então, que decidimos virá-lo de ponta-cabeça, e ir ao encontro do que nos parecia mais enigmático, para assumirmos a atitude de **pensar com**. Os enigmas nos convidam a pensar, a desnaturalizar o que até então parecia banal. Por isso, voltamos o olhar para o nosso próprio cotidiano nos espaços da universidade. Decidimos pela ousadia de não declinar do “gesto de interrupção” (LARROSA, 2002). Um convite feito pelo cotidiano, vez que

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (**ou que nos cabe em partilha**), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. [...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velados (2009b, p. 31. Grifos do autor).

O cotidiano, portanto, não deixa de ser este “espaço praticado” (CERTEAU, 2009a), que tem sempre um caráter enigmático. Por esta razão, talvez, tudo nele se torna possível, “[...] tudo aquilo que é susceptível de nos causar admiração, de colidir com o pensamento disciplinado, dado como inquestionável, isto é, a *doxa*” (PAIS, 2003, p. 56). Não sem motivo, diz o mesmo autor, “os enigmas são paradoxos” (idem, idem).

Vale dizer, no entanto, que ao escapar de nosso projeto original, isso não significou nos distanciarmos dos sujeitos com os quais nos ocupamos em nossos estudos e pesquisas. Ou seja, os sujeitos da classe popular, subalternizados, trabalhadores e, sobretudo, com uma trajetória escolar marcada pela exclusão. São praticantes nomeados como “fracos” (CERTEAU, 2009a) para os poderosos,

que se colocam na posição de “fortes” (CERTEAU, 2009a). Mas não se pode esquecer que são estes mesmos praticantes, considerados “fracos”, que, empoderados pelas suas “astúcias” (CERTEAU, 2009a), driblam as suas dificuldades e se valem de suas “táticas” (CERTEAU, 2009a) para enfrentar os “fortes”.

O que mudou, então, em nosso projeto? Mudou o lugar de nossa investigação. E isso afetou, sobremaneira, a posição antes assumida de pesquisador. Optamos por não voltar para a escola, um espaço em que temos empreendido muitas pesquisas ao longo de nosso percurso acadêmico. Ao subverter nosso projeto, nos perguntamos se os sujeitos de EJA¹ não estariam espalhados pelo *campus* – universitário –, praticantes invisibilizados num contexto marcado pela cultura letrada e, sobretudo, pelas relações de poder que, em geral, reinam no mundo da academia, em virtude de ser a universidade o *locus* da produção do conhecimento.

Desse modo, o que nos propomos a investigar? A discussão sobre a invisibilidade dos subalternizados, nos suscitou, de chofre, duas questões: quem são os trabalhadores terceirizados de limpeza e conservação que nos rondam cotidianamente neste espaço universitário? De que modo o cotidiano de uma universidade, mergulhado em práticas letradas, afeta subjetivamente a(s) memória(s) de vida desses praticantes subalternizados? Voltar o olhar para dentro de nossa “própria casa” é, no mínimo, ver-se também, enquanto pesquisador, implicado com as próprias indagações que se constituem como o eixo estruturante da pesquisa. Mais ainda: é não sair imune daquilo que nos toca e nos atravessa, vez que “isso produz um aumento de energia, de capacidade dedutiva, de tenacidade” (NIETZSCHE, 2005, p.161).

Ao virar do avesso a proposta inicial do projeto, foi preciso dar os primeiros passos, passear pelo *campus* com outros olhos, descobrir os caminhos, lidar com os vazios e com a compreensão de que “tudo é e não é”. Foi preciso suspender a verdade e “desconfiar de tanta coisa”, pois, “quando menos se

¹Ver o que diz Marta Koll (Jovens e adultos: sujeitos de conhecimento e aprendizagem, 1999.) e Tânia Moura (**Uma busca de intervenção no combate ao analfabetismo no Estado de Alagoas**: a experiência de extensão como eixo de articulação entre o ensino e a pesquisa, 2006) sobre o sujeitos de EJA: quem são eles.

espera”, outras perguntas invadem nossas certezas. Até porque “esta vida está cheia de ocultos caminhos”(ROSA, 2001).

Os percursos foram árduos, é preciso dizer. Cansaço, exaustão, frustrações, inquietações e superação, foram os sentimentos que fizeram parte de nosso itinerário acadêmico. Os encontros e as conversas com os trabalhadores traziam um novo frescor aos desdobramentos de nossa pesquisa. Caminhos cheios de curvas e dobras – repletos de veredas. Eis o que queremos partilhar ao longo destes escritos. Para tanto, dividimos esta dissertação em 3 capítulos.

No primeiro capítulo, **Uma pesquisa atravessada pela(s) história(s) de vida**: um passado como presente. Inicialmente, narro a minha trajetória de vida que, de alguma maneira, se **confunde** com esta pesquisa. Assim, revisito minhas memórias e, através delas, percebo que nenhuma escolha se faz por acaso. Podemos dizer que é um capítulo atravessado por minhas inquietações, e, por que não dizer, de minhas angústias. Uma (di)vida que tantas vezes fez sombra em minha trajetória acadêmica, mas agora, por acaso, posso prestar contas.

Em seguida, no segundo capítulo, **Olhai para os trabalhadores do campus**: *diálogos além das palavras*, exponho as idas e vindas pelo *campus* da universidade, em busca de histórias/de vida dos trabalhadores de limpeza e conservação, cujos serviços são gerenciados por uma empresa terceirizada da Instituição – *lócus* da pesquisa. Ao nomear assim este capítulo, fomos capturados não pelo campo discursivo da religiosidade que o forja, considerando que o enunciado original “Olhai os lírios do campo” é um trecho bíblico do Sermão da Montanha. Mas o que nos afeta, sobretudo, é o tom poético que dele se pode ouvir e, certamente por tal motivo, convertido por Erico Veríssimo num título de seu romance. Assim, ele chega sorrateiramente em virtude de seu eco parafrásico e sinonímico com o que estamos escrevendo nesta dissertação. Chega quase como um sussurro para batizar o instante imperioso de olhar para os trabalhadores que exercem suas atividades no *campus* universitário.

Já no terceiro capítulo, **Táticas e astúcias dos trabalhadores**: deslocando o pesquisador de sua pretensa posição daquele que (tudo) sabe, trazemos as narrativas dos trabalhadores através de diálogos e fotografias (tiradas por eles). São as memórias, forjadas naquelas imagens, que nos trazem indícios sobre as experiências (LARROSA, 1996) desses sujeitos praticantes, que

se (re)inventam em suas histórias, bem como nos diálogos, com “as astúcias de interesses e de desejos *diferentes*” (CERTEAU, 2009a, p.97. Grifo do autor) em busca, por certo, de uma justiça social e, sobretudo, de uma “justiça cognitiva” (SANTOS, 2004). É pela via destas diferentes formas de linguagem, de se (ex)por na palavra, que esses trabalhadores nos conduziram à compreensão de que a “prática ordinária” (CERTEAU, 2009b), se revela como “uma contínua criação, um perpétuo devir e uma permanente metamorfose” (LARROSA, 2010, p.39).

2. UMA PESQUISA ATRAVESSADA PELA(S) HISTÓRIA(S) DE VIDA(S): um passado como presente

Minha trajetória de vida não foi tão diferente das histórias de vida dos trabalhadores de limpeza e conservação. Discorrer sobre essa trajetória de vida pessoal e profissional provoca em mim uma intensa emoção, desafiado que sou a revisitar o meu passado. Passado que me leva a diferentes momentos da infância, adolescência e idade adulta.

Filho de uma família numerosa (13 irmãos), aos 14 anos tive a primeira experiência com a perda. Meu irmão mais velho (por vínculo de pai e mãe), Robson, morreu precocemente com a idade de 28 anos. Ele sempre sonhou em ter uma vida melhor, pois sempre se dizia exausto de sua atividade como trabalhador de limpeza e conservação numa empresa localizada no Centro da Cidade. Lembro-me de suas queixas constantes, pedindo a Deus para mudar de vida. Apesar de tantos outros irmãos, reporto-me especialmente a Robson como forma, inclusive, de homenagem. Ele não teve tempo de alçar outros voos. Apesar de suas lamúrias e frustrações, sobretudo no campo profissional, eu muito o admirava. E certamente ele nem sabia disso. Sempre quis ter uma letra igual a dele, pois era muito caprichada, e eu a considerava, pela estética da grafia, parecida com “letra de professor”. Robson era o que mais me incentivava a estudar. Sua morte prematura, em 2004, impediu, não só a realização de seu sonho, mas, sobretudo, que testemunhasse minha entrada na faculdade, o que ocorreu no ano de 2007.

Robson e alguns de meus irmãos mais velhos eram “atrasados” nos estudos. Eles precisavam trabalhar para ajudar nossa família. O trabalho na infância de meus irmãos mais velhos não foi fácil. Para ajudar meus pais, eles² catavam sururu na lagoa Mundaú. Minha mãe era a responsável pelo preparo (cozimento) e pela vendado sururu no mercado da cidade. Meu pai trabalhava à noite como vigilante. Mas quase todos os dias era ele quem me levava à escola. Eu gostava de estudar. Sempre gostei. O ambiente escolar sempre me fez bem. Sinto-me acolhido como se estivesse em casa.

Fiz essas digressões, escavando os fragmentos da(s) memória(s), para pontuar onde minha história se cruza com a vida dos trabalhadores – sujeitos

²Meus irmãos voltavam para casa com uma sacola cheia de sururu, tentando equilibrá-la na cabeça.

praticantes de nossa pesquisa. É curioso pensar que fiz uma espécie de resgate de minha própria vida na vida desses praticantes. As suas narrativas parecem decifrar a história de vida de meu irmão Robson, de quem guardo tantas lembranças. De outra posição, não mais como um dos irmãos mais novos que admira seu irmão mais velho, posso compreender o que de alguma forma foi silenciado em tantos dizeres de Robson, quando desabafava sobre as suas insatisfações e o desejo de ir além.

Agora nesta posição de alteridade com outros trabalhadores, posso escutar, em suas vozes, os ecos da voz de meu irmão, por tantas vezes impronunciáveis. Certamente, por isso, esta dissertação me traz uma forte emoção. Ela traduz meus **compadecimentos e paixões** em práticas de “amorosidade” – termo caro para Paulo Freire, especialmente no que diz respeito à sua luta por uma Educação Libertadora. Através desta dissertação “[...] pude pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes” (LARROSA, 2002), expondo na escrita os riscos que me cabem.

2.1. Arte e Vida: trazendo à tona um sentimento “esquecido”

Entrar em contato com o Outro para conhecer um pouco do seu jeito de ver o mundo. Caminhar por espaços e por tantos lugares que desenham a geografia da universidade, é um exercício, sem dúvida, de deslocamento. Daí que caminhar por esses espaços/lugares também “se trata de uma relação com o outro” (SKLIAR, 2008, p17). Os sujeitos praticantes que compõem o universo desta pesquisa, não estão tão longe da minha vida. Melhor dizendo, os trabalhadores de limpeza e conservação da universidade, onde realizo meu estudo, se **confundem** com o meu passado, circunstanciado pelo presente em que produzo esta dissertação. Desse modo, foi possível compreender, neste espaço/tempo, que “o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana” (LARROSA, 2002). A história de vida desses trabalhadores despertou em mim sentimentos esquecidos. Colocou-me no túnel do tempo e transportou-me ao ano em que meu irmão Robson faleceu (2004). Assim, como alguns trabalhadores, ele sonhava em terminar o ensino médio e fazer uma faculdade.

Desde a graduação venho participando de pesquisas sobre diferentes sujeitos, mas somente no mestrado a curiosidade epistemológica recaiu sobre os trabalhadores de limpeza e conservação da UFAL. Esse interesse surgiu ao notar

que, apesar de serem trabalhadores subalternizados, pela sua própria condição socioeconômica, nenhuma ação acadêmica – ensino, pesquisa e extensão – que constitui o tripé da Universidade, os incluía como sujeitos. A impressão é que há uma invisibilidade por parte dos intelectuais, em cujos discursos o lugar do oprimido é quase sempre uma tônica. Nem mesmo no Centro de Educação (CEDU), lugar onde se aloja esta pesquisa, identifica-se tal preocupação. No entanto, aqui não se pretende uma crítica irresponsável, lançando um tom acusatório sobre os docentes da academia. Apenas chamar atenção para a invisibilidade das práticas desses trabalhadores que também se revela nas produções acadêmicas.

O mais curioso nisso tudo é que ao pensar em realizar essa pesquisa sobre os trabalhadores de limpeza e conservação, de início, não me lembrava de meu irmão. Mas o próprio movimento da pesquisa, o diálogo com os sujeitos, suas histórias e seus sentimentos foram motivos de emoções para mim que trouxe à tona um sentimento “esquecido”, um sentimento que há algum tempo se encontrava na opacidade. Não é por acaso que Bakhtin vai dizer que “pelo que vivenciei e compreendi na arte, devo responder com a minha vida para que todo o vivenciado e compreendido nela não permaneçam inativos” (BAKHTIN, 1997, p. 23-24).

Hoje, escutando e conversando com os trabalhadores de limpeza e conservação, sinto que estou realmente no lugar onde devo estar: pesquisando sobre esses sujeitos praticantes que foram/são tão (in)visibilizados pela comunidade acadêmica. Voltar nosso olhar para esses trabalhadores não deixa de ser, na verdade, uma forma de empoderar as suas práticas sociais frente aos imperativos de uma ciência hegemônica que, “sob a capa dos valores universais autorizados pela razão” (SANTOS, 2005, p. 30), reduziram ao silêncio outras formas de ver e conhecer o mundo. E quando apenas um lado tem autoridade cognitiva numa dada relação, opera-se, por consequência, uma relação de dominação.

Por meio do diálogo com tantos trabalhadores, tecendo uma espécie de rede, pude compreender que “como a solidariedade é uma forma de conhecimento que se obtém por via do reconhecimento do outro, o outro só pode ser reconhecido enquanto produtor de conhecimento”(SANTOS, 2005, p.30). Até porque “a solidariedade é obtida no processo, sempre inacabado, de nos tornarmos capazes de reciprocidade através da construção e do reconhecimento da intersubjectividade” (idem, p.81).

E assim, sustentado pelo “princípio da solidariedade” (SANTOS, 2005), pude estabelecer laços e afetos nos encontros vivenciados com os trabalhadores de limpeza, bem como desvelar a beleza do cotidiano que está sempre em movimento. Por tal razão, “potencialmente indiciante”(PAIS, 2003, p.69). E ao lidar com o cotidiano, “O verdadeiro desafio é o de desvelar a vida social na textura ou na espuma da ‘aparente’ rotina de todos os dias, como a imagem latente de uma película fotográfica” (idem, p. 31. Destaque do autor).

Daí porque o ato de pesquisar pode ser entendido como um acontecimento único, sobretudo em Educação, cujo pertencimento é da área das Ciências Humanas, que exige um compromisso com o Outro. Pensar uma Educação comprometida com a vida é também uma forma de afeto, de responsividade e expressão política, tal como anunciou Bakhtin (1997) em seus escritos. Ou mesmo como traduz, poeticamente, Manuel Bandeira em seus versos sobre as tramas da vida, compreender que: “A vida vai tecendo laços/Quase impossíveis de romper/Tudo o que amamos são pedaços /Vivos do nosso próprio ser”³.

Nesse sentido, é interessante dizer como o Outro tem me afetado subjetivamente e me deslocado diversas vezes da minha postura de pesquisador. Nisso, foi preciso a todo instante está (re)vendo essa posição de pesquisador, através do Outro. Isto, certamente, é o que Bakhtin chamaria de exotopia. Explicando melhor,

Em qualquer situação ou proximidade que esse Outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: a partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua expressão-, o mundo atrás deles toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele(BAKHTIN, 1997, p. 21)

Levar em consideração esses conceitos me permitiu (re)ver minha atitude e as experiências vivenciadas com cada trabalhador. E a partir daí (re)pensar minha postura, meu posicionamento, pois, assim, “tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros – deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão a forma original da representação que terei de mim mesmo” (BAKHTIN, 1996, p. 278). Segundo Amorim (2004), é a partir da compreensão deste lugar exotópico que o encontro se dá entre os praticantes, possibilitando, inclusive, desconstruir uma

³BANDEIRA, Manoel. “A vida assim nos afeiçoa”, In: **Poesias**, p.33.

gramática acadêmica disciplinadora que se mantém sob o estatuto de um falso consenso e uma disfarçada convivência com as diferenças.

Foi deste lugar, então, que me vi tantas vezes inquietado, tentando romper certas barreiras para poder pensar sobre tantas outras coisas que nos cercam e nos põem sob as descontínuas indagações. “E pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é, sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece” (LARROSA, 2004, p.152). Estar ao lado desses trabalhadores, envolvido com seus diálogos e suas memórias, fez ressonância em mim, possibilitou-me viver a epifania do estranho-familiar. Com o coração aberto pude encontrar a própria forma e a maneira própria de conduzir o diálogo com esses trabalhadores/praticantes da universidade. Ou seja, pude desfazer qualquer verdade antecipada e descobrir a beleza de tantas histórias no meio do processo. Mais ainda, pude compreender que “A interpretação do passado só é experiência quando tomamos o passado como algo ao qual devemos atribuir um sentido em relação a nós mesmos” (LARROSA, 2010, p.135).

2.2. Os sujeitos que nos rondam: traços da (in)visibilidade e as marcas do silêncio

Na sociedade atual, exigente quanto aos níveis de escolaridade dos profissionais, ainda chama atenção o número de trabalhadores com uma trajetória escolar interrompida, que acaba tornando-os (in)visibilizados em seu próprio universo de trabalho, tal como ocorre com serventes, faxineiros, *office boy*, empregadas domésticas, pedreiros, camareiras, entre outros, por não fazerem parte do *establishment* da instituição ou da empresa em que atuam. A maioria desses sujeitos trabalhadores, geralmente com grande carga horária de trabalho, cai nas malhas da invisibilidade – embora estejam sempre entre nós.

Com a finalidade de compreender um pouco sobre o processo de (in)visibilidade e da falta de justiça cognitiva sofrida pelos trabalhadores, nos auxiliamos das ideias de Boaventura de Sousa Santos (2004, 2005, 2008, 2010) e Paulo Freire (1992, 1996, 1998, 2005, 2004), para refletir sobre aqueles que, na posição de subalternizados, são considerados como sujeitos destituídos de saberes. Para Sousa Santos, sem justiça cognitiva não é possível alcançar a justiça social. Certamente, isso também tem a ver com a democracia. Afinal, é uma vivência

democrática que potencializa sujeitos críticos. Ou seja, sujeitos que, pela práxis, podem, em liberdade, enunciar a “palavra verdadeira” (FREIRE, 1992). Assim, Paulo Freire diz:

Dizer a palavra verdadeira é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns humanos, mas direito de todos os seres humanos. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais (FREIRE, 1992, p.60).

Nessa mesma perspectiva ideológica, Santos (2010) vai dizer que o pensamento moderno ocidental é abissal, vez que ele cria uma linha (imaginária) através da qual se estabelece uma divisão radical de conhecimentos. Ou seja, o conhecimento válido ocupa apenas um lado da linha, ficando, do outro lado, apenas opiniões subjetivas, sem nenhum significado. Nas palavras de Santos,

Do outro lado da linha, não há conhecimento real, existem crenças, opiniões magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que, na melhor das hipóteses, podem torna-se objetos ou matéria-prima para inquirição científica (SANTOS, 2010, p. 34).

Daí por que muitas vezes, valendo-se de uma arrogância, deixa-se de lado muitas outras experiências sociais, o que implica, por consequência, um reducionismo epistemológico e cultural acerca da realidade. É o que Santos denomina de epistemicídio, haja vista que tal fato provoca um desperdício de ricas experiências cognitivas. Mais ainda: uma falta de diálogo entre culturas diferentes. Uma forma de descredibilização de práticas sociais de conhecimento que contrariam os interesses dominantes.

Nesse sentido, a divisão é tal que “o outro lado da linha” é produzida como inexistente. Portanto, os que estão *do* “outro lado da linha” são (in)visibilizados, na condição de inexistência. Inexistência significa, nas palavras de Santos (2010), não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. E é esse “outro lado da linha” que os trabalhadores de limpeza e conservação parecem ocupar, considerando a exclusão sofrida ao longo de suas trajetórias de vida. E assim se impõe um silêncio. Mas, ainda de acordo com o pensamento de Santos (2010), é uma forma de silêncio que se opera sem silenciamento. Ou seja, os invisibilizados, que estão do “outro lado da linha”, não têm como dizer o que na verdade poderia ser dito. E certamente por isso persistem zonas silenciosas de injustiças cognitivas e, por consequência, injustiça social.

Com efeito, para combater esse *modus operandi* de não-existência, Santos (2010) vai dizer que é preciso reverter a “razão indolente”, que não dá reconhecimento a outros modos de pensar, e, dessa forma, desperdiça a riqueza de experiências praticadas no mundo. Para tanto, formula, em sua área de conhecimento, dois procedimentos investigativos – teóricopráticos: “Sociologia das Ausências” e “Sociologia das Emergências”.

No que se refere ao primeiro, ele assim explica:

Trata-se de uma investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, activamente produzido como não existente, isto é, como uma alternativa não credível ao que existe. O seu objeto empírico é considerado impossível à luz das ciências sociais convencionais, pelo que a sua simples formulação representa já uma ruptura com eles. O objectivo da sociologia das ausências é transformar objetos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças (SANTOS, 2008, p. 102)

Portanto, é a partir da “sociologia das ausências” que se busca dar visibilidade ao que era invisível. Tornar existente o que até então não era existente. E isso parece ser o dilema provocado pelo pensamento ocidental moderno que só legitima uma forma de conhecimento. Ainda que a narrativa discursiva da ciência moderna dê reconhecimento à diversidade sociocultural do mundo, ela nega, contraditoriamente, a diversidade epistemológica de saberes.

E assim, tomando como referência o próprio fundamento da Sociologia das Ausências, Santos (2008) nos apresenta o conceito da Sociologia das Emergências, mostrando que elas mantêm entre si uma relação tanto epistemológica como metodológica. Portanto, ele a define da seguinte forma:

Enquanto a sociologia das ausências expande o domínio das experiências sociais já disponíveis, a sociologia das emergências expande o domínio das experiências possíveis. As duas sociologias estão estreitamente associadas, visto que quanto mais experiências estiverem hoje disponíveis no mundo mais experiências são possíveis no futuro. Quanto mais ampla for a realidade credível, mais vasto é o campo dos sinais ou pistas credíveis e dos futuros possíveis e concretos. Quanto maior for a multiplicidade e diversidade das experiências disponíveis e possíveis (conhecimentos e agentes), maior será a expansão do presente e a contração do futuro (SANTOS, 2008, p. 120).

A sociologia das emergências, de acordo com essa perspectiva, se apresenta como um método de investigação que se impõe como alternativa ao modelo hegemônico, dando visibilidade a práticas e saberes que ainda não foram plenamente reconhecidos no presente, mas se mostram uma “probabilidade de

esperança” (SANTOS, 2008). Logo, “O método é a ampliação simbólica das pistas ou dos sinais”(SANTOS, 2008, p.118).

É preciso, então, aprender com o Sul usando uma “epistemologia do sul” (SANTOS, 2010) de modo a produzir, pela via de outra experiência, um pensamento pós-abissal.Ou seja,o pensamento pós-abissal se faz forjado numa “ecologia de saberes” – expressão cunhada por Santos, cuja definição ele assim expressa:

É uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento (SANTOS, 2010, p. 53).

Nesse sentido, o pensamento pós-abissal tem como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimentos, que não se limita ao conhecimento científico.Ao contrário, confronta essa hegemonia da ciência moderna com uma ecologia de saberes. Por isso, Santos (2010) relata que “A copresença radical significa que agentes de ambos os lados da linha são contemporâneos em termos igualitários” (SANTOS, 2010, p. 53). Daí porque a “ecologia de saberes”, que exercita uma vigilância epistemológica, nos permite ampliar a visão não só em relação ao que conhecemos, mas, sobretudo, em relação ao que é desconhecido, pois mesmo quando postos em situação de ignorância acerca de algum conhecimento, a “ecologia de saberes” não nos autoriza pensar que isso é uma condição de impossibilidade. Na verdade, “somos ignorantes de certos conhecimentos, mas não de todos” (SANTOS, 2010).

Ao levar em conta que o conhecimento científico, reconhecido oficialmente, não está distribuído igualmente, promovendo em larga escala uma injustiça social e, conseqüentemente, uma “injustiça cognitiva”, o pesquisador, na interação com os sujeitos da pesquisa, precisa compreender que “(...) a ignorância não é necessariamente um estado original ou um ponto de partida” (SANTOS, 2008, p.158). Assim, nesse encontro entre os sujeitos, prevalece a ideia de que “A ecologia de saberes tem de ser produzida ecologicamente: com a participação de diferentes saberes e seus sujeitos” (idem, idem, p.159). É, portanto, um **encontro**, de fato. Não simplesmente um ritual de cumprimento de etapas de pesquisa. Nesse

encontro é onde se efetiva a “busca de convergências entre conhecimentos múltiplos” (SANTOS, 2008, p.161).

Posto isso, é curioso pensar que os trabalhadores de limpeza e conservação tornam-se (in)visibilizados dentro de uma universidade, que se propõe a ser o *lócus* da produção do conhecimento, sobretudo quando se leva em consideração que seus atores sociais fazem parte de uma elite intelectual. Apesar de a academia ter um discurso voltado para as classes subalternizadas e excluídas dos sistemas formativos, é nesse próprio espaço que os trabalhadores de limpeza e conservação são ignorados, ficando **do outro lado da linha**. Esses trabalhadores são, em sua grande maioria, homens e mulheres com trajetórias de vida marcadas pela exclusão escolar, pela marginalização de acesso aos bens de consumo e a empregos melhor remunerados. Portanto, são sujeitos negados em seus saberes-fazer – silenciados em suas práticas culturais cotidianas.

Para romper com o pensamento moderno ocidental abissal e ser coerente com a perspectiva da ecologia de saberes, necessário se faz dar visibilidade à(s) história(s) desses sujeitos e, ao mesmo tempo, conhecer a leitura de mundo que cada um possui, suas especificidades, seus sonhos, seus desejos, uma vez que é no diálogo, do ponto de vista freiriano, que os sujeitos expressam suas opiniões, seus anseios e esperanças. É preciso escutá-los, e, mais ainda, enxergá-los como sujeitos produtores e portadores de cultura.

Mas, afinal, quem são os nossos protagonistas? Apresentamos (mais diretamente) seis trabalhadores⁴ que fazem parte desta dissertação. Com a palavra:

- Senhor Ubirajara:

Tenho 54 anos. Eu moro aqui nos Santos Dumont...(Bairro de Maceió, próximo a Universidade Federal de Alagoas). Nasci em Rio Largo (Interior de Alagoas). Estudei pouco coisa, de 2 a 3 meses. Trabalho(sic) aqui há mais de 20 anos. Eu pego aqui no trabalho de 7 horas às 11... e depois 1 hora às 5 (13h às 17h) e eu trabalho (sic) aqui na Reitoria. Já trabalhei (sic) no Centro Cirúrgico do Hospital...eu era seqüentário (sic) do centro cirúrgico.

⁴ Todos os nomes são fictícios. Eu gostaria de trabalhar com os nomes reais das pessoas já que é assim que os estudos do cotidiano fazem, mas, por uma exigência do comitê de ética da Universidade Federal de Alagoas, isso não nos foi possível. Portanto, essa é uma das exigências estabelecida pelo Comitê de Ética Pesquisa (CEP), desde o início da submissão do projeto (2014).

- Abayomi:

Tenho 56 quantos anos. Eu moro aqui em Maceió, no Vilage. Mas nasci e me criei em Quebrangulo (interior de Alagoas). Sou divorciado (Sic). Tá com mais de 14 anos que trabalho aqui. Só aqui dentro da UFAL. Há eu já trabalhei de servente...pedreiro ne...já trabalhei de armador de ferragem que faz...armar os pilar...preenche de concreto...Nunca estudei...poucas vezes(...) Já entrei dentro da escola, já olhei...bendizer eu já fui numa escola. Mas, que eu não estudei nessa época. Era muito difícil. Era no tempo daquela MOBREAL que o povo colocava nas fazendas...Aquelas livros da MOBREAL...aquelas cartilhas que...aí pronto era muito difícil, porque trabalhava no interior... cheguei a ir uns 3 meses.

- Araci:

É bonito meu nome (risos). Araci.Tenho 62 anos, Fiz agora dia 4, mês passado. (Pesquisador interrompe a fala e dá os parabéns a Araci.). Moro no bairro Clima Bom aqui próximo daqui da Universidade. Nasci num lugar chamando Caranguejo (risos). É aqui em Alagoas, mas ele é o interior de Quebrangulo. É em Quebrangulo. Eu estudei até o Ensino Fundamental incompleto. Até a 5ª série normal, depois fiz o Telecurso. Telecurso você faz tudo em um ano só. Quando eu comecei a trabalhar faltava um livro aí eu não terminei esse livro, aí eu não terminei o Ensino Fundamental. Eu fiz esse telecurso para terminar a 8ª, mas eu não terminei, porque até o momento eu acho que não terminei. Passei em todas as matérias, só matemática que ficou “rolando no meio”. Pedi a Deus e orar para ele refrescar minha mente né e eu aprender matemática né isso, principalmente dividir...multiplicar. Somar, tudo bem. Mas essas duas matérias(referindo-se: divisão e multiplicação). Paguei todas as matérias, mas fiquei em matemática. Mas eu não desisti. Eu fiquei tentando e nem sei se passei, porque se eu passei, vou logo para o Ensino Médio.

- Caeté:

Saía do sítio para ir ao outro sítio...Eu repeti a 4ª série duas vezes...porque era distante... Mas, não era porque eu não passava, era porque eu não ia pra aula era distante naquela época eu não ia sair sozinha, senão eu tinha feito duas faculdades...eram porque eu era inteligente, viu! Eu era! Meu nome é Caeté. Minha idade tá um pouquinho maior, porque na época eu era de menor tinha que ser pessoas maior e pra sair de Pernambuco a Alagoas pessoas de maior. Tenho 48 anos, mas no registro 55 anos. Eu considero 55 anos, é o que tá lá no registro, porque botaram 6 a mais. Eu fui registrada em Pernambuco. Moro na Santa Lúcia, Maceió. Nasci em São José da Laje, mas fui morar em Pernambuco. Não tenho filhos, sou solteira. Eu terminei o 2ª grau (Ensino Médio).

- Mara:

Tenho 42 anos de idade, moro próximo à Universidade – no bairro chamado Santos Dumont. Nasci aqui mesmo em Maceió. Só que quando criança fui

morar no interior de Alagoas. Concluí o Ensino Médio. Fiz alguns cursos...curso de cabeleireira e informática. Há três eu tento o vestibular. Trabalho aqui na limpeza, na UFAL há mais de 6 anos. E antes de trabalhar aqui já trabalhei em usina como auxiliar de óleo, telefonista e vendedora de cosmético.

- Tainará:

Tenho 31 anos, e moro próximo daqui (da Universidade), no Santos Dumont. Concluí o Ensino Médio. Comecei a estudar com 6 anos, no interior em São Luiz do Quitunde. Eu nasci aqui, mas fui morar no interior. Fui morar no interior com essa idade...quando minha avô morreu. Quando meu avô morreu, meu pai foi morar no interior, perto da minha avó. Aí comecei estudar lá. Antes de trabalhar de limpeza já trabalhei em Casa de família (doméstica). Eu estou fazendo Conexão dos Saberes (Pré-vestibular ofertado pela UFAL para comunidade carente). Fiz uma prova. Esta prova é tipo o Enem. É tipo cheio de regras. As regras para fazer essa prova são as mesmas regras do ENEM. Mas eu competi com todo mundo. Porque a maioria é que está terminando o Ensino Médio. Eu não passei de primeira. Eu fiquei habilitada. Eu não fiquei de primeira, eu fiz 422 pontos, aí depois me chamaram. Eu fiz a matrícula e comecei a estudar.

Os nomes fictícios acima escolhidos remetem à cultura tupi-guarani. E foi dessa forma que quisemos homenagear os sujeitos praticantes que dão um sentido plural e uma estética singular para esta dissertação. São praticantes cuja força e histórias de vida nos permitem uma maior sensibilidade para transformar ausências em presenças.

Vale também dizer que muitos outros trabalhadores de limpeza e conservação da Universidade Federal de Alagoas compuseram o *corpus* de nossa pesquisa. Um total de 35 trabalhadores. Entretanto, dada a riqueza de suas práticas, não nos foi possível contemplar a todos. Foi preciso selecionar desse universo apenas 6 trabalhadores. Para tanto, estabelecemos os seguintes critérios: maior número de contatos (viabilizado pelos horários de encontro); contemplação dos dois gêneros (masculino e feminino); tempo de atuação laboral na Universidade.

3. OLHAI OS TRABALHADORES DO *CAMPUS*: diálogos além das palavras

Antes de qualquer discussão mais específica, cabe prestar conta desta intertextualidade que vaza no título deste capítulo com o romance de Erico Veríssimo, *Olhai os Lírios do Campo* (1938) que, por sua vez, faz uma alusão ao *Sermão da Montanha*⁵, advindo do discurso religioso, em que a fé se contrapõe ao materialismo. No romance de Veríssimo, a narrativa se concentra no efeito devastador do sistema capitalista sobre a vida dos personagens, o que os coloca num conflito permanente entre a decisão de manter a estabilidade financeira ou viver a plena felicidade ao lado de quem verdadeiramente se ama.

Seja pela voz do romance de Erico Veríssimo, seja pelo que se expõe de eco do campo discursivo religioso, queremos chamar atenção para o fato de, além da intertextualidade com o texto bíblico e o próprio romance, é possível dizer, falando de outro lugar, que nos diálogos mantidos com os trabalhadores também se fez ouvir uma espécie de “sermão” em muitas falas desses trabalhadores de limpeza. A cada conversa, é como se eles dessem, de alguma forma, uma lição de vida através de suas práticas “ordinárias” (CERTEAU, 2010) e culturais, sempre tão invisibilizadas pelos que parecem donos da verdade, sobretudo nos espaços da universidade. Muitas vezes fui surpreendido, quase a contrapelo, pela contracorrente das palavras que me levava, tal como disse Clarice Lispector (1976), a “um horrível mal estar feliz”. As lições me chegavam como uma espécie de conselho, pois nelas continham as experiências desses narradores praticantes, que escapam completamente do sentido de uma lição de moral. De acordo com Benjamin (1987),

O narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se ‘dar conselhos’ parece hoje algo de antiquado é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros (op. cit., p.200. Destaque do autor).

No romance de Veríssimo, Olívia (uma mulher religiosa) escreve uma frase a Eugênio (quase um ateu), chamando atenção para o valor da simplicidade. A personagem Olívia do romance de Veríssimo nos faz lembrar a trabalhadora Araci, que também é muito religiosa e buscou, por meio de sua religião, um sentido para a

⁵O *Sermão da Montanha* é um discurso de Jesus. Ele pode ser lido no Evangelho de Mateus (Caps. 5-7) e no Evangelho de Lucas (Fragmentado ao longo do livro).

vida. Assim, Araci nos diz: “Deus é tudo em nossas vidas. Deus ele pode tudo. Deus ele cura. Deus ele liberta”. Ao falar sobre Deus, Araci revela seu sonho:

Araci: Meu sonho... **meu** maior sonho da **minha** vida era ser...sonho...sonho! Sonho mesmo... era ser psicóloga! E eu ia trabalhar com pessoas da rua. Do lixão. **Quem nem uma folha seca.**

Pesquisador: Por que esse público?

Araci: Aquele povo ali precisa. Aquele povo dali precisa de uma palavra. Tem coisa melhor do que você chegar e você está triste ali sem nenhuma expectativa de vida...passou a noite todinha ali. Dormiu ali. Levantou e num tinha o que comer. Quando olhou pro outro não tinha nada. Sem expectativa de vida. Então era com aquelas pessoas ali que eu ia **conversar**. Eu ia **falar**. Eu ia falar de Deus pra ele. Eu ia procurar alguém que pudesse ajudar aquela pessoa. Se eu tivesse como ajudar, eu iria ajudar. Outro dia eu fui fazer o cartão do SUS. E tinha um cidadão que estava com uma garotinha, pequeninha, e eu neste dia não tinha nada pra dar aquela menina. Ela veio me pedi um dinheiro para comprar o pão. É triste, né? A pessoa amanhecer o dia e não ter um pão p'ra dar uma criança. A gente vê um homem daquele ali no chão e sabe que aquele cidadão tem uma família. Eu já vi testemunho assim. Tenho vontade de fazer essa parte. E eu vou fazer em nome de Deus! A gente sabe que aquele cidadão que está li, com um monte de lençol, cabelo de grude, sem ter tomado um banho e sem ter pegado um pouco de água, a gente sabe que aquele cidadão tem uma família. A gente vai fazer o quê? A gente vai conversar com ele e vai saber que ele tem uma família, através dali que a gente vai procurar a família dele e entregar ele à família. Chegar nessas pessoas sem expectativa de vida e **dar uma palavra.**

Pesquisador: O que é dar uma palavra? O que seria dar uma palavra?

Araci: Uma palavra de conforto. Uma palavra de consolo. Uma palavra de paz. Olha dizer assim “Deus é o tudo em nossas vidas. Deus ele pode tudo. Deus ele cura. Deus ele liberta”.

Certamente, expõe-se no diálogo o discurso religiosoda trabalhadora. Mas o que merece destaque é o seu sonho. Araci acalenta o sonho de ser Psicóloga. Mas é um sonho que vai além de uma mera vontade de entrar no ensino superior. Não é apenas uma vaidade ou uma necessidade de completar sua escolaridade, pelo que pudemos compreender. O seu sonho é marcado por um propósito. Ela quer “dar a palavra”. E “dar a palavra” não é um gesto qualquer. Ao contrário, implica “dar a alteridade constitutiva das palavras: o que nelas se nos oferece plenamente e sem reservas” (LARROSA, 2004, p. 21), ou seja, estar desprovido de qualquer sentimento de poder ou domínio. O “dar a palavra” assemelha-se ao que Larrosa (2004) chamou de “dar a ler”, sobretudo quando ele diz que “a força atuante do ‘dar a ler’ **só é generosidade**: não apropriação das palavras para nossos próprios fins, mas desapropriação de nós mesmos” (p.22. Grifo nosso). Um gesto de amor, tal como Lacan (1998) definiu: “O amor é dar o que não se tem” (p.230). Não por acaso “dar a palavra” tem a ver com fecundidade, uma vez “[...] que não será nossa

palavra nem a continuação de nossa palavra porque será uma palavra outra, a palavra do outro” (LARROSA, 2004, p. 30).

Assim, Araci mostra-se sábia quando, ao se colocar a serviço das palavras, compreende que “sua paixão comunicativa [precisa ser feita] também de generosidade e desprendimento” (idem, p.25). O significante “dar” ressoou para além de coisas materiais, sem que talvez nem mesmo ela tenha consciência disso. Atravessada certamente pelo discurso religioso, disposto na leitura cotidiana de “sua” bíblia, e também pelo cotidiano da vida universitária, repleto de tantas palavras, Araci foi tocada pela paixão de “receber as palavras, e dá-las” (LARROSA, 2004, p.31), para que elas possam fazer outros pousos e abarcar outros sentidos.

Talvez, por isso, Araci não se baste com o seu lugar evangélico para difundir a palavra de Jesus, tal como o pastor prega na igreja. Ela quer ser uma Psicóloga, pois certamente ao seu modo tenha compreendido que a verdade se faz no indizível, para além do que foi dito – num vazio vivo, que se revela criador e fecundo. Um silêncio interior, no qual “a palavra que se ouve é a palavra perdida que nunca voltará; a que chegou e se foi e a que, sem se poder evitar, se perde” (LARROSA, 2004, p.41). Mais do que “pregar” a palavra, é preciso libertá-la à escuta do outro. Possivelmente, é isso que se faz da posição de um psicólogo. É como se Araci se aliasse a uma atitude freiriana de olhar o outro: “[...] ninguém pode dizer a palavra verdadeira [...] num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais” (FREIRE, 1987, p.44).

E são as pessoas “da rua”, “dos lixões” a quem Araci quer “dar a palavra”. Através dessas pessoas que vivem à margem, Araci se reconhece, mas, ao mesmo tempo, também estranha o abandono. É uma espécie de “estranho familiar”⁶ que nela provoca, provavelmente, uma sensação de desamparo e angústia. Embora ela use expressões do tipo “uma palavra de conforto”; “uma palavra de consolo”; “uma palavra de paz”; “Deus é o tudo em nossas vidas”; “Deus ele pode tudo”; “Deus ele cura”; “Deus ele liberta”, em cujos enunciados ressoam o discurso religioso, é do lugar de Psicóloga que ela quer “dar a palavra”, creditando nessa palavra o poder de cura e de plena liberdade. Através de sua sabedoria, Araci parece compreender que a justiça cognitiva potencializa a justiça social.

⁶LACAN, Jaques. O estádio do espelho na formação da função do eu. In: LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Do mesmo modo que Olívia sensibiliza Eugênio citando os trechos bíblicos do Sermão da Montanha “*Considerai os lírios do campo. Eles não fiam nem tecem e, no entanto, nem Salomão em toda a sua glória se cobriu como um deles*”⁷, Araci nos sensibiliza e nos permite olhar para aqueles que estão “do outro lado da linha” (Santos, 2011). Ou seja, praticantes, como ela, invisibilizados pela sociedade.

Nesse diálogo com Araci, pude perceber que em suas palavras, embora ainda tão marcadas pelo viés ideológico religioso, também sobressaem ecos de outras vozes alheias, possivelmente advindas de sua convivência com o ambiente universitário. Atravessada por tantas e diferentes palavras, Araci expõe onde se forja sua “experiência discursiva individual” (BAKHTIN, 2003). Tal como diz Bakhtin,

Por isso pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertence a ninguém: como palavra *alheia* dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e por último, como a *minha* palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. Nos dois aspectos finais, a palavra é expressiva mas essa expressão, reiteramos, não pertence à própria palavra: ela nasce no ponto do contato da palavra com a realidade concreta e nas condições de uma situação real, contato esse que é realizado pelo enunciado individual (BAKHTIN, 2003, p.294. Destaques em itálico do autor).

Daí porque a “experiência discursiva individual” (BAKHTIN, 2003), que bem expressa as marcas subjetivas de seu sonho de ser psicóloga para sentir-se fortalecida em “dar a palavra”, é efeito dessa interação com a “palavra alheia” (Bakhtin, 2003). Mas palavra tem um potencial criador, pois produz sentidos na rede das práticas sociais e fazem do cotidiano um “espaço praticado” (CERTEAU, 2009_a).

Neste passeio pelo *campus* universitário, é possível olhar para esses trabalhadores de limpeza e conseguir compreender, através de nossos diálogos, que elestransformam o seu silêncio numa possibilidade de experiência fecunda. E isso é o modo tático como se dá os “[...] jogos entre o forte e o fraco, e das ‘ações’ que o fraco pode empreender” (CERTEAU, 2009_a, p.91), para mostrar suas “[...] astúcias de interesses e de desejos *diferentes*” (idem, p.92. Destaque em itálico do autor).

⁷Esta frase é do **Sermão da Montanha**, mas também foi citada no romance de Érico Veríssimo, tal como referenciado anteriormente.

3.1. A saga itinerante de um *flâneur*⁸: um olhar (dis)traído pelos encantos do cotidiano

Ao nos dispor a realizar uma pesquisa sobre os trabalhadores que atuam no serviço de limpeza e conservação de uma universidade pública, estamos cientes de que é preciso, antes, permitir-nos ocupar a posição de um *flâneur*, passeando pelo *campus* para admirar a estética que ali se produz em virtude de tantas pessoas – e histórias, que, sob determinada (des)ordem de um cotidiano, se cruzam em silêncio. Colocar sob o olhar investigativo algo que nesse espaço se passa, é procurar tirar o véu dessa rotina/retina – descortiná-la de suas vãs aparências. Como diz Benjamin (2000), é autorizar-se a ver “a cidade sem disfarce”. E isso significa poder implicar(-se) com este **contexto** que ali se inscreve a cada dia. Por isso, é preciso caminhar pelo *campus*, vagando pela sua geografia e redescobrimo seus espaços com a presença jubilatória do outro, porque é desse modo que “[...] o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial” (CERTEAU, 2009_a, p. 165). Ou seja, “O ato de caminhar perece, portanto, encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação” (idem, p. 164).

Nas trilhas desse percurso, numa saga itinerante, nos pusemos em busca dos “lugares” de encontro desses trabalhadores – sujeitos da pesquisa. Em princípio, parecia uma “tarefa simples”. No entanto, conforme dito anteriormente, ela demandou esforço físico para localizar “nossos sujeitos” espalhados pelo *campus*, pois são muitos os trabalhadores que desempenham atividades de limpeza e conservação nessa universidade – *lócus* da pesquisa. Ir ao encontro do desconhecido para (me) expor a minha ignorância. Mais do que falar, certamente vou precisar ouvir sobre aquilo que não sei e ao mesmo tempo me fascina.

Nessa travessia pelo *campus*, tentando, inclusive, localizar o setor que eles assinam o seu ponto⁹, nos deparamos com alguns deles, em hora de descanso,

⁸ O termo *flâneur* é utilizado no texto como uma metáfora à atitude do pesquisador, que se faz exposto ao universo da pesquisa. *Flâneur* é um termo francês, cujo significado é 'passeante'. A palavra *flânerie* se refere à atividade própria do *flâneur*: vagar pela cidade, passear sem rumo, aberto a todas as vicissitudes e as impressões que estão ao redor. Foi um termo utilizado por Walter Benjamin que, a partir da poesia de Charles Baudelaire, chama atenção para este observador privilegiado da vida moderna – o *flâneur*. O poeta Baudelaire (1997) via o *flâneur* como um “observador apaixonado” das cidades e das multidões que as compõem, um olhar sobre a vida ordinária. Para maiores esclarecimentos ver: Benjamin (1994) e Baudelaire (2001), ROUANET (1992)

⁹Vale dizer que os trabalhadores de limpeza, que atuam na universidade, são funcionários de uma prestadora de serviço. Portanto, são funcionários terceirizados – uma das novas formas de

numa grande roda de conversa. Ao nos aproximarmos do grupo, pudemos perceber que eram trabalhadores de diferentes idades e gêneros humanos. A conversa entre eles parecia animada, sentados à sombra do prédio da reitoria. Um momento de pausa e cumplicidade entre eles. Nesta amizade em que se “[...] abrem as portas para uma hospitalidade sideral, sem impor condições” (SKLIAR, 2014, p.50).

Aproveitamos a ocasião para conhecê-los informalmente e também fazer uma breve apresentação sobre o objetivo de nossa pesquisa. E eles foram receptivos e pareciam até mesmo entusiasmados com a possibilidade de serem os protagonistas de uma “história”, sugerindo outros nomes de colegas, que ali não se encontravam – para fazerem parte da pesquisa.

Apesar de os primeiros contatos com esses trabalhadores terem se dado de modo informal, através deles já foi possível, ao compartilhar dessa roda de conversa, bem como de outros encontros fortuitos (para identificação de seus lugares de trabalho), nos darmos conta das angústias e das alegrias, cada vez que nos dispúnhamos a escutar um pouco da(s) sua(s) história(s) – trabalhadores, em geral, excluídos, logo cedo, do contexto escolar. Nessas primeiras conversas (ainda sem a aparelhagem dos instrumentos de pesquisas), como forma tática de aproximação, nos foi narrado, por muitos, que nem sequer tiveram a oportunidade de conhecer a escola.

Ao participar dessas conversas, em suas horas de descanso, percebemos a importância de se poder, de fato, dar voz àqueles que foram silenciados em seus saberes. Assim, “**fala-se deles** mais do que eles falam e, quando falam aos dominantes, tendem um discurso emprestado, o que os dominadores usam” (BOURDIEU, 2007, p. 69. Grifos nossos). Trata-se, então, nas tentativas de narrações sobre suas histórias, de oferecer escuta e, ainda mais, “de dar voz àqueles cujo discurso foi calado ou teve pouca influência no discurso dominante” (PARANÁ, 1996, p.317).

A partir desses encontros, realizamos inicialmente um mapeamento dos trabalhadores. Daí que foi preciso selecionar algumas categorias para o

organização do trabalho. A terceirização tem como finalidade o repasse de certos serviços a outras empresas. Segundo autores e estudiosos da área da sociologia do trabalho, o processo de terceirização é uma forma de precarização das relações de trabalho. Entretanto, não é o propósito deste trabalho deter-se nessa discussão. Para maiores esclarecimentos, ver autores, como: DRUCK (2007, 1999); MARCELINO (2004); PEREIRA (1997); POCHMANN (2000).

mapeamento dos referidos trabalhadores. Nesse sentido, selecionamos as seguintes categorias: prevalência do gênero humano; faixa etária; etapas de escolarização. Esse levantamento nos revela que toda pesquisa é de fato um “querer saber”. Como diz Freire, “A construção ou a produção do conhecimento implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de “cercar” o objeto” (FREIRE, 1996, p. 85).

3.2. (A)colhendo os dados iniciais: os primeiros passos da pesquisa

Através de observações empíricas das práticas laborais pelos trabalhadores exercidas no dia a dia (limpeza de sala de aula, banheiros, sala de professores, áreas comuns), que levam a uma convivência diária com professores e alunos universitários, fui inquietado por uma (in)visibilidade forjada que se traduz, muitas vezes, em atitudes de indiferença dos que ali circulam – como se a presença deles já estivesse naturalizada e nenhuma curiosidade, tanto afetiva como epistemológica, recaísse sobre essa massa de trabalhadores. Assim, dessa inquietação inicial originaram-se as seguintes questões: quem são os praticantes (in)visibilizados no/pelo cotidiano de uma instituição de ensino? Quem são esses praticantes que cuidam da limpeza da universidade sem “poder” usufruir dos processos formativos ali produzidos? Como esses trabalhadores forjam seu cotidiano, considerando a sua convivência diária em um lugar acadêmico rodeado de alunos e estudantes, além de estarem expostos a livros, cartazes, folder, etc?

Há inúmeras perguntas que aí se desdobram, uma vez que eles parecem sujeitos esquecidos, vivendo à margem do discurso que a própria instituição “professa” em seus estudos e pesquisas. Essas inquietações nos levaram a colocar em destaque algumas categorias que, no momento inicial da pesquisa, pareciam nos ajudar a procurar respostas para as nossas indagações, procurando compreender alguns aspectos do contexto sociocultural desses praticantes. Era preciso ter um ponto de partida para ir buscando outras trilhas para o percurso da pesquisa. Para tanto, nos ocupamos de fazer um levantamento de alguns dados, no setor administrativo da empresa (à qual os trabalhadores são vinculados), referentes às seguintes categorias: gênero, faixa etária, etapas de escolarização.

Ao dar início ao levantamento, logo nos demos conta do número expressivo que esses trabalhadores de limpeza e conservação representam dentro de nossa

instituição. Embora sejam funcionários terceirizados, eles convivem diariamente no *campus* universitário, realizando suas atividades laborais de limpeza em diversas unidades de ensino e setores administrativos da Reitoria. Esses trabalhadores circulam pelo *campus* da universidade utilizando uniformes próprios da empresa, algo que já nos pareceu relevante, considerando que, exceto eles, mais ninguém usa uniforme para “prestar serviços” à universidade. Nem mesmo os funcionários administrativos efetivos da instituição. Podemos considerar que uniformes de trabalho têm um significado simbólico. Eles não deixam de ser, especialmente nesse contexto de trabalho, um signo de submissão. Ou seja, dar visibilidade à invisibilidade desses funcionários que certamente muitos devem considerar que, além de eles serem terceirizados, se ocupam meramente da limpeza e conservação da instituição. Nada tendo a ver, então, com o *statusquo* de uma universidade. Com efeito, o fato de usarem uniformes faz com que, de certa forma, não se “confundam” com os demais atores sociais que também convivem nesse espaço. O uniforme imprime um padrão de comportamento como mecanismo camuflado de controlados trabalhadores e ao mesmo tempo de vigilância sobre os atos de insubordinação, o que não deixa de funcionar como um instrumento ideológico. Notamos assim que essa universidade terceiriza um grande número de trabalhadores, com os quais ela pouco (ou nada) se “envolve”. Na verdade, talvez seja este o sentido da terceirização: demarcar o não pertencimento desses trabalhadores nos espaços da universidade.

Do universo de 213 funcionários, selecionamos aleatoriamente apenas 35 sujeitos para esse levantamento de dados iniciais.

1– Quadro– Quantidade Total e Quantidade levantada

Trabalhadores	Quantidade
Quantidade de trabalhadores de limpeza e conservação que atuam na IES	213
Quantidade levantada	35

Fonte: pesquisa UFAL-2014/2015.

Após mapear esse universo de trabalhadores (35), nosso **critério de seleção** do número de sujeitos com os quais manteríamos uma conversa mais efetiva foi baseado nos horários de trabalho (em compatibilidade com o horário do

pesquisador) e o setor em que realizavam as suas atividades. Nossa preocupação era equacionar **horário** e **local**. No tocante à escolha dos locais, a intenção foi contemplar uma variedade de faculdades ou/e unidades¹⁰ (e, conseqüentemente, cursos), que também desenvolvem ações de ensino, pesquisa e extensão. Mas antes de tratar dos dados mais específicos, vamos mostrar alguns dados quantitativos levantados acerca dos 35 trabalhadores.

Dos 35 trabalhadores selecionados para compor o *corpus* da pesquisa, há uma diferença significativa em relação ao gênero. Chama atenção a prevalência de mulheres, tal como mostra o quadro a seguir:

2 – **Quadro**–Quantidade de trabalhador por gênero humano

Gênero Humano	Quantidade	Porcentagem
Feminino	25	71,4%
Masculino	10	28,6%
Total	35	100%

Fonte: Pesquisa UFAL- 2014/2015.

Como se pode perceber, são as mulheres que representam um maior número de trabalhadores, especialmente nesse tipo de serviço de limpeza e conservação. Desse modo, há uma predominância do gênero feminino, com o percentual de 71,4%, enquanto o gênero masculino equivale apenas a 28,6% desses 35 trabalhadores selecionados para a pesquisa. Apesar de isso significar uma presença mais expressiva de mulheres no mundo do trabalho, é curioso observar que as funções que elas assumem nesse mercado são aquelas que se assemelham aos afazeres domésticos. Possivelmente, no ato de contratação, elas devem ser privilegiadas. E tal privilégio deve ser atravessado por uma concepção de que as mulheres “entendem de limpeza”. Ou seja, o trabalho de limpeza e conservação é, geralmente, associado a “serviço de mulher”, como se as mulheres tivessem o **know-how**¹¹ para desenvolver essas atividades com mais cuidado e

¹⁰ Em dezembro de 2003, o MEC aprovou o estatuto desta universidade – que se constitui o *lôcus* de nossa pesquisa, contribuindo para impulsionar a reconstrução de todas as suas instâncias administrativas e acadêmicas. Assim, em 2006, foram criadas as **Unidades Acadêmicas** (estrutura e funcionamento atual) desta universidade, denominadas como Faculdades ou Centros.

¹¹ **Know-how** é um termo anglófono utilizado para descrever o conhecimento prático sobre como fazer alguma coisa. O termo *know-how* foi criado em 1838, podendo ser um equivalente dos termos *savoir-faire* e **conhecimento processual**. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Know-how&oldid=38313735>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

“capricho”, características consideradas femininas pela ideologia dominante do androcentrismo. Além disso, são elas que parecem estar mais disponíveis para trabalhos que exigem pouca escolarização. Afinal, foram as mulheres, em sua grande maioria, que tiveram a suas escolaridades precocemente interrompidas e excluídas do espaço público no que se refere a atividades econômicas de maior prestígio social.

Outro aspecto que nos chama atenção é a prevalência de trabalhadores com idade entre **30 e 39 anos**, como apresenta o quadro a seguir:

3 – Quadro – Quantidade de trabalhador por faixa etária

Idade	Quantidade	Porcentagem
18 a 20 anos	3	8,6%
20 a 29 anos	7	20%
30 a 39 anos	16	45,7%
40 a 49 anos	5	14,3%
50 a 59 anos	4	11,4%
Total	35	100%

Fonte: Pesquisa UFAL – 2014/2015.

Considerando os 35 sujeitos da pesquisa, percebemos que os trabalhadores com idade entre 30 e 39 anos representam 45,7%, o que equivale a 16 trabalhadores. Diferentemente, os trabalhadores com idade entre 18 e 20 anos são os que apresentam um menor percentual – apenas 8,6%. Já os trabalhadores com idade entre 50 e 59 anos representam uma percentagem de 11,4%. As idades compreendidas entre 30 a 39 anos são consideradas, pelo mercado de trabalho, como o período etário mais produtivo, ao contrário do grupo que está na faixa etária entre 50 e 59 anos que nesse cenário, aparece com um percentual bem inferior ao do grupo acima citado.

Mas, por ora, podemos levantar a hipótese de que tal realidade pode indiciar duas possibilidades: que essa faixa etária sempre representa o maior peso no mercado de trabalho, sobretudo, com o crescimento dessa faixa etária como um

todo; ou que essa prevalência tem a ver com a escolaridade desses sujeitos, considerando o tipo de atividade que exercem – vista como um serviço pouco qualificado. Daí que os jovens – com mais escolaridade, talvez não apresentem um percentual tão alto nesse tipo de trabalho.

Esses trabalhadores são, em sua grande maioria, homens e mulheres com histórias de vida marcadas pela interrupção escolar. Desse modo, vejamos a seguir o quadro que nos revela a trajetória de escolarização desses sujeitos.

4 - **Quadro**- Trajetória Escolar dos trabalhadores

Trajetória escolar	Quantidade	Porcentagem
Concluíram o Ensino Médio	10	28,6%
Não concluíram o Ensino Médio	23	65,7%
Não frequentaram a escola	2	5,7%
Total	35	100%

Fonte: pesquisa UFAL – 2014/2015.

Ao fazer a leitura do quadro anterior, percebemos que a grande maioria, com o percentual de 65,7%, que equivale a 23 trabalhadores, não concluiu o ensino médio. Apenas 10 dos 35 investigados concluíram o ensino médio e 2 não tiveram acesso à escola. Desse universo de trabalhadores, constatamos que um deles ingressou no ensino superior. Embora a oferta de tal ensino tenha se ampliado, considerando os cursos de graduação na modalidade de Educação a Distância (EaD), PROUNE¹² e as faculdades particulares, os referidos trabalhadores continuam fora desse sistema de ensino. Até mesmo os que se encontram na faixa etária entre 18 e 20 anos. Contraditoriamente, convivem num espaço universitário.

Em relação à história de escolarização dos sujeitos que não concluíram o ensino médio, alguns confirmaram não ter frequentado a escola, ou seja, 2 dos entrevistados não frequentaram a escola. Assim, um deles disse:

¹² O PROUNI é o programa do Ministério da Educação que oferta bolsas de estudos parciais (de 50%) ou integrais, em instituições privadas de educação superior em cursos de graduação.

[...] eu vivi e morei na fazenda com a minha família e lá não tinha escola. Andávamos até nu...correndo nos matos. Nem roupas tinha. Quando eu vi mora aqui já era home, e fui logo trabalhar.

Como boa parte deles veio da zona rural, assim, a ausência e a distância das escolas foram uma realidade frequente, cenário esse que colaborou para que os sujeitos continuassem à margem do processo de escolarização. Percebemos ainda, que não somente esse fato, mas também as péssimas condições de vida os levaram a lutar pela sobrevivência em detrimento dos estudos. As conversas revelaram que, muitas vezes, essas pessoas, em virtude das condições financeiras, tiveram que abandonar os estudos, em função do trabalho, mas algumas delas sentem vontade de retornar aos estudos:

[...]Jeu tenho vontade de voltar para sala de aula...Quando era mais nova queria fazer faculdade de assistente social...Hoje eu quero que meus filhos façam...Eu quero fazer um curso, porque faculdade são 4 anos...eu tenho vontade, mas quando chego em casa é 8horas da noite.

[...] Se eu perder esse emprego um dia...eu tenho um sonho: voltar a trabalhar de auxiliar de enfermagem...tão bom! Tenho que estudar mais...Mas tenho medo de trabalhar como auxiliar de enfermagem....Eu trabalho aqui, fico pensando: vai que eu deixe aqui e lá também não dê certo.

Mas eles foram “eliminados” do processo de escolarização, antes mesmo de serem avaliados. É aquilo que Bourdieu e Passeron (2008) nos elucidam, no tocante a exame e eliminação sem exame:

(...) é suficiente observar que a maioria daqueles que, em diferentes fases do curso escolar são excluídos dos estudos se eliminam antes mesmo de serem examinados e que a proporção daqueles cuja eliminação é mascarada pela seleção abertamente operada difere segundo as classes sociais. (BOURDIEU e PASSERON, 2008, p. 187)

Segundo Bourdieu e Passeron (2008), “(...) no ensino superior só se observa plenamente nos domínios menos diretamente controlados pela escola, enquanto que, no ensino secundário, ela já se manifesta nos resultados propriamente escolares” (p. 182). Compreendemos, então, que a escola contribui para conservar, utilizando exames de seleção, no qual àqueles que obtêm o capital linguístico e cultural formal terão oportunidade de continuar os estudos. Isso costuma ocorrer desde os primeiros momentos no espaço escolar, especialmente quando se trata das classes subalternizadas. Geralmente, seu saber é desvalorizado pela instituição escolar como um todo. Isso fica evidente na fala de um dos trabalhadores, durante as nossas conversas:

Quando estudava na 7 série, a professora fez um ditado para avaliação...e eu escrevi errado a palavra jardim e Pernambuco...engoli o “m” da palavra Pernambuco e engoli “r” da palavra jardim...por isso, fui reprovada.

Isto lembra o que Bourdieu e Passeron (2008) expõem sobre a ação pedagógica, nomeando tais atitudes como **violência simbólica**, o que contribui para a dominação das classes dominantes, inculcação pela ação dominada de conhecimento, dos quais a ação pedagógica dominante define o valor sobre o mercado econômico ou simbólico.

Desse modo, as instâncias (agentes e instituições) escolares privilegiam a classe dominante, pois, o que a escola transmite é a cultura da classe dominante. Assim, a classe dominada fala e compreende o mundo de um modo que a escola não aceita e às vezes sequer compreende.

3.3. Aproximando-se dos sujeitos praticantes: o encontro com os trabalhadores de limpeza e conservação

Após o tratamento estatístico dos dados coletados, a pesquisa foi trilhando novos caminhos e trazendo novos ares. Tal como um *flâneur*, aventurei-me pelo *campus* da Universidade. Precisava estar mais próximo do cotidiano desses trabalhadores para acompanhar, de alguma forma, suas rotinas de trabalho. Ouvir as vozes silenciadas desses praticantes. “Vozes vivas e diversas que se aprovam, se comovem, se lembram; vozes que se lastimam, respondem e se contradizem” (CERTEAU, 2009_b, p.224). Uma tentativa de compreender de que forma aquele ambiente acadêmico pode potencializar as “maneiras de fazer” (CERTEAU, 2009_a), produzindo redes de “*fazer saberes*” (ALVES, 2008) emancipatórios. Até porque “Essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural” (CERTEAU, 2009_a, p.41. Destaque do autor).

Assim, pude (re)inventar as trilhas, nesse “labirinto de ecos” (CERTEAU, 2009_a, p.166), apoiado pelo fio de tantas vozes. E a própria caminhada pelo *campus*, redescobrir seus “espaços tempos” (ALVES, 2008) em sua complexa geografia, me fez perceber que “A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc” (CERTEAU, 2009_a, p.166). A caminhada funcionou como uma espécie de metáfora aos procedimentos metodológicos adotados. Esse passeio pelo *campus*, numa “liberdade gazeteira” (CERTEAU, 2009_a), nos autorizou um lugar a

mais de enunciação em nossa pesquisa. Optamos então pela transgressão do caminho que antes havia sido traçado, vez que ela “[...] implica que o limite esteja sempre em movimento” (DERRIDA, 2001, p.19).

Foi por meio dessa transgressão que se pôde desconstruir um modelo de ciência que nos foi imposto pela tal modernidade. Uma desconstrução que precisa ser feita de forma radical, quando se trata, sobretudo, da opção metodológica de uma pesquisa. Ou seja,

Desconstruir é de certo modo resistir à tirania do Um, do logos, da metafísica (ocidental) na própria língua em que é enunciada, com a ajuda do próprio material deslocado, movido com fins de reconstruções cambiantes (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004, p.9).

Com efeito, é nos acordes de uma conversa, sem *scripts* e sem determinações *a priori*, que se pode operar uma captura – tal como numa “pegada” (DERRIDA, 2001) em cujo deslizamentoforja-se um “estranho familiar”. Ou seja, ao contrário da lógica opositiva (é ou não é), o “estranho familiar”, ao tempo em que se revela dotado de uma dupla formulação, **confundindopresente-ausente; passado-futuro; visível-invisível**, impossibilita, no jogo das diferenças, que algo se mostre plenamente transparente. Nesse jogo, é preciso compreender que o que nos resta são os rastros, vez que “(...) nenhum elemento pode funcionar como signo sem remeter a outro elemento, o qual, ele próprio, não está simplesmente presente” (DERRIDA, 2001, p.32).

Para contracenar com esses diálogos, trazemos o que na verdade serviu como mote – outro **pretexto** – para disparar as memórias narrativas, qual seja, as fotografias tiradas – do ambiente de trabalho – a nosso pedido, bem como as legendas posteriormente colocadas em fotos tiradas por eles e pelos seus próprios colegas de trabalho. Afinal, é pela possibilidade de expressão que os sujeitos praticantes podem se libertar de uma opressão, apropriando-se desse discurso, sempre polissêmico, com maior liberdade e criatividade. Daí porque sobre o pesquisador, sob o efeito das narrativas dos trabalhadores, se opera um estranhamento, quando ele se deixa impactar por esses discursos que se apresentam “inadequados”, mas, contraditoriamente, abertos ao movimento de alteridade. Uma (com)posição narrativa que expõe, numa arena de possibilidades discursivas, a contramarcha de uma (pré)visão.

A finalidade dessas conversas não era transformar as falas em dados estereotipados para prestar conta a um modelo dominante de ciência, na qual se deposita uma pretensa autoridade acadêmica. Nem mesmo classificar atitudes, colocando-me na posição de quem tem o domínio da verdade. Ao contrário, a intenção era colocar-me na posição de escuta. Poder ouvi-los falar sobre o que muitos pesquisadores parecem não querer dar atenção para não perder tempo, tempo esse que a pesquisa caracteriza como factível. No entanto, é preciso compreender que

Talvez, para encontrar o Outro, se tenha de descarrilar destes tempos do possível e do previsível, desses tempos dominados pelos projetos e pelos cálculos, para deixar-se compassar e embalar em um tempo de idade volta, um tempo elástico que se recusa ser medido e contabilizado (PLACER, 2011, p.89).

Ao escutar esses trabalhadores, que falam sobre suas trajetórias de vida, escolar, de seu trabalho, de seu viver e do seu sentir enredados em suas práticas cotidianas, “[...] espero tornar sensíveis aquele fragmento da voz, aquele movimento às vezes rude, áspero, aquele frêmito de uma emoção, de uma lembrança” (CERTEAU, 2009_b, p.226). Espero dar a palavra para que ela a mim retorne não como tradução, mas como um sopro significante, que nos faz ouvir algo singular na “Textura de vozes vivas e verdadeiras que dá densidade a palavras tão comuns” (idem, idem).

3.4. A solicitação das fotografias: reações e surpresas

Considerando o número excessivo de fotos, montamos um álbum com as 52 fotografias tiradas pelos trabalhadores – participantes da pesquisa. Nossa expectativa é que pudessem apreciar as fotos tiradas por eles, bem como a de seus colegas. De fato, ao folhearem o álbum, todos reagiram com grande surpresa: ora sorrindo, ora chamando atenção para a beleza da foto. Um elogio, uma emoção, um orgulho de si e muitas vezes apenas um silêncio de admiração foram os sentimentos expostos cada vez que viravam as páginas do álbum que mantinham cuidadosamente entre as mãos. Um olhar vagaroso sobre as fotografias como se elas tivessem um poder mágico de transportá-los para outros lugares, para outra cena.

Em seguida, solicitamos que escolhessem 3 (ou mais) fotografias de sua autoria e outras 3 tiradas por algum de seus companheiros de trabalho. Após a escolha, pedimos que criassem legendas relacionadas às fotografias por eles escolhidas. Poderia ser qualquer tipo de legenda, traduzida em frase ou mesmo uma única palavra. O importante era se deixar levar pela inspiração das imagens.

No entanto, o termo **legenda** não foi familiar para nenhum dos trabalhadores, e logo me dei conta de que eu deveria dar uma explicação sobre o significado dessa palavra para que pudessem realizar essa atividade. Até porque era eu o pedagogo, o pesquisador. Mas “explicar é um monstro de mil caras cuja finalidade parece ser a de diminuir o outro por meio dos terrores das palavras habilmente encadeadas numa gramática professoral” (SKLIAR, 2014, p. 220).

Devo confessar, então, que não foi tão simples quanto eu pensava, uma vez que o ato de explicar é também colocar o outro nessa condição de inferioridade, especialmente quando se trata de trabalhadores com pouca escolaridade. Por outro lado, o ato de explicar não deixa de ser um risco para quem se coloca na pretensa posição daquele que sabe, na condição de um explicador. Assim, pude perceber que “[...] A explicação é o mito da pedagogia, a parábola de um mundo dividido em espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e imaturos, capazes e incapazes, inteligentes e bobos” (RANCIÈRE, 2013, p.24).

E a cada explicação ia ficando cada vez mais numa situação, muitas vezes, embaraçosa porque não encontrava a palavra “certa”, aquela que pudesse de fato explicar o significado do termo legenda. Como diz Bakhtin (2003), “O colorido expressivo só se obtém no enunciado, e esse colorido independe do significado de tais palavras, isoladamente tomado de forma abstrata” (p.292). Desse modo, minha explicação foi marcada por vacilos e hesitações. E, assim, terminávamos rindo de “nossas dificuldades”. Não raro, eles me ajudavam a dar clareza às tentativas de explicações dando, inclusive, seus próprios exemplos.

Mais do que uma explicação, era na verdade um ato de compreensão tanto da minha parte como da parte deles. “No ato da compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a **mudança mútua e o enriquecimento**” (BAKHTIN, 2003, p. 378). Nesse diálogo com cada trabalhador para a colocação de legendas nas fotografias, saíamos – eu e eles – fortalecidos. Afinal, é importante confiar, como diz

Giard (biógrafa e tradutora de Certeau), no alerta de Certeau “Sempre é bom recordar que não se devem tomar os outros por idiotas” (CERTEAU, 2009_a, p.19).

Outro aspecto interessante dessa investida metodológica foi o exercício de escolha das fotos para serem legendadas, pois ela muito nos revela sobre o olhar de cada um. Mais ainda: o que, daquilo que (se) diz, faz reverberar como experiência, dando sentido ao que acontece no dia a dia desses praticantes. Do universo de 52 fotografias, sugerimos que os trabalhadores escolhessem algumas fotografias de sua autoria e 3 tiradas por algum de seus colegas, que também participaram da pesquisa, para a colocação em cada uma das referidas legendas.

Vale ainda dizer, do ponto de vista metodológico, que foi tomada a decisão, conforme dito no capítulo anterior, de nomear os trabalhadores com nomes fictícios. O mais interessante seria manter o nome próprio desses trabalhadores, dando-lhes, assim, visibilidade. Porém, em virtude das exigências do Conselho de ética desta universidade, foi preciso omitir esses nomes para preservar a identidade de cada trabalhador¹³. Assim, elegemos nomes de origem tupi que, de alguma forma, traduziam as atitudes e comportamentos que chamaram a atenção durante a convivência com eles.

Dos 35 trabalhadores que participaram inicialmente da pesquisa, foram selecionados apenas 6 trabalhadores com os quais dialoguei de forma mais sistemática. Os encontros eram realizados semanalmente e nos quais as conversas levavam em média de 1 a 2 horas, às vezes um pouco mais. Esses 6 trabalhadores nos foram mais acessíveis, em virtude de terem horários menos variáveis em seus setores. E são as conversas e as fotografias tiradas por eles que aqui serão expostas na tentativa de melhor compreender que forma esse contexto acadêmico universitário enreda-se com as práticas culturais desses praticantes, produzindo subjetividades singulares. Com efeito,

A verdade do outro, diferente da minha, revela-se a mim como uma vontade singular e, portanto, não acabada. A presença de uma *outra* vontade me faz presente, através da evidência de minha própria incompletude, o caráter não fechado dos sentidos que minha vontade produz. Em sentido positivo, através desta diferença com o outro me percebo como potencialidade de diferenciação, posso retomar minha existência como perspectiva-em-devir e não como totalidade consagrada (SKLIAR, 2014, p.258. Destaque do autor em itálico).

¹³Essa é uma das exigências que me foi estabelecida pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), desde o início da submissão do projeto.

Ou seja, o **singular** – aquilo que se faz habitado de emoções e criatividade – é o que nos implica e nos interroga, em virtude de suas enigmáticas **impressões**. Sem as armaduras de visões reducionistas e conservadoras, a metodologia de nossa pesquisa foi sendo escavada nesse mundo de possibilidades e “perspectivas-em-devir”. A cada passo uma nova descoberta e um novo **desafio**, vez que essa compreensão do outro se constitui um momento de nossa práxis. Mais ainda: “A objetivação ética e estética necessita de um poderoso ponto de apoio, situado fora de si mesmo, de alguma força, efetivamente real, de cujo interior eu poderia ver-me como outro” (BAKHTIN, 2003, p.29).

Afinal, o lugar que o pesquisador ocupa é também um lugar de “atituderesponsiva” (BAKHTIN, 2003), porque estamos lidando com a palavra do outro. Muitas vezes, em diálogos com os nossos praticantes, lidamos com silêncios, falas inesperadas, estranhas palavras e até mesmo vozes que soam familiares, o que nos obriga a reconhecer que “[...] o enunciado ocupa essa posição *definida* em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições” (BAKHTIN, 2004, p.297. Destaque em itálico do autor). Daí porque não há verdades, “a verdade está no movimento que a descobre e no rastro que a nomeia” (DUFOURMA e DERRIDA, 2003 p. 52) como forma de experiência. “Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” (LARROSA, 1996, P.27).

O diálogo com os trabalhadores sobre seu cotidiano, a partir de suas fotografias, implica, entre outras coisas, pensá-las como revelação de uma “grande e misteriosa experiência”, que se apresenta como “experiência narrável” (BENJAMIN, 1984). As imagens produzidas por esses praticantes, acerca de seu cotidiano num *campus* universitário, nos exigiram não somente um olhar contemplativo, mas, sobretudo, um olhar que “procura ver”. Mais do que imagens, elas nos chegam como possibilidade de leitura, tal como “[...] um texto profano que se mostra fluido, inacabado, dinâmico e vivo em sua traduzibilidade” (LARROSA, 2004, p.107).

Com as fotografias, nossa intenção era poder capturar, no instante de um momento, o olhar desses trabalhadores para o seu espaço de trabalho (PASSOS; BATISTA, 2016). É Samain (1995) ainda que nos alerta: “arte do saber ver é uma

arte do poder dizer e do fazer pensar através de imagens” (p.27). Foi com esse princípio que procuramos desvelar memórias, narrativas e saberes.

Ainda, segundo Passos e Batista (2016), as fotografias são como “molas inspiradoras” que muito nos revelam sobre o olhar e as concepções de mundo de cada um(a) deles/delas. Mais ainda: o que daquilo que (se) diz/vê, faz reverberar como experiência, dando sentido ao que acontece no cotidiano destes sujeitos praticantes. Sem dúvida, os trabalhadores nos usos da produção fotográfica, vão revelando e experimentando outras variadas formas de habitar/circular/ocupar o campus da UFAL; de experimentar, (re)criar e (re)inventar narrativas variadas, a partir daquilo que criam em seu cotidiano vivido dentro de um ambiente universitário.

Trazer as imagens registradas por esses trabalhadores é tentar tirar da opacidade o cotidiano desses praticantes. Através das imagens, é como se esses praticantes tentassem falar de seus “vazios”, dialogar com outras vozes. E por tal razão nos foi possível também viver a experiência de sermos atravessados pelas nuances de cada fotografia. Estas, por certo, produzem realces, descrevem momentos e situações, além de nos possibilitar olhar/compreender a realidade e a dinâmica desses cotidianos. Olhá-las é o exercício de nos colocarmos em diálogo.

Embora possa parecer um contrassenso pensar e tentar compreender a dinâmica do cotidiano por meio de imagem fotográfica - uma vez que temos a ideia de que a partir da foto cristalizamos a imagem - é impossível não reconhecer que essas imagens, potencialmente, nos revelam sonhos, desejos, disfarçadas aventuras. Enfim, modos de subjetividade dos praticantes(PASSOS; BATISTA, 2016).

Em um dos encontros com os trabalhadores no *Campus* da Universidade, solicitamos que eles tirassem fotos de lugares e/ou coisas que lhes chamavam atenção no espaço de trabalho, mas que ficassem à vontade para tirar as fotos de sua preferência. Vale dizer que os encontros eram individuais, sempre marcados nos blocos (prédios) onde eles exerciam suas atividades de limpeza e conservação. Ao solicitar a um dos trabalhadores que tirasse as fotos, fui surpreendido com um “não”. Ouvir uma resposta negativa certamente não havia sido o previsto. Ao contrário, imaginávamos que todos ficariam extremamente vaidosos em poder fazer algo diferente de suas atividades de limpeza na universidade. Mas o **não** aconteceu para nossa surpresa. Ubirajanegou-se a tirar as fotos.

Inicialmente, nos pareceu que Ubirajara havia, na verdade, se negado à exposição e ao risco de sair da invisibilidade, chamando atenção com uma máquina digital em mãos. Um não desejo de se expor através de suas fotos, de suas escolhas; ou de expor sua falta de habilidade para manusear certos equipamentos tecnológicos. Outra possibilidade seria a insegurança de perder, ou até mesmo correr o risco de roubarem a máquina digital – um produto caro que, certamente, ele não poderia pagar. Preferiu, então, dizer que não poderia “pegar” e guardar a máquina naquele momento, pois estava exercendo sua atividade de limpeza em um dos banheiros da Reitoria da Universidade. Mas, entre uma conversa e outra, Ubirajara aceitou ficar com a máquina para tirar suas fotos.

Entretanto, *num só depois*, numa convivência mais estreita e podendo perceber inclusive o modo sempre altivo de Ubirajara, sobretudo em nossos diálogos nos quais me vi muitas vezes golpeado por suas astúcias e artimanhas languageiras, é que me foi possível compreender o sentido daquele “não”. Um “não” que nada tinha a ver, conforme pensara em princípio, com a falta de destreza de Ubirajara para lidar com uma máquina digital. Ao contrário, por diversas vezes fez questão de se mostrar perito no uso desse tipo de aparelho tecnológico. Então, após esse período de convivência, aquele “não” nos retornou como um lugar de resistência à autoridade.

Uma vez estando de posse da câmara digital, Ubirajara nos causou surpresa quando solicitou levar a máquina para a sua casa. Considerei o pedido legítimo, pois grande era o seu entusiasmo em tirar fotografias. Com a devolução da máquina, realizei o procedimento de rotina para transferir as fotos tiradas para o meu computador. Concluída a transferência, me deparei com uma série de fotos que Ubirajara tirara da intimidade de seu lar, inclusive ao lado de sua esposa. Uma foto em que ele aparece bem à vontade, exibindo o seu físico. Sem qualquer constrangimento, Ubirajara se expõe sem camisa.

Foto 1



Lazer - UFAL – UBIRAJARA, 2015.

Na verdade, essa foto revela a astúcia do trabalhador que, no afã de se fazer próximo ao pesquisador, esgarça qualquer tipo de distância,

[...] tece um contrato implícito entre parceiros factuais, instala-os num sistema de dom e contradom cujos signos articulam um ao outro o espaço privado da vida familiar e o espaço público do ambiente social. Talvez encontremos nesta bricolagem a essência social do *jogo* que instaura imediatamente o sujeito na sua dimensão coletiva de parceiro (CERTEAU, 2009_b, p. 146).

Ao questioná-lo sobre a exposição da foto, Ubirajara, ainda fazendo o jogo que tem “[...] a função de tornar visível o tempo do desejo” (CERTEAU, 2009_b, p. 147), mostra-se firme em seu propósito de sustentar sua liberdade.

[...]

Pesquisador: Não tem nenhum problema colocar esta sua foto sem camisa e com sua esposa? Eu estou perguntando se vai ficar chato pra você. A foto é sua...

Ubirajara: eita...e agora? Pela minha parte não! Agora...pode ser que minha mulher veja e...ah, eu acho que não tem, não!

Pesquisador: Você acha que vai ter problemas com ela?

Ubirajara: Não sei.

Pesquisador: Vamos pensar em uma solução...

Ubirajara: Tire ela da foto...

Pesquisador: Então, a solução é recortar sua mulher e ficar só você...não sei...

Ubirajara: Então, você coloca só eu...se tiver com minha mulher não coloque não! Porque ela é “meia ignorante”!

Pesquisador: Por quê?

Ubirajara: Ela é chata. Você sabe como é a gente ne...tem dias que você vê tudo...mas tem dias que até uma pessoa falar com você e você não gosta...

A conversa sobre essa imagem se deu de forma também inesperada. Ao ir à reitoria, encontrei Senhor Ubirajara no corredor, saindo para ir “bater” seu ponto, pois já estava no final de seu expediente. O que Ubirajara solicita é que tire sua esposa da imagem, por considerá-la “ignorante”. Um ato de quem não se considera ignorante. O que Ubirajara tenta mostrar a todo custo, de fato, é que ele é um sujeito sabido, que possui saberes.

Os procedimentos metodológicos por mim utilizados, investidos de poder e estratégias, se fizeram frágeis diante da tática, inesperada, de Ubirajara de poder dizer “não”. A astúcia de ele dizer “não” naquele momento se revelou como a tática do fraco, quando convencido eu estava da posição de pesquisador de dar as “ordens”. Como diz Certeau (2009_a), “A tática é a arte do fraco” (p.95). Ou ainda, em outras palavras, “O poder se acha amarrado à sua visibilidade. Ao contrário, a astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como ‘último recurso’” (idem, idem).

Não resta dúvida de que alguns trabalhadores não queriam ficar muito tempo com a máquina fotográfica. Solicitavam quase sempre que o pesquisador retornasse no máximo em dois dias, para que pudessem fazer a devolução da máquina digital. A insegurança e o medo estão, em alguns momentos, evidenciados por um sentimento de subalternidade, haja vista a preocupação de um trabalhador de ser responsabilizado por qualquer tipo de dano em seu local de trabalho ou ser acusado do sumiço de algum material ou equipamento. Certamente, neles havia uma preocupação de serem penalizados pela empresa ou perderem o emprego, vez que muito devem ser advertidos sobre o patrimônio da universidade.

Já outros trabalhadores não apresentaram qualquer tipo de preocupação e/ou resistência. Ao contrário, conforme nossa expectativa, eles ficaram animados. Muitos até se empolgaram e tiraram diversas fotografias. Quem mais tirou fotos foi a Caeté que, visivelmente empolgada, tirou mais de 100 fotografias. Esse momento “mexeu” tanto com ela, que solicitou a revelação de suas fotografias para que pudesse guardá-las como lembrança daquele momento. Eis aqui que se flagra o sentido de existir conjugado com a possibilidade de uma experiência subjetiva. Um

momento vivido sob o signo da liberdade. E a liberdade nada mais é do que “[...] a experiência da novidade, da transgressão, do ir além do que somos, da invenção de novas possibilidades de vida” (LARROSA, 2004, p. 235). Para Caeté, tirar fotos de seu ambiente de trabalho, podendo apreciar, com um olhar estético, os detalhes de suas paisagens, é, de alguma, forma, subverter aquele lugar. É uma maneira de poder habitá-lo sem pressa como um “lugar praticado” (CERTEAU, 2009_a).

Todas essas emoções por eles vividas revelaram-se nas fotos e no olhar que cada um deles nelas imprimiu, provocando o inesperado tal como “[...] uma imagem que se mexe e perturba o objeto fotografado” (idem, p. 167).

4. TÁTICAS E ASTÚCIAS DOS TRABALHADORES: deslocando o pesquisador de sua (pre)tenso posição daquele que (tudo) sabe

4.1.Ubirajara: “senhor da lança”

Ubirajara é o primeiro trabalhador a ser apresentado neste trabalho. Elegemos esse nome fantasia¹⁴, de origem tupi, não por acaso. Sua etimologia – “senhor da lança” – traduz, de certa forma, o jogo forjado em nossas conversas, uma vez que Ubirajara, pelo tom de suas palavras, mostrava-se sempre o “senhor da lança”, fazendo uso de táticas para (se) deslocar das estratégias discursivas do pesquisador. Assim o nomeamos, então, apelando quase para uma metáfora bakhtiniana, uma vez que os atravessamentos estéticos em suas narrativas – reinvenções de si – operavam, pelo seu viés criativo, com a força do ato enunciativo, entre ele e o pesquisador, sempre “prenhe de sentido” (BAKHTIN, 1997).

No dizer de Certeau (2009_a), seriam astúcias para manter-se, guerreiramente, como “senhor da lança”, como sujeito praticante que se lança com destreza ao **se expor** (de todas as formas) em seus diálogos, isto é, “com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco” (LARROSA, 2004, p.161). Afinal, “o sujeito da experiência é um sujeito ex-posto” (idem, idem). Com efeito, Ubirajara, de sua **ex-posição** subalterna, nos permite experimentar o enigma da cultura ordinária na qual “a ordem é exercida por uma arte” (CERTEAU, 2009_a). Em outras palavras: “uma estética de lances” (idem).

Senhor Ubirajara tem 54 anos nasceu no município de Rio Largo, estado de Alagoas, e, atualmente, mora num bairro chamado Santos Dumont, que fica próximo à Universidade – na Cidade de Maceió. Senhor Ubirajara trabalha há mais de 20 anos nesta instituição de ensino, no período 7h às 17h, com 2 horas de descanso e 1 dia de folga. Frequentou pouco a escola, somente alguns meses:

Eu estudei, mas estudei pouco... Estudei negócio de 2 mês, 3 mês...foi pouco. Aí sem pai e sem pai me mandei a...me mandei a tlabalhar...Era novo... Meu pai morreu novo. Meu pai morreu eu fiquei com 14 anos, minha mãe morreu eu fiquei com 4 anos. Aí minha madlasta tomou conta de mim...aí depois minha madlasta arrumou um serviço...aí depois as amigas da minha mãe...da minha madlasta morreu tudinho...minha mãe já tinha saído...no dia que ela tinha saído morreu tudinho...aí eu fui e digo (disse) “mãe(madrasta) fica aí que eu vou embora”... ela disse “vai pra onde?” “Vou embora..” . Aí me mandei...até hoje...com 14 anos! (UBIRAJARA, 2014).

¹⁴**Ubirajara** é também o personagem de um romance de José de Alencar, cujo nome é o título do livro. Romance publicado em 1874.

Ubirajara é o funcionário escalado para fazer a limpeza e conservação do prédio da Reitoria – setor administrativo da universidade – considerado, assim, o *locus* de maior poder na instituição. Antes de trabalhar como funcionário de limpeza desse local, Ubirajara nos diz que trabalhou como auxiliar de limpeza no centro cirúrgico do Hospital Universitário, dessa mesma instituição, uma função da qual muito se orgulhava, vez que, segundo ele, tinha a oportunidade, pela proximidade com aquele espaço físico, de presenciar cirurgias e, assim, poder apreciar o corpo humano por dentro: “Agora, vou dizer, é bonito...eu era doido pra saber como era a gente por dentro. Eu não sabia, não!”.

Esse breve episódio de fala já nos revela a posição que Ubirajara procura manter nesse diálogo com o pesquisador. Sua intenção parece ser a de fazer um apagamento da distância imaginária entre aquele que sabe e aquele que não sabe. Do lugar de trabalhador de limpeza e conservação, provavelmente Ubirajara sente-se vulnerável, fragilizado diante de um pesquisador. Daí, por certo, trazer sua vivência de trabalhador num centro cirúrgico, que o coloca numa prática de quem pode “saber como era a gente por dentro”. Certamente, para ele é um *status* que barra qualquer tipo de tutela que o pesquisador possa pretender ter sobre ele – um simples trabalhador em sua condição ordinária.

É nessa “arte de fazer” (CERTEAU, 2009_a) que Ubirajara se inscreve com um saber a mais. A despeito de sua função de trabalhador de limpeza, é ele que conhece, fabulosamente, os mistérios do corpo. Assim, através de memórias narrativas, Ubirajara joga “(...) com os acontecimentos para os transformar em ‘ocasiões’”(CERTEAU, 2009_a, p.46). Também não nos pareceu por acaso o fato de Ubirajara fotografar um local próximo do Centro Cirúrgico, dentro do Hospital Universitário, onde trabalhou por alguns anos. Essa fotografia (foto nº 2) seria de alguma forma a prova cabal de sua intimidade com aquele ambiente. Ou seja, a permissão de “poder” circular/ se fazer presente num espaço no qual não trabalha mais. Embora, num espaçotempo distinto, Ubirajara sente-se autorizado a voltar lá.

Provavelmente, esse é o lugar de “distinção” (Bourdieu, 2007) que Ubirajara se apresenta na relação simbólica com o pesquisador. É por meio dessa “distinção” que Ubirajara pode dissimular que ele “sabe das coisas”. Possivelmente, apesar de não compreender exatamente o que o distingue do pesquisador (especialmente um

pesquisador tão jovem), ele reconhece que o estudante ocupa uma posição social importante, sobretudo naquele espaço da universidade.

Foto nº 2



O tempo de serviço- UFAL – UBIRAJARA, 2015.

É deste ambiente que Ubirajara se orgulha de falar ao referir-se à sua trajetória de trabalho, enfatizando em suas memórias narrativas os 20 anos de trabalho neste local, exercendo 7 anos no prédio do Centro Cirúrgico. A vivência no espaço onde o praticante trabalhou por um longo período atravessa seu presente. Certamente seja por isso que ele nomeou uma das fotografias (escolhida por ele) como “UTI das plantas” (foto nº 3), pois, trabalhar no Centro Cirúrgico do hospital, parece ter um sentido *a mais* para ele. É possível que tenha se sentido “importante” pelo fato de ter acesso ao lugar onde se faz as cirurgias.

Foto nº 3



UTI das Plantas- UFAL – CAETE, 2015.

Em que pese as reais condições de possibilidade de Ubirajara ter estado de fato próximo daqueles corpos no centro cirúrgico, é por essa via que ele vai, “lance a lance”, tentar se impor na conversa. Valendo-se de suas táticas languageiras para “invocar” o seu interlocutor, procura, através do tom de uma “retórica professoral”, inverter a sua posição no diálogo. Na verdade, “trata-se de combates ou de jogos entre o forte e o fraco, e das “ações” que o fraco pode empreender” (CERTEAU, 2009, p.91).

(...)

Pesquisador: Você chegou a ver?

Ubirajara: Cheguei. O rim...andava com tudo...rim, baço...com tudo...É...você sabe...você estuda, não é?

Pesquisador: É. Mas eu não sou de medicina não. Eu sou de Pedagogia.

Ubirajara: Mas eu vou fazer uma pergunta a você.

Pesquisador: Faça aí...

(Alguém chega para falar com Ubirajara)

Pesquisador: Você estudava...

Ubirajara Alguém já falou isso pra você... Você que estuda...qual a parte da gente que cresce?

Pesquisador: Qual a parte da gente que cresce?

Ubirajara: Sim, depois que o médico corta...?

Pesquisador: O...o...como é Senhor Ubirajara? Me ajude...

(risos)

Ubirajara: Sei não... (risos)...sei não...

Pesquisador: É o...o...(pensando)

Ubirajara: ...Você estuda!

Pesquisador: Eu estudei isso foi no Ensino Médio...
Ubirajara: Mas, você estuda...
Pesquisador: Eu sou da área da Educação...peraf... deixa eu ver...(pensando)...É o...o rim, não! Como é o nome...do órgão daqui?
Ubirajara: Eu não sei, não...(risos)
Pesquisador: Ah, senhor Ubirajara me ajude...
Ubirajara: O que dá ci...rosa?
Pesquisador: O que nasce rosa?
Ubirajara: O que dá cirrose?
Pesquisador: o que dá cirrose?
Ubirajara: É o fígado!
Pesquisador: Sim. Muito bem! Estava esquecido disso.

Nesse diálogo, Ubirajara nos dá a ideia de que ele era o responsável pela limpeza do Centro Cirúrgico, recolhendo, assim, os lixos hospitalares. É curioso perceber que mesmo estando na condição de um simples trabalhador de limpeza, ainda assim se sentia alguém com distinção nesse serviço. Possivelmente, para Ubirajara, o privilégio de usufruir da convivência com funcionários da área de saúde naquele espaço tempo de **poder**, no qual o setor médico, sobretudo num ambiente cirúrgico, se vale de certa onipotência e de uma suposta ciência infalível, não deixa de ser também uma forma de exercer um lugar de domínio.

Não há dúvida de que a rotina hospitalar é muito dinâmica, em que se dá a ver o funcionamento de “[...] discursos múltiplos, entrecruzados, sutilmente hierarquizados e todos estreitamente articulados em torno de um feixe de relações de poder” (FOUCAULT, 1985, p.32). Por tal razão, Ubirajara sentia um empoderamento por ter acesso a informações sobre o estado de saúde dos pacientes e sobre a “verdade” do corpo. A “invisível visibilidade” (FOUCAULT, 1977, p.190), da qual certamente Ubirajara extraía proveito “[...] para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante” (CERTEAU, 2009_a, p. 95), era a sua tática de ocasião. Isso porque “[...] as táticas apontam para uma hábil *utilização do tempo*, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder” (idem, p. 96. Destaque em itálico do autor).

Outro aspecto interessante no diálogo com Ubirajara é que ele assume um tom por vezes irônico quando lança sua pergunta: “É...**você sabe...você estuda, não é?**”. Uma pergunta que, de certa maneira, não caberia ser feita àquele que está na posição de pesquisador, sem que isso não pareça um tom de provocação. Uma pergunta, na verdade, que se pretende desestabilizadora da condição do outro de “quem tudo sabe”. Ou seja, uma “[...] pergunta impertinente, dessas que fazem

cambaleiar a posição de saber e de poder (...) ou um gesto carregado de ironia” (LARROSA, 2004, p.271).

Por tal razão, o próprio pesquisador se coloca na defensiva, como querendo proteger-se daquela pergunta que pode ameaçar seu “saber arrogante” ou colocar sob forte suspeita a sua posição de pesquisador. Um jogo tenso de saber e poder, que é levado às últimas consequências por Ubirajara “[...] com os disfarces e uma paradoxal invisibilidade” (CERTEAU, 2009_a, p. 145), lançando mão de suas “astúcias” – sua “arma absoluta” (idem, idem).

Não é talvez por acaso que a enunciação “**você estuda**” vira uma espécie de gozo, que necessita de repetição. Tanto é que ela se transfigura do formato de pergunta para se apresentar, no prosseguimento da conversa, como uma advertência. O “**você estuda**” é quase um bordão na voz de Ubirajara, que encontra nesse enunciado “Mil maneiras de *jogar/desfazer o jogo do outro*” (CERTEAU, 2009_a, p.74. Grifos do autor). E quase se pode ouvir aí ressoar: “você estuda...eu não estudo, mas você não sabe...eu sei”.

Quando a conversa é interrompida pela chegada de um colega de Ubirajara, é o pesquisador que aproveita estrategicamente o momento, procurando escapar das garras de Ubirajara e manter o controle da situação, para dizer, de “modo imperfeito”: “Você **estudava**...”. Talvez uma tentativa de lacrar as palavras ardilosas de Ubirajara para não ser devorado por ele e ao mesmo tempo excluí-lo do “universo da excelência” (BAUMAN, 2009, p.153). Mas Ubirajara não faz escuta à fala do pesquisador e prossegue a fazer perguntas capciosas para serem decifradas, sentindo-se como um mestre que faz uso de um método emancipador.

E o diálogo foi tecido dentro dos *frames* de um discurso pedagógico, cujo estereótipo é o do professor fazendo perguntas – do tipo questionário – para se certificar de que o aluno aprendeu. Marcas ideológicas que, certamente, vêm de uma determinada imagem de instituição de ensino onde o **saber** e o **poder** se articulam, considerando a legitimação de uma fala reconhecida institucionalmente (FOUCAULT, 1996). Dali daquele lugar – uma universidade – é que Ubirajara vai **demarcar** o seu espaço e, ao mesmo tempo, dar visibilidade ao seu ponto de fuga.

Como diz Certeau (2009_a), “o espaço é um lugar praticado” (p.184). Desse “lugar praticado”, atravessado pelo acontece, Ubirajara “realiza ‘golpes’ no terreno

da ordem estabelecida” (*op.cit.*, p. 82. Destaque do autor). Ele consegue, assim, driblar o pesquisador que – sem jeito – pede, a cada instante, ajuda para o seu interlocutor. Uma ajuda que Ubirajara quer trapacear, quando diz: “Sei não... (risos)...sei não...”. Esse procedimento enunciativo aponta para a “destreza e alegria de uma tecnicidade” (CERTEAU, 2009_a, p.75) para a qual Ubirajara apela taticamente, lançando mão da “(...) liberdade *gazeteira das práticas*” (*op.cit.*, p.19).

Nesse sentido, também é curioso observar quando Ubirajara se utiliza de um recurso do tipo escolar para facilitar ao pesquisador a descoberta da palavra “cirrose”: “O que dá ci...rosa?”. Interessante como o lúdico também aparece como “táticas praticantes” em cujas operações há uma certa forma de enfrentamento a “(...) a setores científicos aparentemente regidos por outro tipo de lógica” (CERTEAU, 2009_a, p. 44).

Entretanto, o “método de facilitação”, do qual Ubirajara faz uso, termina por dificultar o “jogo de adivinhação”, uma vez que esse sujeito praticante, “falando na sua língua”, nomeia a tal doença como “cirrosa” e não cirrose. E, assim, o pesquisador vacila e, sem querer, se faz presa da armadilha da língua do praticante, isso porque

Toda palavra, dita ou escrita, é uma tradução, que só ganha seu sentido na contratradução, na invenção das causas possíveis para o som que ouviu ou para o traço escrito: vontade de adivinhar que se apegua a todos os indícios (RANCIÉRE, 2013, p.94).

Um sujeito na sua condição de subalternizado, não escolarizado, enreda o pesquisador no diálogo, tentando utilizar táticas para poder entrar no “jogo” da academia. Dessa forma, ao utilizar suas táticas, o trabalhador “tem constantemente que jogar com os acontecimentos para transformar em ‘ocasiões’” (CERTEAU, 2009, p.46), sendo possível observar isso na conversa entre os dois (pesquisador e sujeito), no qual o trabalhador, dessa vez, transforma as respostas em perguntas:

Pesquisador: Como assim fazer o curso federal?

Ubirajara: O curso era assim: você vinha para fazer curso federal. O curso era pra você pegar uma panela dessa cor aqui (suja) pra deixar dessa cor aqui (limpa). E outro era assim: Aqui é a panela(mostrando meu celular que estava sobre a janela)...aqui é o feijão(pegou a tampa de uma canela para dizer q é o feijão)...aqui é o tomate (crachá dele) e aqui é a cebola(caneta). Você fazia o que aí?

Pesquisador: Aqui é o quê?(apontando para celular)

Ubirajara: Aqui é a panela(mostrando meu celular que estava sobre a janela)...aqui é o feijão(pegou a tampa de uma canela para dizer q é o

feijão)...aqui é o tomate (crachá dele) e aqui é a cebola(caneta) (explica novamente)

Pesquisador: Certo.

Ubirajara: O que você fazia?

Pesquisador: Cortava a cebola e o tomate e colocava dentro da panela e colocava no fogo.

Ubirajara: Já perdeu!

Pesquisador: E foi? (risos)

Ubirajara: Já perdeu.

Pesquisador: tem que fazer o quê primeiro?

Ubirajara: Você chegava...pegava a panela e lavava.

Pesquisador: Eu não sabia que a panela estava suja. (risos)

Ubirajara: Mesmo se ela estiver limpa, você tem que lavar a panela.

Pesquisador: E é?

Ubirajara: É! Vou dizer a você como a mulher matou a família todinha...aí aqui é o feijão...Pronto...Aqui é o feijão...um curso só no feijão...você fazia o quê?

Pesquisador: Como é...não entendi.

Ubirajara: Aqui é o feijão, você fazia o que com o feijão?

Pesquisador: Lavava o feijão.

Ubirajara: E depois?

Pesquisador: Eu não sei cozinhar, senhor Ubirajara, colocava no fogo.

Ubirajara: E depois fazia o quê com o feijão?

Pesquisador: Escorria?

Ubirajara: Já perdeu!

(risos – pesquisador)

Ubirajara: Você pegava o feijão, despejava na mesa e escolhia o feijão todinho...

Pesquisador: Ah é...tem que fazer isso primeiro.

Ubirajara: Depois você coloca numa vasilha e lava.Aí.. Oxe tinha nego que chegava aqui vei...pegava o tomate lavava...

Pesquisador: Que curso foi esse?

Ubirajara: Federal.

Pesquisador: Federal?

Ubirajara: Sim.

Pesquisador: Mas, pra quê? Fazer o quê?

Ubirajara: Pra ser federal.

Pesquisador: Pra entrar para ser cozinheiro?

Ubirajara: Sim.

Pesquisador: Do hospital?

Ubirajara: Sim, de lá do hospital.

Nesse diálogo, o pesquisador estava perguntando ao trabalhador sobre o suposto curso “federal”, que o mesmo havia perdido a oportunidade de realizar, por causa de um relacionamento amoroso. Mas Ubirajara sempre escapa desse tipo de questionamento, deslocando o pesquisador do lugar de quem pergunta para o lugar de quem responde. Ou seja, Ubirajara, astuciosamente, inverte as posições. E assim podemos também observar o “recurso didático” em uso pelo praticante – perguntas marcadas pela cultura escolar. Apesar de ele ter frequentado poucos meses a escola, compreende que está num *campus* universitário. Um local onde

professores e alunos circulam cotidianamente. Portanto, um universo marcado pela relação de ensino-aprendizagem.

Talvez seja por essa razão que o praticante, em forma de fuga, busca incessantemente “forças que lhe são estranhas” (CERTEAU, 2009_a). Os diálogos nos revelam que o saber do pesquisador não é suficiente para se colocar na posição de controle, ainda que seja um estudante de pós-graduação. Daí que as táticas, “engenhosidade dos fracos, para tirar partido do forte, vão desembocar então uma politização das práticas cotidianas” (CERTEAU, 2009_a, p. 45). Possivelmente, Ubirajara utiliza desse seu saber cotidiano para “quebrar” a ordem da conversa, tentando mostrar ao pesquisador a sua “arte de fazer/saber” (CERTEAU, 2009_a).

Ubirajara lança mão todo o tempo de uma didática escolar. Nesse diálogo, em especial, ele vai além, valendo-se inclusive de objetos concretos, que estavam à sua volta, para dar as suas “explicações”. Mais uma vez é interessante perceber sua tática para jogar com o pesquisador. Ele parte de situações concretas. Cria uma cena para o diálogo. Em tese, é como se Ubirajara partisse de que pressuposto que tal forma de explicar facilita a compreensão de seu interlocutor. Assim, o “senso prático” (BENJAMIN, 1994) e as “maneiras de fazer” (CERTEAU, 2009_b) dão ao praticante possibilidade de inventividade do cotidiano, uma vez que “o senso prático é uma das características de muitos narradores natos”(BENJAMIN, 1994, p.200). Na verdade, “O ‘homem ordinário’ inventa e reinventa o cotidiano com diversas maneiras de saber/fazer, como uma “arte de dar golpe à golpe” (CERTEAU, 2009_a).

Há ainda outra coisa curiosa: as fotografias tiradas por Ubirajara (nos) relevam esse seu ‘EU’, que está a todo instante buscando o (re)conhecimento, uma espécie de apelo à justiça cognitiva cuja falta é o reflexo de uma injustiça social. É o que podemos observar na foto de nº 4, uma foto que transgrediu a “ordem” do pesquisador, uma vez que lhe fora solicitado que ele fotografasse algo importante ou que lhe chamava atenção em seu ambiente de trabalho. De alguma forma ele não acata a solicitação feita e se coloca protagonista da foto, cuja legenda é “**coragem**”:



Coragem – UFAL – UBIRAJARA, 2015.

É por meio dessa foto que ele relata uma história (possivelmente um filme) e, ao mesmo tempo, faz relação com a sua vida: a superação dos momentos difíceis pelos quais passou. Assim, “o sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que **se expõe**”(LARROSA, 2004, p.25, grifo nosso). A foto representa, segundo o seu autor, o que ele era e é, sujeito que possui conhecimentos, que superou obstáculos, reconstruiu sua vida e, sobretudo, teve força de vontade para sair do vício do álcool. Isso nada mais é do que a tradução de sua **coragem**.

Ao prosseguir no diálogo sobre a imagem revelada, o pesquisador procura explorar, junto ao trabalhador, o que ela representa para ele. Uma tentativa de compreender a subjetividade que atravessa aquela fotografia que coloca Ubirajara como o personagem principal.

Pesquisador: O que ela significa pra você? O que ela representa? Ela representa o quê pra sua vida? Pra sua história aqui na Universidade...ela lembra alguma coisa?

Ubirajara (Silêncio)

Pesquisador: Ela lembra? Pode pensar...

Ubirajara: (Silencia como se estivesse pensando)

Pesquisador: Lembra algum momento da sua vida que você viveu?

Ubirajara: Lembra!

Pesquisador: O quê?

Ubirajara: Me dê aqui...(Pega caneta do pesquisador) não vou riscar não.

Pesquisador: Certo, mas pode riscar se quiser...

Ubirajara: Essa foto aqui na onde eu tô hoje...eu vou passar um DVD pra você vê...

Pesquisador: Ela lembra o quê?

Ubirajara: Pra você vê a covardia que o doutor fez.

Pesquisador: Que doutor?

Ubirajara: O doutor pegou um, desculpa eu dizer, um nego.

Pesquisador: Um negro? E fez o quê?

Ubirajara: Um cara assim da sua cor.

Pesquisador: Certo...

Ubirajara: E botou ele pra ser limpador de bosta de cachorro.

Pesquisador: Por quê?

Ubirajara: Escute...ele pensando que o nego era burro...ai nego foi, foi, foi, foi...pronto num tem dois? Aí eu vou e num sei o que você quer fazer comigo, tá entendendo?

Pesquisador: Isso quando você trabalhava lá naquela época?

Ubirajara: Não, escute...é um DVD que eu tenho.

Pesquisador: Que você assistiu?

Ubirajara: É. E eu assisti ele. Só que ele(DVD) é quase quem nem minha vida. Quase quem nem minha vida...a covardia que a Universidade fez comigo...

(...)

Ubirajara: ...veei você trabalhar há mais de 20 anos na universidade, você ajudar Doutor Sergio, ajudar doutor...o médico melhor que você quer eu tenho. Eu tenho! Você diz "hoje quero ir na Santa Casa", eu chegando...aí eu "doutor fulano tá, taí.?" "tá pode entrar!". Eu cheguei no pronto socorro e a polícia disse "pode entrar!" "Beleza" entrei lá. Aí eu digo "Daqui a pouco mesmo meu irmão vai passar ali" Aí os caras tudo "quem é teu irmão?" "é um neguinho que vai passar ali." Aí o doutor...Doutor parece com tu ele, o Doutor Marcos Ferreira.

Pesquisador: Ele é da minha cor?

Ubirajara: É. Aí ele "que é?". Aí eu "queria falar com tu, Marcos" Ele disse "Libera, libera, deixa, deixa, aí é meu". Aí eu entlei...

O pesquisador faz inúmeras perguntas tentando criar um mote para a fala de Ubirajara. Porém, por alguns instantes, Ubirajara silencia. E de repente ele diz que a fotografia lembra algo, sim. E a sua primeira atitude, antes mesmo de dizer o que a fotografia lembrava, é "tirar" a caneta da mão do pesquisador. O "gesto significativo" (BAKHTIN, 1992, p.36) para quem sempre quis "roubar" a palavra do pesquisador. Nesse caso, a caneta é um signo. Um signo ideológico de poder.

E uma vez com a caneta em mãos, anunciando que nada ia riscar, Ubirajara fala de um filme que assistira no DVD. E ele faz questão de frisar que o filme mostra a **covardia** que um doutor fez com um negro. Ao dizer "nego", Ubirajara pede desculpas ao pesquisador. O pedido de desculpas, certamente, deve-se ao fato de o pesquisador ser negro. Mas logo é possível compreender a astúcia como Ubirajara se coloca nesse jogo de poder, uma vez que, no prosseguimento do diálogo, ele já não mostra mais nenhum constrangimento e, de chofre, logo diz: "Um cara assim da sua cor". Algo que desarma o pesquisador, que simplesmente responde: "certo".

Inicialmente parece que o Ubirajara se vale do filme para estabelecer uma relação entre a sua vida e a vida do personagem. No entanto, é o pesquisador que,

mais uma vez, ele quer abater com os seus golpes. O rapaz negro do filme virou “um limpador de bosta de cachorro”. Portanto, logo esse jogo se confirma quando Ubirajara faz questão de dizer: “Escute...ele pensando que o nego era burro... aí nego foi, foi, foi, foi...pronto! **Num tem nós dois? Aí eu vou num sei o que você quer fazer comigo, tá entendendo?**”.A narrativa que Ubirajara faz do filme é truncada, mas é visível o jogo de imagem que ele faz com o pesquisador. Há um doutor na história que procura humilhar um subalterno de cor negra.E o doutor pensava que o negro era burro.

Ao narrar o filme, a fala de Ubirajara mostra-se repleta de ambiguidades, pois ora parece que ele se vê na condição do negro, que o **Doutor** (aquele que tem o saber) o considerava burro e por isso era humilhado, ora parece que ele vê o pesquisador como alguém que pode provar que não é burro, apesar de sua cor negra, tal como a da personagem do filme. Não é por acaso que Ubirajara traz um filme cujos personagens são um doutor e um subalterno. Um doutor de cor branca e um subalterno de cor negra. Eis aí, talvez, o sentido de sua fala quando tenta fazer com que o pesquisador compreenda a narrativa do filme: “**Num tem nós dois?**”.

Em sua narrativa sobre o filme, há um atravessamento com as situações de sua vida. Todo o tempo ele procura mostrar que tem poder, que é amigo de médicos. Isso não lhe parece qualquer coisa, pois ele diz para o pesquisador: “o médico melhor **que você quer, eu tenho**” Eu tenho! Você diz hoje eu quero ir na Santa Casa, eu chegando..aí eu doutor fulano tá aí? Tá! Pode entrar!”.

Dessa forma Ubirajara vai exibindo a relação que tem com médicos, um deles inclusive, de cor negra, é como se fosse irmão. E o curioso é que mais uma vez ele quer ressaltar a cor negra. Mas, dessa vez, é o médico (lugar de poder) que tem a cor negra. Assim, ele narra o que disse para a polícia (certamente, o segurança) na porta do Pronto Socorro: “Daqui a pouco mesmo o **meu irmão** vai passar ali. Aí os cara tudo ‘quem é teu irmão?’.É um **neguinho** que vai passar ali”.

Não é possível garantir o sentido que Ubirajara deu ao termo “neguinho”. Ou seja, neguinho pode ter sido dito de forma pejorativa (é um médico, mas é neguinho) ou ter sido dito no diminutivo para mostrar seu grau de intimidade com o médico do Pronto Socorro: “Aí o doutor...Doutor parece com tu ele, o Doutor Marcos Ferreira.” Assim, o pesquisador pergunta “Ele é da minha cor?”. Ubirajara, responde: “É. Aí

ele “que é?”. Aí eu “queria falar com tu, Marcos”. Ele disse “Libera, libera, deixa, deixa, aí é meu”. Aí eu entlei...(sic)”

Nesse diálogo, observa-se a relação que o praticante faz do rapaz negro (do filme) com o pesquisador (que também é negro). É como se ele fizesse questão de dizer(ou lembrar) que o pesquisador é negro. Bem se vê que Ubirajara joga com as armas que tem para se salvaguardar da posição de subalternidade diante do pesquisador, apelando até mesmo para golpes de ordem subjetiva – as marcas da cor. Em outras palavras, Ubirajara se vale do preconceito, que coloca o negro sob a sujeição do branco, para estabelecer uma relação de senhor x escravo entre ele (que se considera branco) e o pesquisador (que ele nomeia como negro). Na verdade, o fulcro dessa questão, que sustenta a tirada astuciosa de Ubirajara, é que

A supremacia branca [ainda] é uma realidade no presente, quase tanto quanto o foi no passado. A organização da sociedade impele o negro e o mulato para a pobreza, o desemprego ou o subdesemprego, e para o trabalho de negro (FERNANDES, 2007, p.90).

Provavelmente, usando mais uma vez de suas táticas para se deslocar de uma certa opressão do pesquisador, Ubirajara adverte ao estudante de pós-graduação que a sua cor pode lhe trazer “problemas”, tal como trouxe para o protagonista do filme. Isso nos remete àquilo que Fanon anunciou em seus dizeres “Diante do negro, o branco contemporâneo sente a necessidade de recordar o período antropofágico” (FANON, 2008, p. 1886/1887).

Mais uma vez, Ubirajara quer ser preciso na sua arte de golpear aquele que se apresenta como “forte”. Nessa observação que faz sobre a personagem do filme, Ubirajara quer chamar atenção para o fato de que tanto ele (o trabalhador subalterno) como o pesquisador podem passar por momentos difíceis, a exemplo do que ocorreu no filme. Desse modo, não há nenhuma diferença entre eles. Ambos são vulneráveis a preconceitos, apesar de serem sujeitos de saber. Não se pode negar que Ubirajara deu um golpe de mestre.

O que não se esperava é que uma (simples) foto fosse tão reveladora, a ponto de o trabalhador expor sua história de vida e revelar seus “segredos ocultos”, como por exemplo, o vício pelo álcool. Um acontecimento que marcou sua vida e o afastou do trabalho por quase 2 anos. Nos encontros anteriores, esse segredo foi ‘ocultado’ pelo praticante por algum motivo. Provavelmente por se sentir mais à vontade ou até mesmo depois de preparar o terreno para “confessar” suas

fragilidades, e, assim, poder se ver como um homem forte e de coragem, que superou o alcoolismo:

Pesquisador: Mas você estava bêbado?

Ubirajara: Eu estava queimado. Eu disse “eu tenho, mas eu tenho pouco aqui”. Ai ele “tome 20 conto. Deixe esse menino lá em frente do hospital. Sabe descer, Bira?”, eu disse “sei”. Ai ele “Vá”. Esse DVD que eu tenho, foi ele que ajudou o Doutor vei, esse neguinho. Se você não for bom, você chora. Ele fez...operou o menino do coração. Quem fez a peça para o Doutor operar o menino, foi o neguinho. Ele quando deslata uma veia do coração, ele não procurou a equipe não, a equipe médica. Ele procurou o neguinho. O neguinho “faça assim, assim, assim...”

Pesquisador: Porque o rapaz que é negro se formou em Doutor também, foi?

Ubirajara: Não. Ele queria estudar universidade, sabe...medicina. O cara (doutor) disse “não”, pensando que ele era fraco. Ai ele disse “você tem de começar de baixo”, ele disse “como de baixo?”, “que eu sou fulano de tal, assim, assim”. Quando ele disse o nome, o cara lá respondeu: “você é secretário de doutor fulando de tal”, ele disse “sou”, “e você não tem estudo?”, ele disse “tenho estudo, agora que medicina tenho que fazer”. “Você tem que começar de baixo”. Ai o neguinho disse “como assim, começar debaixo, se eu sou assim, eu que ensinei a fulano de tal”, ele disse “não, você tem que começar de baixo”. Ai o neguinho ficou lá embaixo, ai ele foi, foi...sabe qual foi o final? (perguntando ao pesquisador)

Pesquisador: Não.

Ubirajara: Ele empurrou o doutor da cadeira de roda.

Pesquisador: E foi? (risos)

Ubirajara: Foi. Sabe de quem foi o hospital? Hospital?

Pesquisador: Não.

Ubirajara: Diga assim de que foi...

Pesquisador: Como assim?

Ubirajara: Foi do neguinho.

Pesquisador: Ah!

Ubirajara: Que o doutor morreu.

Pesquisador: E o rapaz matou o Doutor, foi?

Ubirajara: Não.

Pesquisador: E como assim ele empurrou da cadeira de rodas?

Ubirajara: Porque ele não soube aproveitar o neguinho, tá entendendo? Ai a Justiça de Deus foi tanta, que Deus deixou na cadeira de rodas. Quem andava com o doutor pra todo canto era o neguinho.

Pesquisador: Ah, então a vida dele mudou...

Ubirajara: É. Vou emprestar esse DVD pra você vê.

Pesquisador: Certo, fiquei curioso, quero assistir.

Ubirajara: E no dia que foi aplaudido para inaugurar essa festa do doutor tinha operado o menino, o neguinho ficou no canto. A equipe médica botou o doutor lá em cima. Ai depois o neguinho pegou a pastinha e foi simhora. Ai depois mandaram chamar ele. Ai teve outro menino que precisou ser operado...Ai o cara disse “não tem ninguém não para operar o menino!”. Ai a menina disse “chame fulano de tal para operar ele”...era o neguinho...ficou o doutor aqui, o neguinho aqui...ele que ficou dono do hospital!! Ele que tomou conta!

Pesquisador: O rapaz que é negro, tomou conta do hospital!

Ubirajara: Se você vê a covardia que fizeram com o nego. No dia que foi a festa nem fizeram nada pro nego. Ele ficou triste...

Pesquisador: Antes dele se tornar médico?

Ubirajara: Sim, antes. Ai o neguinho ficou lá triste...

Pesquisador: Ai depois ele estudou...

Ubirajara: Não. Que estudar? O nego era inteligente!

Pesquisador: Mas, ele não se formou em medicina, não?

Ubirajara: Não. Ele era inteligente. Ele era...ele veio...ele veio num sei de onde, ele veio. Só que o doutora pensava que...pronto, quem nem nós dois...o cara vem aqui rapidinho e diz “vamos dá um cacete nesses dois”.

(risos)

Ubirajara: Quando pensar que não me mulher chega aqui e diz “ei, quem mandou você dá nesse cara?”, aí chega o doutor Cícero e diz “quem mandou?”, “quem mandou? Quem tocou a mão nesse homem?”, “não”.

Pesquisador: Ubirajara, o que a gente coloca o nome? A frase? Você falou...falou...

Ubirajara: Não..agora...

Pesquisador: A legenda.

Ubirajara: Porque aqui...essa foto aqui tá representando o que eu era...o que eu era...ta entendendo?

Pesquisador: Como assim? O que você era?

Ubirajara: Pra você vê...eu era o quê? É porque não tenho aqui...mas, até a carteirinha do centro cirúrgico eu tenho, tem o nome secretário do centro cirúrgico. Todos pensavam que eu ia ficar(na pior)...ou então na esmola. Aí entrei na universidade de novo. Pronto, agora mesmo vai saiu a lista dos pessoal que vai pra rua. Aí a mulher disse “olha,Ubirajara, quem mangou tudinho da sua cara, vai tudinho pra rua”.

Pesquisador: entendi.

Ubirajara: Semana mesmo, peguei uma senhora aí...pra você vê o que Deus faz...Deus botou você pra rua e botou você aí! E tem muitos agora que vai pra rua...

Pesquisador: Então, essa daqui representa a sua...

Ubirajara: Isso aqui apesenta a minha coragem...

Pesquisador: Vamos colocar: Coragem...que mais?

Ubirajara: O que eu era...se você me visse...mais ou menos tá com uns três anos e você não queria nem falar comigo.

Pesquisador: Por quê?

Ubirajara: Porque eu era...(gesto com a mão de quem bebia- alcoólatra.)

Pesquisador: Alcoólatra? Bebia?

Ubirajara: Era. Eapois!

Pesquisador: E como você conseguiu se sair?

Ubirajara: Você sabe quem é seu Ulisses?

Pesquisador: Não, sei não.

Ubirajara: Seu Ulisses disse “vai pra rua!”, porque quando cheguei aí tomei uma dose de álcool.

Pesquisador: Entendi. Então isso aqui representa coragem e o que mais?

Ubirajara: A coragem que eu tive de me levantar, tá entendendo? Pra você vê...você passa um mês sem tomar café...sem almoçar...sem tomar café...

Pesquisador: Não.

Ubirajara: Não passa. Eu passei 10 dias. Eu julo a você, aí o doutor disse “sabe o que é isso, Ubirajara? Isso é fome!” Caimbla.

Aqui, o praticante vai narrando a história do filme¹⁵ como se a sua vida estivesse também imbricada com aquele enredo, isto é, com a história do

¹⁵É provável que Ubirajara esteja falando do filme: “**Intocáveis**”. É a história de um aristocrata francês quarentão que sofre um acidente que o deixa tetraplégico. No meio de uma série de entrevistas para contratar alguém que cuide de sua rotina, conhece um jovem senegalês dos

personagem negro que se mostrou forte, apesar de o acharem fraco. Daí ele diz “Ele queria estudar universidade, sabe...medicina. O cara (doutor) disse “não”, pensando que ele era **fraco**”. Interessante também é quando o pesquisador pergunta se o rapaz negro do filme conseguiu se formar em medicina. Logo vem uma resposta inusitada, da parte de Ubirajara: “não! ele era inteligente”. É como se ele dissesse que não precisa fazer uma faculdade para se tornar inteligente. Nisso, compara o rapaz do filme com ele (praticante) e, depois, mais uma vez com o pesquisador.

À medida que vai narrando a história do filme, o qual suponhamos ser “Intocáveis”, Ubirajara vai cada vez mais cruzando as narrativas de sua própria história com a história do filme. E, talvez por isso, muitas falas vão ficando confusas, como se Ubirajara forçasse um pouco a barra para que a história do filme ficasse ainda mais semelhante à sua – com direito a um final feliz. Em certos momentos, não há como saber se de fato Ubirajara conta a verdade ou se fantasia os fatos, vez que está enredado pelo seu desejo. Frustrado por não poder trabalhar no hospital universitário, mais especificamente no Centro Cirúrgico, por ter se envolvido em uma briga, Ubirajara inspira-se nas cenas do filme para ressignificar as mágoas e as injustiças que acredita ter sofrido em seu ambiente de trabalho.

Ao ser cobrado pelo pesquisador para colocar uma legenda na foto que tirou, Ubirajara insiste com a sua história: **“Ubirajara:** Porque aqui...essa foto aqui tá representando o que eu era...o que eu era...tá entendendo?/ **Pesquisador:** Como assim? O que você era?/ **Ubirajara:** Pra você vê...eu era o quê? É porque não tenho aqui...**mas até a carteirinha do centro cirúrgico eu tenho, tem o nome secretário do centro cirúrgico.** Todos pensavam que eu ia ficar (na pior)...ou então na esmola. Aí entrei na universidade de novo”. Enfim, Ubirajara diz ter uma carteirinha do Centro Cirúrgico com a insígnia de “secretário do Centro Cirúrgico”. Não era um trabalhador qualquer, mas um secretário. Não era um secretário qualquer. Mas, sim, o “secretário do Centro Cirúrgico”.

As fotos tiradas por Ubirajara sempre revelam a maneira de enxergar a sua vida. É o caso da foto nº5 que traz a imagem de uma placa de bronze em homenagem aos fundadores da universidade. Segundo ele, escolheu tirar essa foto

subúrbios, pobre, imigrante e recém-saído da prisão, para fazer o trabalho de seu enfermeiro e ajudante. A partir daí estabelece-se entre eles uma empatia imediata, e tornam-se grandes amigos.

porque achou a estátua bonita e lhe chamou atenção a sua cor, seu desenho, sua altura e o peso do material. Ubirajara observa a tridimensionalidade da escultura que o encanta. Ele destaca as qualidades que têm a ver com a experiência estética desse encontro com a escultura. Uma imagem de robustez e pujança que, certamente, ele compara com a de sua vida. A placa (que traz a imagem de uma personagem mitológica), Ubirajara diz que é a de Princesa Isabel, alguém que possuía poder, como ele mesmo diz “grande”:

Foto nº 5



Representando Alagoas: Lembranças do tempo antigo! – UFAL – UBIRAJARA, 2015.

Pesquisador: Veja direito aí... Homenagem aos...anos... fundadores da...(lendo)

Ubirajara: Da universidade né...

Pesquisador: Isso é! Homenagem aos fundadores da Universidade essa placa!

Ubirajara: Ela tá apresentando (representando) o...o...os anos antigos da Universidade né...

Pesquisador: isso... e como a gente pode montar a frase?

Ubirajara: Agora, tem que sabe que princesa é essa, se é uma rainha. Se é...

Pesquisador: Você pode...

Ubirajara: É a...Que princesa é essa? Santa Isabé? (referindo-se a Princesa Isabel)

Pesquisador: Princesa Isabel?

Ubirajara: É! Parece que é...

Pesquisador: Então...isso...essa imagem lembrou você a princesa Isabel? Foi?

Ubirajara: Foi.

Pesquisador: E a Princesa Isabel...ela foi...

Ubirajara: Foi do tempo antigo...ela foi representante.

Pesquisador: Ela foi representante?

Ubirajara: É...

Pesquisador: Como a gente monta a frase, então? Você falou em: Representante, princesa Isabel...a gente pode juntar essas palavras e...forma uma frase.

(...)

Ubirajara: É...Representando Alagoas!?

Pesquisador: Representando Alagoas?

Ubirajara: É.

Pesquisador: Essa placa é em homenagem aos fundadores da UFAL...

Ubirajara: É.

Pesquisador: Por quê? Agora fale um pouquinho por que você escolheu essa frase.

Ubirajara: Porque ela não é daqui ela é de fora, pra começa.

Pesquisador: Quem é de fora?

Ubirajara: Ela. (Referindo-se a imagem da placa). Ela está representando o Brasil e representando Alagoas....porque o Brasil é o país todo né...

Pesquisador: Aram!

Ubirajara: E Alagoas é o estado da gente né...Maceió.

Mais uma vez Ubirajara surpreende quando diz que a figura daquela mulher é da Princesa Isabel. Apesar de não ser escolarizado e quase não ter frequentado a escola, ele faz uma referência a um conteúdo escolar. E o fato de a imagem nada ter a ver com a Princesa Isabel, mostra “[...] que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros” (BAKHTIN, 2003, p.294). Ainda que não tenha frequentado a escola, Ubirajara evoca a “palavra alheia” (idem), advinda do discurso do outro. E lança mão desse discurso de forma criativa, considerando que sua interlocução é com um pesquisador/um acadêmico, dentro de uma instituição de ensino. Um pesquisador/um acadêmico que Ubirajara em seus diálogos faz questão de dizer que é negro. E é justamente Princesa Isabel, referida nos conteúdos escolares como a mulher que “libertou” os escravos (cuja grande maioria era de negros), a quem Ubirajara faz menção.

O que também chama atenção é o diálogo na criação da legenda para a foto de nº 5, pois o praticante explica ao pesquisador que tirou essa foto da placa porque achou o desenho “bem feito”, minucioso, com detalhes interessantes. Como ele mesmo diz, é “um trabalho bem...bem trabalhoso”, e traz lembranças do tempo antigo”:

Pesquisador: Aí a gente coloca como a frase?

Ubirajara: Representando Alagoas.

Pesquisador: Vamos melhorar um pouco mais...porque você tirou foto dessa placa?

Ubirajara: Não... porque eu achei aquela estátua bonita, a cor, o desenho, a altura e o peso dela. Tá entendendo...um desenho bem feito.

Pesquisador: Um desenho bem feito...foi...

Ubirajara: Um trabalho bem...bem trabalhoso.

Pesquisador: Porque a gente não monta uma frase com essas palavras que você acabou de falar: Desenho bem feito, trabalho bem trabalhoso...

Ubirajara: Junte aí você que tem estudo.

Pesquisador (risos): Não.

Ubirajara: Eu não tenho estudo...eu estou só explicando, agora você que deve juntar as palavras.

Pesquisador (risos)

Ubirajara: Vamos supor...meu nome...como é meu nome?

Pesquisador: Não, eu quero que você monte...você é o autor da foto...a foto é sua. Então a gente tá tentando construir a legenda da foto. O que essa foto representa? O que ela significa...

Ubirajara: Porque ela traz...

Pesquisador: Vamos assim...

Ubirajara: Porque ela traz muitas lembranças do tempo antigo...do tempo antigo...

Pesquisador: Então a gente pode acrescentar: lembranças do tempo antigo.

Ubirajara: É...

Em outro diálogo, Ubirajara não cansa de lançar suas táticas para escapar das perguntas do pesquisador. Quando o pesquisador tenta novamente conversar sobre a trajetória escolar do praticante, ele troca de assunto. Mais uma vez, o pesquisador é atingindo pelas lanças do trabalhador:

Pesquisador: Entendi. Agora, vamos só conversar um pouquinho sobre sua trajetória escolar...Você frequentou a escola não, não foi?

Ubirajara: Olha ainda tem uma coisa...

Pesquisador: O quê?

Ubirajara: Ainda tem uma coisa que eu queria ser.

Pesquisador: O quê?

Ubirajara: Mas eu só queria ser se eu trabalhasse com ambulância aqui... vale transporte aqui...e dinheiro aqui. Agora diga o que é que eu queria ser?

Pesquisador: Como é? Ambulância...

Ubirajara: Embulância...se você for inteligente você vai adivinhar.

Pesquisador: Então, não sou inteligente não. Ambulância...

Ubirajara: Vale transporte...

Pesquisador: Vale transporte.

Ubirajara: E dinheiro.

Pesquisador: e dinheiro.

Ubirajara: Diga o que eu queria ser?

Pesquisador: Espere aí...ambulância...eita... Deus...espere aí...Ambulância, vale transporte e dinheiro...motorista?

Ubirajara: Não... Assistente social.

Pesquisador: O que tem a ver? Ambulância, vale transporte e dinheiro? Assistente Social, por quê?

Ubirajara: Porque se não tem essas três coisas aqui não ajuda os pessoas.

Pesquisador: Ambulância, vale transporte e dinheiro...

Ubirajara: É. Porque vamos supor...chegar minha mãe...aí você é assistente social e você diz: Sou! ...“Oi, como é que eu faço para levar minha mãe em casa?”...Você ali na hora ta com ambulância, você diz: “Motorista leve essa mulher em tal canto”...”Assistente social cheguei aqui de manhã...eu sei...” Aí você: “Tome tanto, vá comer ali”. Para você ser assistente social dessa hospital(referindo-se ao Hospital Universitário) aí, oxe! Você brinca demais!

Pesquisador: Ser assistente social de onde?

Ubirajara: Desse Hospital...oxe! Você brinca demais!

Pesquisador: Por quê?

Ubirajara: Porque quando você...for atendido “ah, posso não!”. (Relatando a dificuldade que a população tem em ter acesso ao hospital). Olhe porque a menina chegou... “esse homem aqui é índio e esse aqui não é” (Começa a desenhar a figura de duas pessoas, um homem índio e um homem não índio).

Pesquisador: Faça aqui por favor, Ubirajara. (Solicitando que o Senhor Ubirajara desenhasse em seu caderno de pesquisa, pois Ubirajara ia desenhando em um pedacinho de papel que estava em suas mãos).

Ubirajara: Eu peguei esse aqui e foi pra casa...

Pesquisador: Esse aqui é qual?

Ubirajara: É o índio

(O pesquisador escreve a palavra índio em cima do desenho de Ubirajara)

Pesquisador: E esse aqui?

Ubirajara: Esse não é índio e está com a mesma doença.

Pesquisador: Certo. Estão com a mesma doença...?

Ubirajara: Aí veio assistente social aqui...

Pesquisador: Espera...(Escrevendo). Sim, diga...?

Ubirajara: Aí veio assistente social aqui e queria internar esse. (Apontando para o desenho do índio). Ele tinha “a vez”, porque era índio e tinha carteirinha da FUNAI. Esse aqui não é índio, porque não tinha a carteirinha...Eu conheci a assistente social...Eu que fiz peguei o índio mandei ele ir pra casa. E esse aqui(apontando para o desenho) internei. Assistente social disse: “Você internou esse homem?”. “Internei”. “E esse, que tem a carteirinha da FUNAI?”. Eu disse: (riso)“Esse aqui a barriga dele tava assim.” (Maior que a do índio).

Pesquisador: Mais cheia...

Ubirajara: E o índio tava assim (menor).

Pesquisador: Ah!

Ubirajara: Aí você preferia levar esse (índio) pra casa ou esse aqui (não índio)? Esse aqui pra casa...que era o índio. Mas desde que a mulher queria internar esse pra pegar o nome na FUNAI, pra crescer ne...ta entendendo...

Pesquisador: Aham...

Ubirajara: Eu disse: “Esse aqui a senhora coloca ele pra casa e chega no meio do caminho a barriga dele pocar ...e aí?” (pocar é uma linguagem popular, o mesmo significado que estourar).

A partir da leitura do diálogo, a impressão que fica é que o trabalhador não gosta de contar sobre sua trajetória escolar, possivelmente para não se fazer refém das “emboscadas” de um pesquisador ou carregar a pecha de não ser um homem inteligente porque não estudou. No lugar de falar sobre a sua escolaridade, ele prefere se valer “dos inúmeros artifícios dos ‘obscuros heróis’ do efêmero” (CERTEAU, 2009_b, p. 342) por meio dos quais se mostra forte e inteligente.

Antes de dizer ao pesquisador o profissional que gostaria de ser, ele faz um jogo de adivinhas como se quisesse sondar a inteligência do pesquisador. Vejamos este fragmento do diálogo “Mas eu só queria ser se eu trabalhasse com ambulância aqui... vale transporte aqui...e dinheiro aqui. Agora diga o que é que eu queria ser?”. O pesquisador está novamente preso às armadilhas do astuto trabalhador, que não se cansa de “ludibriar” seu interlocutor. Após as dicas que Ubirajara considera fáceis para quem é inteligente, o pesquisador arrisca dizer que ele quer ser motorista. Mas Ubirajara nega e diz que quer ser assistente social. E o pesquisador pergunta onde ele queria trabalhar como assistente social. E, para surpresa do pesquisador, Ubirajara responde que queria ser do Hospital Universitário (da UFAL) porque “ali brinca demais”. Tentando compreender sua resposta pelo fato de Ubirajara dizer que “ali brinca demais”, o pesquisador pergunta “Por quê?”. Ubirajara, então explica “porque quando você...for atendido ‘ah, posso não!’. Olhe porque a menina chegou... ‘esse homem aqui é índio e esse aqui não é’ (desenha a figura de duas pessoas, um homem índio e um homem não índio). Percebe-se que a vontade de Ubirajara de ser assistente social é mais uma vez atravessada pelo seu desejo de ser aquele que tem o poder de decisão. Alguém poderoso para decidir sobre a “vida” das pessoas que dependam de sua ajuda. Ao ocupar esse lugar, ele pode brincar e, assim, fazer o jogo do poder.

Embora não ocupando esse lugar, Ubirajara quer mostrar para o pesquisador que ele tomava decisões mais assertivas e acertadas do que a própria assistente social do hospital. Contrariando a decisão dessa profissional, ele mandou o paciente (um índio) para casa porque a barriga dele estava menor do que a do outro paciente, que não era índio. E, segundo ele, a assistente social só queria internar o índio para “agradar” a FUNAI, já que o outro não tinha a carteirinha da FUNAI.

Ainda que todas essas histórias de Ubirajara estejam coalhadas de fantasia, elas não deixam de revelar o quanto Ubirajara se ressentia dessa falta de visibilidade que recaía sobre ele em seu cotidiano. O desejo de ser olhado com respeito e distinção se potencializa nas narrativas orais de Ubirajara. E para ele, possivelmente pelas suas experiências, só os poderosos gozam desse prestígio. Ele acredita que só quem ocupa certos lugares de poder é dado o direito de “brincar”. Assim, ao fazer suas narrativas orais, pode recheá-las com as suas fantasias e ressignificar suas frustrações. Por isso, não perde a oportunidade de (re)criar sua(s) história(s).

No próximo diálogo, Ubirajara tenta se “igualar” ao pesquisador, tentando, inclusive, confundir a atividade dele com a do pesquisador. É como se ele dissesse “não há separação entre nós”, como um apelo a uma identificação subjetiva. Não é à toa que ele “chama” o pesquisador para ajudá-lo na desmontagem da barraca da EDUFAL. Ele diz para o pesquisador: “se você quiser, a gente desenrola”. O pesquisador declina do convite e tenta a todo instante manter um diálogo em busca das legendas para as fotos. Ubirajara, por sua vez, parece (pre)ferir dizer que consegue “desenrolar” com o rapaz da Editora para o pesquisador ficar no lugar de um amigo que, embora escalado para fazer a desmontagem e guardar os livros, não pode assumir essa tarefa porque morava longe.

Pesquisador: Vai organizar agora, é?

Ubirajara: Parece que é quando terminar pra ajudar a ele a guardar os livros. Se você quiser a gente desenrola.

Pesquisador: (risos).

Ubirajara: Vou falar com ele... olha o menino...

Pesquisador: Não. Não.

Ubirajara: Se quiser...

Pesquisador: Não, não, Ubirajara. Eu vim conversar com você...

Ubirajara: Parece que ele quer dois. Um amigo meu daqui ia, mas não pode porque mora em Messias. E ele disse: “a van não quer me levar não, porque pensa que eu vou roubar”.

Pesquisador: Entendi.

O convite para o pesquisador realizar um trabalho braçal nada mais é do que uma tentativa de quebrar qualquer tipo de hierarquia entre eles, de torná-los iguais no sofrimento pelas injustiças, de aventar uma parceria entre eles. Mais ainda: da possibilidade de uma amizade, naquilo que ela se traduz como cumplicidade. Afinal, “Amizade consiste em haver sido mordidos e feridos pelo mesmo, haver sido inquietados pelo mesmo” (LARROSA, 2010, p.145).

Da posição de pesquisador, que me exige “a objetivação ética e estética” (BAKHTIN, 2003, p.29), é Ubirajara, com as suas artimanhas discursivas e engenhosidades em suas práticas cotidianas, que se apresenta como “[...] poderoso ponto de apoio, situado fora de si mesmo, de alguma força efetivamente real, de cujo interioreu poderia ver-me como outro” (idem, idem).

4.2.Abayomi: A forma lasciva de ser como fuga nas redes de conversas

Abayomi é também um nome de origem tupi cujo significado é “alegre encontro”. Assim nomeamos esse segundo trabalhador por ser ele um homem muito brincalhão, de um humor raro e repleto de provocações – muito próximo das tiradas de um bufão. Sempre afeitos a trocadilhos, Abayomi é esse sujeito cujas práticas cotidianas são adornadas por esse seu bom humor. Ele é o que se pode chamar de um galhofeiro, pois sabe fazer do encontro uma arte. Ser jocoso é uma característica desse praticante. E o termo jocoso, do ponto de vista etimológico, vem do latim *jocularis* – que significa engraçado, cômico, e de *jocus* – jogo, passatempo, esporte. Isso certamente é que o faz um homem alegre em seu fazer laboral cotidiano, cujas práticas têm a ver com varrer, limpar e conservar.

Abayomi tem 56 anos, nasceu no Município de Quebrangulo e, atualmente, mora no bairro Village Campestre, próximo à Universidade – seu local de trabalho, na Cidade de Maceió. Trabalha há mais de 14 anos nessa instituição, com uma carga horária recentemente das 7h às 17h, com 2 horas de descanso. O setor no qual Abayomi exerce suas atividades de limpeza e conservação é no Centro de Educação (CEDU).

É nessa unidade que ele trabalha desde que chegou à universidade como funcionário terceirizado. Levando em conta que esses funcionários de limpeza e conservação, em geral, migram para outros setores ou unidades, devido a vários fatores concernentes aos serviços que realizam em seus setores, esse tempo de Abayomi na unidade do Centro de Educação (CEDU) já nos revela que o seu jeito brincalhão, um “truque singular” (CERTEAU, 2009), tem despertado um bem-querer na comunidade do CEDU.

Nesse lugar universitário onde transitam “pessoas sérias”, com ares, muitas vezes, arrogantes de poder e saber – sempre tão apressados em suas obrigações, Abayomi transgride essa lógica pelas suas tiradas engraçadas diante de

determinadas situações. Ou seja, “sua apreciação engraçada ou artística refere-se também a uma arte de viver no campo do outro” (CERTEAU, 2009, p. 81).

Antes de assumir serviços de limpeza e conservação nessa universidade, trabalhou, segundo ele, de servente de pedreiro, armador de ferragem, dentre outros. Frequentou pouco a escola, apenas alguns meses. O seu jeito “bufão” se revela em vários momentos do diálogo, principalmente durante os diálogos que mantivemos para a criação das legendas que seriam utilizadas nas fotos. Nossa conversa sobre as legendas foi realizada sob as árvores que ficam próximas ao bloco do CEDU, onde Abayomi trabalha.

Pode-se dizer que esses diálogos com Abayomi foram momentos de descontração, muitos risos e brincadeiras. Ele, com sua “trampolinagem” (CERTEAU, 2009_a) sem medida, se desloca com astúcia da posição de subalternidade, para enfrentar com o seu saber-fazer, o que lhe parecia, em muitos momentos da conversa, algo enigmático. A palavra **legenda**, por exemplo, não era familiar para Abayomi. E isso, mais do que motivo de constrangimento, foi uma oportunidade para **reinar** diante das explicações do pesquisador que tentava a todo custo se fazer compreender. A astúcia de Abayomi nos obriga a reconhecer que “É o explicador que tem necessidade do incapaz, e não o contrário, é ele que constitui o incapaz como tal” (RANCIÈRE, 2013, p.23).

Pesquisador: Você vai assinar o ponto agora?

Abayomi: Não, vou 2 horas. Que horas são agora?

Pesquisador: 13h:20min

Abayomi eu não sei nem o que...olha, tu deixa de **perturbar** viu bichinho, eu não **tô sabendo de porra nenhuma** não (risos)

Pesquisador: (risos) Olha aqui...segura aqui, vou mostrar suas fotos. (Abre o caderno de fotos para mostrar ao Abayomi)

Abayomi: Eita galega oia...(Abayomi se empolga, querendo mostrar as fotografias às suas companheiras de trabalho.)

Pesquisador: (risos) Cala a boca Abayomi...(Solicitando ao Abayomi que parasse de gritar). Vou mostrar primeiro a sua...depois você escolhe outra. Sim, vamos lá (mostrando a primeira foto ao Abayomi)

Abayomi: Eita galega...(Chamando a sua companheira de trabalho)

Pesquisador: Segure, por favor, vou pegar um lápis.

Abayomi: Cada caba feio...cada caba feio da “bixiga” galega...(olhando as fotos com empolgação)

Pesquisador: Depois você mostra a elas...

Abayomi: Galega olha que “veiu” feio. Eu sou feio...(risos)

Pesquisador: (risos)

Companheira de trabalho de Abayomi: É um jornal é?

Abayomi: Ele fez um caderno.

Pesquisador: (risos) São as fotos. Eu quero que você me ajude a colocar as frases nessas fotos. Você vai falando e eu escrevo aqui...quero que você olhe pra foto...por que você tirou essa foto? Você vai me dizer uma frase criativa pra colocar nessa foto. E eu vou escrevendo aqui embaixo.

Abayomi: Porque foi que eu tirei?

Pesquisador: Sim...

Abayomi Porque tá lindo! Tá lindo o negócio. Porque foi lindo aqui oia...

(risos)

Neste diálogo é bem visível o jeito “moleque” de Abayomi, e uma de suas táticas é incorporar esse seu jeito lascivo na relação com o pesquisador. Diferentemente de Ubirajara, que lança perguntas para o pesquisador para tecer uma rede de conversas, Abayomi, com seu jeito brincalhão, se aproveita de algumas “ocasiões” para caçoar do pesquisador de uma forma irreverente e, assim, “captar no vô possibilidades de ganho” (CERTEAU, p. 47, 2009_a). Ele não se acanha, por exemplo, de falar um palavrão “[...] olha! Tu deixa de **perturbar** viu bichinho, eu não **tô sabendo de porra nenhuma** não (risos)”, como se gozasse de uma total intimidade com o pesquisador – um estudante jovem que ele tantas vezes viu passar pelos corredores daquela unidade. Por isso, Abayomi sente-se à vontade para provocar risos. Ele parece saber que “O riso não coíbe o homem, liberta-o. [...] O riso aproxima e familiariza” (BAKHTIN, 2003, p.370).

Talvez seja justamente o riso alegre e festivo de Abayomi que o mantém ali como alguém tão próximo e, ao mesmo tempo, como o avesso daquilo que se costuma esperar de um ambiente acadêmico que, em geral, prefere um tom mais sério em seu cotidiano. Abayomi vem para quebrar uma certa sisudez e imprimir uma espécie de carnavalização, uma cultura de “múltiplos tons” (BAKHTIN, 2003), vez que “na cultura de múltiplos tons até os tons sérios soam de outro modo: sobre eles recaem os reflexos dos tons cômicos; eles não perdem a sua exclusividade e singularidade, mas são completados pelo aspecto do riso” (BAKHTIN, 2003, 370).

E Abayomi é o típico homem bem-humorado que ri até dele próprio: “Galega olha que “veiu” feio. Eu sou feio...(risos)”. Até mesmo as fotos de Abayomi mostram esse seu tom brincalhão, tal como podemos observar na foto a seguir:

Foto nº 6

**Barriga cheia!** - UFAL- ABAYOMI, 2015

A jaqueira é o alvo do olhar de Abayomi. Nela, de fato, pode “[...] se esboçar uma geografia de cores, de odores e de formas” (CERTEAU, 2009_b, p.253). Através do pé de jaca, Abayomi resgata a sua infância. Por mais que tenha sido uma infância atravessada por momentos difíceis, Abayomi tem como registro “memórias obstinadamente fiéis ao maravilhoso tesouro dos sabores da infância”. Esta foto despertou nele lembranças de um passado difícil e de luta pela sobrevivência, inclusive contra a fome.

Pesquisador: (risos) E essa? (mostrando a foto)

Abayomi: Essa daqui é quando o caba tá com fome e chega debaixo do pé de fruto e vê fruto maduro, tira e come...

Pesquisador: Mas representa alguma coisa pra você essa foto?

Abayomi: A fome.

Pesquisador: A fome é?

Abayomi: É.

Pesquisador: Coloco “A fome”?

Abayomi: é.

Pesquisador: Então, tá! Mas alguma coisa na sua vida, na infância...

Abayomi: Quando eu era menino subia no pé de jaca pra tirar fruto

Pesquisador: Mas lembra a fome? Que fome?

Abayomi: Uma fome que parece que foi de 70...num sei de quanto...que até me esqueci de quando foi...

Pesquisador: Aí você subia pra tirar fruto no pé de jaca?

Abayomi: é.

Pesquisador: Eu posso colocar a frase “A fome”?

Abayomi: É isso aí que eu não sei...

Pesquisador: É isso aí que eu não sei...você escolhe...

Abayomi: como a gente faz?

Pesquisador: Diga aí...é você que tem que dizer...a foto é sua, você que tirou...O que ela representa pra você...essa imagem? Ela representa o quê?

Abayomi: Barriga cheia. O caba tira a fruto pra comer.

Pesquisador: Barriga cheia? Coloco agora?

Abayomi: É.

Pesquisador: Barriga cheia (anotando).

No entanto, o diálogo com Abayomi nos faz compreender que, mais do que a fome num período de crise – sobre o qual ele tem dúvida se ocorreu na década de 1970, é o gosto da liberdade, de poder sentar sob os pés de uma árvore e saborear seus frutos, que o fez/faz tão feliz: “Essa daqui é quando o caba tá com fome e chega debaixo do pé de fruto e vê fruto maduro, tira e come”. Não é o sofrimento que provoca Abayomi a trazer a árvore como imagem para representar o modo de “praticar o espaço” (CERTEAU, 2009_a) de trabalho – um ambiente universitário. Ao contrário, é a “[...] experiência jubilatória e silenciosa da infância” (idem, p. 177) que sustenta um “presente de alegria”. Em suas próprias palavras: “Quando eu era menino subia no pé de jaca pra tirar fruto”. Certamente, é o lado moleque e a irreverência de Abayomi – sua maneira de se postar no mundo, que salva seu cotidiano das amarras e dessacraliza o ambiente universitário alojado numa “cultura” de seriedade, geralmente impregnada de discursos moralizantes.

Ao escutar nosso diálogo, *a posteriori*, posso também compreender que os impasses para a colocação de uma determinada legenda, transitando entre “fome” e “barriga cheia”, deveram-se ao fato de esses termos circularem por semânticas diferentes na minha voz e na voz de Abayomi. Nesse *só-depois*, percebo que, possivelmente, do lugar de pesquisador quis de alguma forma extrair daquela fala uma “palavra patética” (BAKHTIN, 1989), algo mais próximo de uma retórica acadêmica. E como diz Bakhtin (1989), “a palavra patética mostra-se totalmente suficiente para si mesma e para seu objeto, [pois] aparece como uma palavra diretamente intencional” (p.209).

Mas Abayomi com o seu jeito bufão desfaz a solidificação da “palavra patética” (BAKHTIN, 1989), vez que “O bufão [...] desnaturaliza as linguagens elevadas ao invertê-las” (LARROSA, 2010, p. 178). “A seriedade amontoa as situações de impasse, o riso se coloca sobre elas, liberta delas. [...] O riso abre

cancelas, torna o caminho livre” (BAKHTIN, 2003, p. 370). Assim, a expressão “A fome” é esgarçada pela gramática irreverente da expressão “Barriga cheia”.

Nesta próxima foto, Abayomi flagra a hora do descanso. A hora do encontro com os colegas de trabalho.

Foto nº 7



Alegria e descanso! – UFAL – ABAYOMI, 2015.

Essa imagem revela o momento de descanso dos trabalhadores que estão sentados sob o pé de árvore, por trás do prédio da reitoria da Universidade. A forma transgressora desse praticante se apresenta em vários momentos do diálogo com o pesquisador, sobretudo quando usa de vários artifícios para quebrar as convenções da linguagem que definem uma posição na sociedade. Ou seja, uma espécie de “trampolinagem”. Como alerta Certeau,

Define-se como *trampolinagem*, palavra que um jogo de palavra associa à acrobacia do saltimbanco e à sua arte de saltar no trampolim, e como *trapaçaria*, astúcia e esperteza no modo de utilizar ou de driblar os termos dos contratos sociais (CERTEAU, 2009_a, p.74. Destaques do autor).

Isso também nos faz destacar o **riso** que aparece constantemente no diálogo. Embora o compromisso e a seriedade permaneçam, a sisudez se desfaz entre pesquisador e trabalhador.

Pesquisador: Essa daqui?
Abayomi: Essa aqui é quem nem alegria ne...
Pesquisador: Alegria?
Abayomi: É povo tudo alegre...
Pesquisador: E como a gente coloca a frase?
Abayomi: Aí que é ruim...
Pesquisador: Mas esse momento é de alegria?
Abayomi: E descanso.
Pesquisador: Alegria e descanso?
Abayomi: É.
Abayomi: É, será que vai da certo?
Pesquisador: Claro que vai dar certo.
Abayomi: tu inventa cada aimada.(risos)
Pesquisador (risos) Como é...eu invento o quê?
Abayomi: Cada aimada homi...Toma...toma (risos).
Pesquisador: Espere aí que tem mais...(risos)
Abayomi: Mas é cada uma (risos)
Pesquisador: Cada uma digo eu (risos)...vamos pra outro...

Segundo Bakhtin (1997), “O riso impede que o sério se fixe da integridade inacabada da existência cotidiana” (p. 105). Em outras palavras, o riso não recusa a seriedade. Ao contrário, ele completa-a, purifica-a do medo, da intimidação, e do próprio didatismo de uma nefasta fixação sobre um plano único, do esgotamento estúpido. Não é por acaso que o riso é uma tática de Abayomi para dialogar com o pesquisador, driblando o seu poder pela posição social que ocupa. Como diz Larrosa (2010),

O riso mostra a realidade a partir de outro ponto de vista. Essa seria a função de desmascaramento do convencionalismo existente em todas as relações humanas. O riso isola esse convencionalismo, desenha-o com apenas um traço e o coloca a distância. O riso questiona os hábitos e os lugares comuns da linguagem. [...] O riso polemiza com o sério, entra em contato com o sério, dialoga com o sério, com essa linguagem elevada que pretende envolver o mundo e compreendê-lo e dominá-lo, com essa linguagem canonizada e aceita que não duvida de si mesma. O riso desmascara essa linguagem, retira-a de seu lugar, de seus esconderijos, a expõe ao olhar como ela é, como uma casca vazia (p.178).

Para Abayomi, tudo é motivo de motejo. E isso facilitou a situação comunicativa, vez que “o riso não impõe nenhuma interdição, nenhuma restrição” (BAKHTIN, 1997, p. 78). Com o riso tudo cabe e tudo parece poder ser dito, tal como revela o fragmento deste diálogo entre o pesquisador e Abayomi:

Pesquisador: Você pode assinar esse termo de autorização de suas fotos?
Abayomi: Bichinho, tu já vem de novo com tuas 'airmadas'...quer me levar preso,é? (risos)
(Os dois demos gargalhadas).
Pesquisador: Deixa eu pegar...
Abayomi: Assina tu...
Pesquisador: Mas é você que tem que assinar, autorização de suas fotos.
Abayomi: Mas eu to dizendo que pode butar...
Pesquisador: (risos). Eu sei, mas eu preciso que você assine.
Enquanto assinava o documento. Ainda falou:
Abayomi: Da próxima vez vou tirar foto de todo mundo nu...
Pesquisador: (risos)
Abayomi: Vamos fazer uma cartilha com foto nu.
(risos)
Abayomi: Veja se dá pra entender meu nome...
Pesquisador: Deixa eu ver...dá...
Abayomi: Dá nada!
(risos)
Pesquisador: Da pra entender ainda o nome "Abayomi"...Obrigado senhor Abayomi.

Nesse encontro, o pesquisador estava solicitando a autorização das fotografias e legendas (tiradas por Abayomi). Para tal efeito, era preciso assinar o termo de autorização. E para não perder a oportunidade Abayomi utilizou mais uma vez de "trampolinagem" (CERTEAU, 2009_a) no diálogo com o pesquisador, que se deixa levar pelo riso. Abayomi põe sob suspeita a solicitação do pesquisador para assinar alguns papéis, ironizando a sua real intenção com tal pedido e, ao mesmo tempo, mostrando saber a responsabilidade de um nome subscrito em qualquer documento. Além disso, com um tom de ironia, Abayomi diz que em outra oportunidade vai tirar a foto de todo mundo nu para fazer uma cartilha com foto nu. Nada mais provocativo do que um jogo de palavras, através de uma voz gaiata, em que "a passagem metafórica, a virada para o erotismo são apenas sugeridas" (CERTEAU, 2009_b, p.65). Todo esse seu jeito alegre, festivo e burlesco também estão **expostos** em suas fotografias.

Foto nº 8



Na hora da brincadeira: Jogo de dominó – UFAL- ABAYOMI, 2015.

Nessa fotografia, Abayomi faz questão de pousar ao lado de um estudante para registrar o seu momento de lazer. Ele diz que é a hora da brincadeira, do jogo de dominó.

Pesquisador: (...) E essa daqui?

Abayomi: Essa daqui é o caba sentado numa mesa.

Pesquisador: Ela representa o que pra você? Te faz lembrar algo?

Abayomi: Brincadeira...hora da brincadeira.

Pesquisador: Hora da brincadeira?

Abayomi: Isso...hora da brincadeira. (risos)
(risos)

Abayomi: Oia tu inventa tuas aimadas...(risos)

Pesquisador: Eu coloco como mesmo? Hora da brincadeira?

Abayomi: Hora da brincadeira. Nós jogava muito dominó.

Pesquisador: Hora da brincadeira: jogo de dominó.(anotando) É isso?

Abayomi: É.

Ao dialogar com o pesquisador sobre a legenda que deveria ser posta nessa fotografia, Abayomi revela o seu “espírito de criança”. Ao dizer “A hora da brincadeira”,

Pesquisador: (pesquisador anota)Tá vendo que não é tão difícil assim...pode ir passando... só falta uma para você escolher...

Abayomi: Eu gostei dessa foto aqui...dessa gordinha (risos). Gordinha bonitinha da boba!

Pesquisador: Pode falar dessa foto...

(Sr. Abayomi passa a foto)

Pesquisador: Escolha aí algumas dessas...

Abayomi: tinha vontade de aprender ler...nunca fui numa escola. (escolhe a imagem de uma sala de aula)

Pesquisador: Coloque assim: a vontade de aprender ler? (anotando).

Abayomi: Sim.

Pronto Sr. Abayomi...doeu?

(risos – Abayomi e Pesquisador)

Abayomi: É muita coisa... Eu me esqueci até do meu iname...rapaz...tu num vem com essas aimadas pra cá... Pega a pessoa disprevinido...

Pesquisador: Pega o quê? (Não consegue escutar a última palavra dita por Abayomi).

Abayomi: A pessoa disprevinido...

(risos – Abayomi e Pesquisador)

Pesquisador: Muito obrigado, Sr Abayomi!

Nesse diálogo, o pesquisador estava solicitando ao trabalhador que escolhesse algumas fotos - tiradas por seus companheiros de trabalhadores – para legendar. Abayomi, após tecer alguns elogios, com um tom paquerador, para uma de suas colegas, resolveu escolher uma foto que foi tirada de uma sala de aula, confessando, quase num sussurro, que “tinha vontade de aprender a ler”.

Foto nº 9



Vontade de aprender - UFAL - ARACI,2015.

O curioso é que Abayomi parece, pela primeira vez, acuado para sustentar o tom lascivo de sua conversa com o pesquisador. Ao dizer: “eu gostei dessa foto

aqui...**dessa gordinha** (risos). **Gordinha bonitinha da boba!**”, foi surpreendido pelo pesquisador que dá “permissão” para que legende a foto da moça que ele havia admirado. Mas surpreendentemente, Abayomi prefere repassar a página e escolher outra fotografia para legendar, expondo assim, toda a sua trapaçaria e esperteza.

4.3 Araci¹⁶: um cotidiano reinventado em suas fotografias

Araci é uma trabalhadora sempre aberta ao diálogo. Sua virtude é narrar os acontecimentos de seu cotidiano, incluindo também, até mesmo, histórias bíblicas. Certamente, por ser evangélica leva ao trabalho uma bíblia. É através desta bíblia que passa os intervalos de seu descanso se deleitando na leitura do evangelho, daí ela diz “eu creio que Deus cuida da Gente” (ARACI, 2014).

Foi entre um deleite e outro, que nos encontramos para dialogar sobre as fotografias. E para não deixar escapar essa cena, acabei “quebrando” a “regra” e tive a ousadia de tirar a foto de Araci sentada sobre a carteira lendo a bíblia:

Foto nº 10



Deleite de IRACI – Pesquisador – UFAL- 2015.

¹⁶ Um nome de origem tupi que significa “mãe do dia”.

Araci tem 62 anos, mora no bairro Clima Bom próximo à Universidade, onde realiza suas atividades laborais de limpeza e conservação. Nasceu no interior de Alagoas, numa cidade chamada Quebrangulo. Ela interrompeu seus estudos ainda no Ensino Fundamental no 9º ano (na época 8ª série), para melhor esclarecimento de sua situação escolar é preciso escutá-la:

O Ensino Fundamental¹⁷ é até a 8ª, mas eu não terminei, porque até o momento eu acho que não terminei. Passei em todas as matérias, só matemática que ficou “rolando no meio”. Pedi a Deus e orar para ele refrescar minha mente né e eu aprender matemática né isso, principalmente dividir...multiplicar. Somar, tudo bem. Mas essas duas matérias(referindo-se: divisão e multiplicação). Paguei todas as matérias, mas fiquei em matemática. Mas eu não desisti. Eu fiquei tentando e nem sei se passei, porque se eu passei, vou logo para o Ensino Médio.

(ARACI, 2014)

Araci nos revelou que gosta de seu trabalho. Ela nos diz que ama o que faz, que gosta de estar na Universidade e conversar com os companheiros de trabalhos, professores e alunos desta instituição.

Pesquisador: Você gosta de trabalhar aqui?

Araci: Eu gosto! Eu amo! Estou aqui esse tempo todinho nesse setor. Eu gosto dos professores. Conheço muitos alunos, os alunos me chamam de tia. Me chamam de tia (risos). Eu gosto assim...porque eu sou tratada bem. Muito bem. Então eu gosto de trabalhar aqui. Me sinto bem.

Pesquisador: Que bom! Legal!

Araci: Ah, e você não sabe...tem momentos que eu converso com alunos vum! Até debato.

Pesquisador: Debate como? O quê?

Araci: A gente fala...a gente fala de professor...de informação. De tudo que está acontecendo a gente fala(...).

Neste diálogo Araci nos fala sobre o seu afeto pelo local de trabalho e sobre sua convivência com os outros que compõem este ambiente: companheiros de trabalhos, professores e alunos. Não foi por acaso, de fato, que ela tira foto junto com colegas de trabalho e alunas desta instituição:

¹⁷É importante dizer que o Ensino Fundamental, em 2006, passaria de **8 para 9 anos** de duração com as Leis Federais nº. 11.114/05, que instituiu o início da obrigatoriedade do ensino fundamental aos 6 anos de idade, e a de nº 11. 274/06, que ampliou a duração do ensino fundamental para 9 anos, mantido o início aos 6 anos.

Foto nº11



Três pessoas importantes na minha vida: Representa minhas amigas! ! – UFAL – ARACI – 2015.

Pesquisador: E esta foto você com essas meninas?

Araci: São minhas amigas. Alunos e amiga do trabalho.

Pesquisador: Legal. Essa aqui é aluna (sentada)?

Araci: Sim. Elas chegam, sentam e conversa com a gente. Todas são amigas.

Pesquisador: Como podemos criar a legenda?

Araci: Elas são pessoas importantes. Estão sempre com a gente.

Pesquisador: E...

Araci: Três pessoas que eu gosto...Três pessoas importantes na minha vida. Coloca: três pessoas importantes na minha vida...

Pesquisador: Quer dizer ou acrescentar mais alguma coisa sobre elas?

Araci: Assim...representam minhas amigas. Elas as minhas amigas.

Pesquisador: Então, a frase está ate agora: Três pessoas importantes na minha vida. Você falou agora "representam minhas amigas". Quer acrescentar essa frase tbm?

Araci: Sim. Porque elas são minhas amigas. Coloque. Eu vejo elas todos os dias.

Esta foto foi tirada, segundo Araci, em um momento de descanso, em sua hora de almoço com suas amigas. Araci não apenas fala que interage com outros companheiros que compõem a universidade, mas também, ela registra, mostra e prova este fato. É o que a foto acima nos revela. São alunas e companheiras de

trabalho que convivem cotidianamente o ambiente da Universidade e, assim, cria-se laços de amizade, de afeto, de camaradagem.

Araci é irmã de Abayomi. Isso me fora revelado em um dos momentos de diálogo sobre as legendas para as fotografias, quando ela viu a imagem de seu irmão em umas das fotografias¹⁸. Ela diz: “o meu irmão!!” (risos).

Pesquisador: Ele é seu irmão? Mas Abayomi não me disse...

Araci: Esta foto é do meu irmão! Oia pra ele...tirou numa jaca! (risos). Ele é muito brincalhão esse meu irmão. Uma pessoa divertida. (risos)

Pesquisador: Quer criar legenda para esta foto?

Araci: Quero (risos).

Pesquisador: O que esta foto te lembra?

Araci: Ele é uma pessoa brincalhona, bem divertida. Lembra quando eu subia para tirar jaca. A gente morou no interior onde tinha jaca, pé de manga...na infância!

A Imagem da fotografia de Abayomi também faz Araci relembrar sua infância no interior de Alagoas. Mas o que de fato reverbera em suas fotografias é o cotidiano de seu trabalho. A cada clique um momento e um local desse ambiente, no qual são revelados seus saberes/fazeres (CERTEAU, 2009). Assim, Araci vai relevando em suas fotografias, nesse seu olhar que “tudo” vê, o cotidiano de seu trabalho. Foi assim que ela nomeou uma de suas fotografias “o lugar de sombra, onde todos ficam reunidos no pezinho de manga!”:

Foto nº 12



O lugar de sombra, onde todos ficam reunidos no pezinho de manga! – UFAL – ARACI – 2015.

¹⁸ Foto exposta na página 80. Esta foto foi tirada por Abayomi, e não Tereza.

Suas imagens mostram o cotidiano dos trabalhadores: momento do descanso, do almoço, assinatura do ponto, os materiais de limpeza, entre outros momentos. Daí que Flusser vai dizer que a fotografia possibilita uma movimentação “na floresta densa da cultura” (FLUSSER, 1985, p18). Ao fotografar, Araci não manipula apenas uma máquina, mas toda a sua cultura, e a sua sensibilidade, “a fim de descobrir visões até então jamais percebidas” (FLUSSER, 1985, p. 18). É o que Certeau, certamente, nos diria: É astúcia.

É impossível não considerar a profusão de imagens que a fotografia de Araci provoca: um sentido de coletividade e de pertencimento, por isso nos provoca o lugar escolhido – repleto de árvores que, num o jogo de luz e sombra, contracenam com um pedaço de céu azul; a descontração entre os colegas de trabalho. Tudo nos remete a um *campus* que, mais do que trabalho, se revela também como um espaço de festa, de encontro, de afeto.

Assim, Araci procura revelar a sua rotina de trabalho a partir das fotografias. Cada imagem um momento, uma escolha, uma revelação de seu dia a dia, “cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia” (CERTEAU, 2009_a, p.101.). Afinal, é através de seu olhar que é possível captar e registrar práticas de seu cotidiano, pois a fotografia é “sempre alguma coisa que é representada” (BARTHES, 1984, p.49), atravessada pela subjetividade do olhar estético daquele que está por trás da câmera.

Foto nº 13



Limpeza, cuidado e organização - UFAL – ARACI – 2015.

Na imagem anterior, Araci tira foto no momento em que está limpando o banheiro. Um momento para ela de muito cuidado e organização. Em um outro “clique” a trabalhadora registra cenas que ela considera um momento estressante: a “assinatura” do ponto. Ela aproveita esta “ocasião” (CERTEAU, 2009) e registra o momento exato da assinatura do ponto:

Foto nº 14



Momento estressante, fila demorada, local abusado! - UFAL – ARACI – 2015.

Pesquisador: E esta fotografia?

Araci: Estão assinando o ponto.

Pesquisador: Como podemos criar uma legenda para esta foto?

Araci: Aqui eles estão assinando o ponto....é um local abusado.

Pesquisador: Por quê?

Araci: Porque é estressante. Uma fila enorme...

Pesquisador: O que faz essa “assinatura” ser estressante?

Araci: É estressante mesmo! Porque demora, demora demais! Fila longa, muito estressante isso aí! Principalmente quando a gente chega na hora, coloca o dedo e a digital não tá...não tá é...é...pega lá...o papelzinho sai. Aí o povo fica butando o dedo e tirando, butando e tirando...Eu, no meu caso, não. Sei que a minha digital tá ruim, eu passo assim e esquenta. Quando eu

boto, já coloco o dedo e já sai. O outros, não! Fica butando e tirando...butando e tirando!

Pesquisador: Entendi! Aí demora?

Araci: Demora!

Pesquisador: Por isso que é estressante?

Araci: É. Fila demorada! Local abusado.

(...)

Como nos diria Certeau (2009_a) a ocasião é “aproveitada” e não criada. O que nos parece que Araci com toda a sua astúcia, de fato, aproveita a “ocasião” de manipular uma máquina fotografia e procura historiar sua rotina de trabalho, dando visibilidade à beleza do seu cotidiano.

Entre as fotografias de Araci, chamou nossa atenção a foto de uma escada, que parece significar muito para ela. Esta imagem fala de memórias e afetos de seu ambiente de trabalho:

Foto nº 15



Eu subo e desço esta escada todos os dias e conservo ela limpa – UFAL – ARACI, 2015.

Certamente é de se estranhar que Araci escolha tirar a foto de uma escada. Mas a escada não deixa de ser a própria metáfora do “sobe e desce” de sua vida de trabalhadora – sempre tentando “subir na vida”, tal como se diz na linguagem popular. Esta escada, portanto, simboliza sua batalha diária, seu cotidiano repleto de idas e vindas. Foi a sua primeira foto: “Vou tirar dessa escada, onde subo todos os dias há anos”. É assim que Araci reinventa o cotidiano de seu trabalho: são imagens que relevam por onde seus pés caminham, embalados por sonhos, afetos, e o desejo de ir além, de dar um passo a mais, revelando também, através de suas fotografias, seus saberes/fazeres do/no cotidiano.

4.4. Caeté¹⁹: Um presente carregado de memórias

Caeté concluiu o ensino médio, apesar de interromper os estudos na infância devido à distância da sua casa até à escola, pois morava num sítio afastado – em São José da Laje, interior de Alagoas. Ainda quando criança foi morar no Agreste de Pernambuco. Ela tem 55 anos de idade; e atualmente mora próximo à Universidade.

Em suas narrativas, Caeté expressou mais de uma vez seu desejo de fazer um curso superior: “Tô com vontade de fazer a faculdade à distância”. Daí que “ao trazer o passado até o presente, recria o passado ao mesmo tempo em que se projeta no futuro” (AMADO Apud BENJAMIN, 1995, p.132). Desse modo, ela elege uma fotografia onde aparece uma cena escolar paradigmática: o quadro de escrever para dar aula. Uma cena, inclusive, “montada” por ela, ao pedir a colaboração de alunos que se encontravam, em intervalo, à espera do professor. Nisso se revela um imaginário de escola – forjado em suas idealizações.

¹⁹Nome de origem Tupi. Caeté significa Mata frondosa.

Foto nº16



O professor na época de criança – UFAL - CAETÉ, 2015.

Pesquisador: E essa daqui?

Caete: Essa daqui é um menino né...aluno.

Pesquisador: Dando aula ne...isso aqui é um quadro...

Caete: Lembra o professor...

Pesquisador: O que a gente coloca? O que o professor representa pra você?

Caete: Tudo!

Pesquisador: Tudo!? E como podemos colocar aqui?

Caete: Coloca assim: Lembra o professor...pra mim o professor...

Caete: Lembra o professor na época da infância.

Pesquisador: ah...lembro que você contou de um professor...

Caete: É sim, José. Meu primeiro professor.

Pesquisador: Lembra o professor na época da infância.

Caete: Quando era criança era mais professor... É. Vamos tirar lembra...Coloca o professor na época da...de... de criança.

(....)

A trabalhadora, a partir de suas fotografias, fala sobre a sua infância e o seu primeiro professor. E ela faz questão de mencionar que começou a estudar com um

professor e não como uma professora. Talvez ela tenha destacado isso porque, em geral, é o gênero feminino que prevalece na profissão²⁰.

Vale dizer que o diálogo de Caeté com o pesquisador sobre a sua trajetória de vida e escolar mostra que a vontade de estudar foi desde sempre barrada, e isso agora se **confunde** com o seu desejo de frequentar uma faculdade na modalidade à distância (vencendo as distâncias), vez que as suas lembranças a remetem às possíveis dificuldades de chegar à escola, em virtude de morar, à época, num sítio afastado.

Saia do sítio para ir ao outro sítio... Eu repeti a 4ª série duas vezes...porque era distante. Mas, não era porque eu não passava, era porque eu não ia pra aula era distante naquela época eu não ia sair sozinha, senão eu tinha feito duas faculdades...era porque eu era inteligente, viu! Eu era! (CAETE, 2014)

Caeté traz a memória de um passado, quando morava num sítio. Assim, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar” (BOSSI, 1994, p.23). Não é por acaso, então, que ela nomeia uma de suas fotos de “lembranças de Garanhuns”:

Foto nº 17



Lembranças de Garanhuns – UFAL- CAETE, 2015.

²⁰ Exemplo disso é a minha própria turma de Pedagogia (2007.2) da UFAL. Havia apenas dois rapazes. Eu e mais um.

Apesar de a imagem parecer apenas uma (bela) paisagem do campus da Universidade, através dela Caeté relata seu passado. Um passado implicado em suas memórias, pois “Seja como for, a memória é tocada pelas circunstâncias, como um piano que produz sons ao toque das mãos” (CERTEAU, 2009_b, p. 151). São essas fotografias de paisagens que (re)velam os modos de ser, pensar e sentir a estética que se dá entre natureza e cultura, o que expressa, conseqüentemente, conhecimento e sensibilidade.

As fotografias tiradas por Caeté em seu local de trabalho dão visibilidade à memória do ambiente onde nasceu e cresceu no interior e que emergem nas imagens que produz, no olhar que tem para o lugar que frequenta cotidianamente. Daí que “a memória vem de alhures, ela não está em si mesma e sim noutro lugar, e ela desloca. As táticas de sua arte remetem ao que ela é, e a sua inquietante familiaridade”. (CERTEAU, 2009_a, p. 151).

Foto nº18



Agreste de Pernambuco– UFAL- CAETE, 2015.

Pesquisador: (...)Foram muitas...Essa daqui lembra o quê?
Caete: Isso aqui eu me lembro sabe o quê?
Pesquisador: O quê?
Caete: Índio.
Pesquisador: Por quê?
Caete: Tem essas cabaças d'água.
Pesquisador: Por que Índio...coloco o quê? O Índio representa alguma coisa pra você?
Caete: Isso aqui tá representando o agreste do sertão.
Pesquisador: O Agreste?
Caete: Bom Conselho! Sim, aqui tem a parte mais alta. Representa o Agreste...
Pesquisador: e pra você?
Caete: pra mim? Representa também o sertão.
Pesquisador: Você falou em Agreste, Sertão...como a gente coloca?
Caete: Representa o Agreste de Pernambuco.
Pesquisador: Podemos começar: O Agreste de Pernambuco.

Esse diálogo remete ao que diz Benjamin: “o passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido”(p.224). Ao reconstruir sua narrativa sobre as suas experiências na infância, pode estabelecer uma relação de cumplicidade e também laços de afeto com o pesquisador no decorrer dos encontros. Um sentimento demonstrado pela forma carinhosa como costumava chamar o pesquisador: “meu menino”.

Caeté foi uma das animadas para ver suas fotos reveladas. Ela tirou mais de 100 fotos enquanto esteve com a máquina digital. Possivelmente, sentiu-se reconhecida e com um certo empoderamento pelo fato de usufruir desta experiência estética em seu próprio ambiente de trabalho.

4.5. Mara: A força da mulher

Mara tem 42 anos de idade. Ela mora próximo à Universidade – no bairro chamado Santos Dumont. Diferentemente de seus outros colegas, nasceu em Maceió. Porém, quando criança foi morar no interior de Alagoas. Concluiu o ensino médio. Realizou alguns cursos profissionalizantes, tais como o curso de cabeleireira e informática. Há três anos tenta o vestibular. Trabalha nesta instituição de ensino há mais de seis anos. Antes de trabalhar de limpeza e conservação trabalhou em usina como auxiliar de óleo, telefonista e vendedora de cosmético.

Mara nos revela como ela se sente excluída e ignorada nessa instituição universitária:

Às vezes eu paro e penso e digo: Poxa! Tenho que procurar alguma coisa, porque as vezes eu paro e digo: “Eita poxa eu tenho que ir...procurar alguma coisa. Porque as vezes a gente se sente um pouco assim diminuída e diz: eita “tô invisível” (risos). Uma vez eu lembro que a gente foi no jantar de um aniversário de um professor daqui. Aí tava na mesa todo mundo, aí um colega(aluno) disse “e você faz o quê? É de que curso?” falando comigo e tudo. Aí teve uma aluna que disse “não ela é da limpeza!”. Aí quando ela disse isso eu já sentir da parte dele...assim...como se fosse assim “não...ela é da limpeza!”. Aí ele nem falou mais (MARA, 2014).

Essa fala de Mara nos faz refletir sobre a (in)visibilização desses sujeitos – muitas vezes ignorados e excluídos por serem trabalhadores de limpeza e conservação. De fato, esses sujeitos tornam-se expostos à (in)visibilidade dentro de uma universidade, que se propõe a ser o *lócus* da produção do conhecimento – considerando seus atores sociais como representantes de uma elite intelectual. Esse episódio narrado anteriormente por Mara foi o que a motivou a dar continuidade aos seus estudos. Mais ainda: impulsionou-lhe à busca de uma justiça social e de uma justiça cognitiva:

Ah, estou tentando **entrar** aqui na UFAL, mas a média nunca dá. Fico na lista de espera. Tentei uma vez serviço social, foi muito concorrido. E tentei duas vez para pedagogia, estou na lista...estou esperando. (MARA, 2014)

O que nos parece é que Mara não se sente “dentro” da Universidade. A palavra “**entrar**” soa fortemente. De alguma forma, ela se sente “fora” desse espaço. É como se esse espaço “demarcasse” seu lugar de subalternidade. Isto nos lembra aquilo que Boaventura (2009) vai chamar de pensamento abissal. Daí que ela se sente, visivelmente, no “outro lado da linha”.

Possivelmente, o fato, desta trabalhadora se sentir invisibilizada em alguns momentos dentro deste espaço da universidade, a fez tirar foto dela mesma com uma companheira de trabalho.

Foto nº 19



Parceria! – UFAL- MARA, 2015.

Mais do que querer dar visibilidade a si mesma, ela registra imagens do campus, certamente, como um ato de denúncia, mas que não deixa de ser revolucionário:

Foto nº 20



A tristeza do descaso - UFAL- MARA, 2015.

O que nós não conseguimos ver, Mara, nos mostra. Suas imagens revelam o que nenhum/a outro/a trabalhador/a fotografou. Na imagem, cadeiras jogadas e quebradas. É o olhar sobre o “descaso”, acerca dos materiais jogados ao relento do campus da Universidade. Assim, ela diz “Porque a gente quer ver que tem tanta carência de escola e tanta criança que senta no chão. A gente lembra o descaso da escola pública...”. Suas palavras anunciam seu comportamento humano, ético e político, pois ela dá visibilidade aquilo que os outros não veem; ou se veem, não agem. Mas do que quer dar visibilidade, ela demonstra importância, atenção e cuidado com o patrimônio público.

Em suas fotografias o que nos chama atenção é esse seu ato de denúncia. Assim, sua força está em suas fotografias. Revelando esse olhar crítico e revolucionário perante o “descaso” acerca dos ambientes da Universidade. Ela consegue trazer o retrato da Universidade de uma outra forma que não deixa de ser também um ato revolucionário (como tido anteriormente). E esse seu desejo de mostrar esse outro lado do ambiente acadêmico, é revelado em outras suas fotografias, como podemos ver:

Foto nº 21



Expressão Viva – UFAL- MARA, 2015.

Pesquisador: Vamos virar aqui...(passando a página do álbum de fotos). E esta foto? O que representa?

Mara: Essa daqui foram os estudantes. É a expressão deles. Expressão dos jovens...pode ser.

Pesquisador: A gente coloca como? Só expressão?

Mara: Você que sabe!

Pesquisador: Você que me diz...as fotos são suas. Você que é autora das fotos.

Mara: Aqui é um espaço em que eles sentam...é um banco. Onde os jovens podem se expressar... e me chamou atenção. É um espaço onde eles ficam a vontade...as vezes eles riscam lá...desenham...estão se expressando.

Pesquisador: por que te chamou atenção?

Mara: Porque eu acho bonito. Porque assim tem poesia....tem piada...tem até safadeza...

Pesquisador: E é...onde fica isso?

Mara: né ali na Marcia.

Pesquisador: Mas eles escrevem...é uma parede para isso?

Mara: É, quando vem alguém de fora para um congresso escreve também e deixa a marca deles.

Pesquisador: Mas tem o nome “deixe sua marca”

Mara: Não. Eu estou dizendo que eles passam e deixam a marca. Por exemplo, quando tem congresso aqui aí deixam, por exemplo, “Daniela esteve aqui 2014 e tal”.

Pesquisador: ah...

Mara: Aí por exemplo, uma menina colocou uma vez “Hoje eu não vou dar, hoje eu vou distribuir”. (risos)

Pesquisador: Ah...(risos)

Mara: Essas coisas assim...Aí a gente ri. Eu gosto dessa parede.

Pesquisador: E como a gente colocaria (legenda)? Vamos voltar as palavras que você falou: Expressão, reflexão...

Mara: Expressão viva...ne!

Pesquisador: Expressão viva? (anota)

Mara: É!

Pesquisador: está ótimo.

Mara: É. Porque é uma coisa que eles se expressam...e vive diariamente. Tem gente que escreve alguma coisinha assim...

Pesquisador: Você já escreveu lá?

Mara: Nunca escrevi não. Mas quando eu for embora eu vou escrever. (risos)

No diálogo e imagem acima, podemos observar a pretensão dos alunos de se expressarem e montarem um mural de frases e desenhos revelando seus gostos, anseios e vontades. Uma parede que se transformou em um painel de interação entre os alunos da Universidade e de outras instituições. E tudo isso suscitou a curiosidade da trabalhadora Mara.

Nesse sentido, percebemos que não somente os alunos que possuem o desejo de se expressar. Mas, certamente, esse desejo de se expressar é latente na trabalhadora. Não é à toa que ela vai dizer que nunca escreveu no “mural”, mas que “quando eu for embora eu vou escrever. (risos)”. Esta fala marca esse seu desejo também de ser vista, uma vez que ela se considera “invisível” neste ambiente acadêmico.

4.6. Tainará: a estrela

Tainará é alagoana, tem 31 anos, e mora próximo à Universidade – num bairro chamado Santos Dumont, localizado na cidade de Maceió. Assim, como Caete e Mara, ela também concluiu o ensino médio. E antes de exercer a função de trabalhadora de limpeza e conservação, trabalhou como doméstica. Nesta universidade pública Tainara trabalha há mais de 1 ano.

Tainará nasceu e viveu sua infância no interior de Alagoas. Ela saiu do interior, lugar em que morava, para tentar uma vida melhor numa “cidade grande”, em busca de uma justiça social e, por consequência, justiça cognitiva. Daí seu grande desejo de retornar os estudos, fazer uma faculdade, um curso superior. Como ela disse “entrar na Universidade”.

Tainará, reiteradamente, diz que pretende dar condições melhores à família: Ah! Quero entrar na universidade e dar uma condição melhor...pensar no futuro melhor pro meus filhos.” E esse, de fato, parece ser seu “grande” sonho. (TAINARÁ, 2014). Tanto é que o lugar que mais aprecia é a unidade denominada COPEVE, lugar onde se concentra a administração da burocracia do “vestibular”, ou seja, comissão responsável pela organização do vestibular desta instituição. Daí que ela fotografou a imagem da COPEVE:

Foto nº 22



A porta de entrada na vida acadêmica – UFAL – TAINÁRA, 2015.

Assim a partir das fotografias, Tainará revela:

Tenho um sonho...se formar no ensino superior. Para mostrar pro meu pai que eu consegui!Meu pai nunca acreditou em mim. Porque quando eu terminei o ensino médio engravidei da minha filha. Aí ele disse que minha filha era o meu diploma. Aí eu quero mostrar pra ele que eu...consegui. (TAINARÁ, 2015).

As histórias de vida dessa trabalhadora é marcada por sonhos e desejos, pois ela saiu do interior – lugar em que moravam – para tentar uma vida melhor na “cidade grande”. Assim, busca a todo custo de um reconhecimento social, pois se sente excluída do ambiente universitário, do espaço no qual ela trabalha. Desse modo, ela diz:

Geralmente as pessoas acham porque eu trabalho na limpeza e conservação... acha que eu sou analfabeta... olha num estuda...trabalha na limpeza, limpando banheiro dos... universitários...A maioria acha isso, né?” (TAINARÁ, 2014).

Tainará inconformada com seu trabalho, com a vida subalterna que leva, relata: “(...) esse não é o emprego que eu pedi a Deus ne...mas, tá pagando minhas contas...e eu preciso buscar coisas melhores pra minha vida”. Neste “buscar algo melhor”, a trabalhadora participou da seleção do ENEM no final de 2014, prestando o vestibular.

Pesquisador: Sim...mas, você vai fazer conexão de saberes (pré-vestibular para comunidade carente)? Vai fazer novamente?

Tainará: Vou fazer a prova, não sei se...

Pesquisador: Mas, tá na lista de espera ainda ne?

Tainará: Tô...

Pesquisador: E como foi que ficou...como foi isso?

Tainará: Por causa da ampla concorrência...devia ter botado no...na cota...o menino com 517 pela cota, já entrou! E eu com 525 pela concorrência não entrei ainda...

Não sabia ela que este seu sonho iria se propagar na universidade e a torná-la uma “estrela”. Mas nem tudo foi como esperava.

Pesquisador: Quem essa mulher que te entrevistou?

Tainará: Eu num sei não...tava lá num...lá na reitoria ela trabalha.

Pesquisador: Espera aí... como foi? deixa eu entender...ela chegou aqui...

Tainará: Teve um UFAL de Verão né...o reitor veio...

Pesquisador: Curso de Verão ne...

Tainará: O reitor veio tirar foto com o pessoal...aí eu disse...eu tinha falado pro professor(...) que eu tinha passado no enem né...mas, só que eu não tinha sido chamada ainda...

(...)

Tainará: Aí tirei a foto com o reitor...mandou pegar meu número e meu nome para fazer entrevista... porque o professor disse ao reitor que eu tinha passado e que eu trabalhava na limpeza...

Pesquisador: hum...

Tainará: virou o vandervuis...
(risos)
Pesquisador: Virou o quê?
Tainará: Vandervu...
Pesquisador: O que é isso?
Tainará: Sei lá...porque ficou todo mundo comentando...(risos)
Pesquisador: (risos) E foi? Ficou famosa então...
Tainará: (risos altos) Tô na mídia!
Pesquisador: (risos) né...e como foi que eles...e depois a mulher (jornalista) veio aqui?
Tainará: Foi.
Pesquisador: Você lembra o nome dela?
Tainará: Não. Ela disse, mas não lembro não!
Pesquisador: Mas você chegou a falar o que pra ela?
Tainará: Falei que eu tinha...ela perguntou porque eu tinha parado de estudar...fazia 12 anos...a primeira vez eu tinha cursado a prova do ENEM que eu tinha passado, mas eu não sabia que isso ia causar alvoroço aqui dentro da UFAL, não!
Pesquisador: E causou muito, foi?
Tainará: Foi.
Pesquisador: Como assim?
Tainará: Não...você é...porque todo mundo vinha me perguntar. Eu dizia “não gente, eu ainda não fui chamada ainda não!”
Pesquisador: E como você se sentia quando as pessoas vinham de procurar...para parabenizar?
Tainará: eu me sentir mal...porque eu não fui chamada ainda ne...e dei essa entrevista...eu passei, tirei uma boa nota, mas só que eu não fui chamada, não tenho culpa da concorrência ser grande. Infelizmente, vou tentar o próximo. Tentar uma nota melhor pra...não precisa tanto esse alvoroço todinho e ficar na minha né...calada quietinha! Não vou divulgar! Ficar calada! Só vou divulgar quando eu estiver estudando. Quando eu assinar lá o documento.

O que era um sonho, para ela, estava se tornando um grande pesadelo, movido por certos constrangimentos. O fato de as pessoas divulgarem sua imagem e compartilhar em redes sociais, a fez, mais tarde, a ter menos esperança e a se importar menos com o resultado do vestibular. Isto, de fato, podemos perceber em um encontro que tive com Tainara pelo campus na Universidade, no qual ela estava saindo de seu bloco para assinar “ponto”. Ao conversar com ela, me pareceu um pouco frustrada.

Tainara: Estou angustiada.
Pesquisador: Por quê?
Tainara: O ENEM. Nem quero saber dele este ano (2015). Você sabe o que aconteceu comigo o ano passado?
Pesquisador: Lembro. Mas...
Tainara: Aquele alvoroço todo. Eu nem tinha passado ainda e as pessoas vieram me perguntar, por causa daquela entrevista que eu dei para a mulher da reitoria.
Pesquisador: Não fique assim. Tente novamente. Não desista por isso.

Apesar de Tainará não ter conseguido uma graduação na Instituição no qual tanto almeja, conseguiu através de sua nota no ENEM um curso técnico, no SISUTEC (Sistema de seleção Unificada da Educação Profissional e Tecnológica), na área de Gestão de Turismo. É importante dizer que este “pequeno” diálogo acima nos faz refletir sobre a visibilidade que de fato deve ser estabelecida para esses sujeitos. Algo que se contrapõe a midiatização e exposição exagerada que acaba causando certos constrangimentos. Tem momentos que ser "invisível" é necessário.

A visibilidade pode "custar caro". Porque ao se tornar uma estrela, forjou-se uma visibilidade forçada, meramente disfarçada por uma sociedade marcada por estereótipos. E quando não há veracidade dos fatos, a subjetividade é afetada, de tal forma, que causa mudanças sérias no pensamento do outro. Daí que é preciso pensar em algo que valorize esses profissionais. São sujeitos portadores de culturas e através de seus saberes/fazerem conseguem “driblar” a cultura dominante perpassada no ambiente acadêmico. Apesar de todo o constrangimento que Tainara passou ao ser exposta, ela consegue “sobreviver” neste espaço, pensando, inclusive em uma forma de não ser mais exposta.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda história requer um final, uma espécie de prestação de contas de sua terminalidade. No entanto, contrariamente ao estabelecido, não é possível precisar, sobretudo, do campo da pesquisa das práticas cotidianas, como tudo terminou. Embora o acabamento final quem dê seja o pesquisador, uma vez que é ele que forja a escrita - implicado pelo outro – é na verdade uma captura do olhar e da escuta daquele se faz afetado desde sempre pelo Outro. Esse Outro que nos coloca, mesmo sem querer, nos desvios, na contramarcha daquilo que pode parecer sob o controle do pesquisador. E neste ziguezague de idas e vindas é possível compreender que

Respeitar ao Outro é não procurar conhecê-los, classificá-lo. O respeito ao Outro não busca tematizá-lo. Não é um respeito pela diferença, mas uma contemplação da *différance*. A diferença é composta pelos binarismos que aprisionam e normatizam (SARAIVA, 2008, p. 45).

Deslocados deste lugar de quem “tudo sabe” (geralmente uma crença que “encanta” o pesquisador), fomos alçados, também, à posição de narradores praticantes – entrelaçados pelos nós que tramam uma rede de conversa –, desafiados, “golpe à golpe” (CERTEAU, 2009), a tirar consequências desta experiência que potencializa nossa capacidade de se maravilhar a cada instante com tudo o que vem do Outro, tal como Certeau (2009) que se maravilhava com tudo que era ordinário. Daí que é belo poder escutar o outro, dialogar, conversar, sentir, surpreender e, assim, permitir se alterar, transformar-se. Implicado por este Outro, foi ele (ou eles) que me fez revistar meu passado e da “vida” a esta produção. Daí que podemos dizer que é sempre o Outro que dá ao eu uma completude provisória e necessária.

Isso alerta, do ponto de vista teórico-metodológico, que a pesquisa com as práticas do cotidiano e os sujeitos praticantes não nos faz reféns de categorias prévias. Ao contrário, ela nos afasta deste modelo cujos percursos assemelham-se

[...] a uma viagem programada, guiada pela demonstração rígida de hipóteses de partida, a uma domesticação de itinerários que facultam ao pesquisador a possibilidade de apenas ver o que os seus quadros teóricos lhe permitem ver (PAIS, 2003, p.17).

Assim, diferentemente da perspectiva epistemológica da modernidade, o singular – aquilo que se faz habitado de emoções e criatividade – foi o que nos

implicou e nos interrogou, em virtude de suas enigmáticas impressões. Sem as armaduras de visões reducionistas e conservadoras, a metodologia de nossa pesquisa foi sendo minada neste mundo de possibilidades. A cada passo, uma nova descoberta e um novo desafio. Então, se é possível dizer onde essa história termina nos arriscamos a dizer que ela não termina. Acreditamos que esta produção é apenas um início. O começo de muitas outras produções (de pesquisadores) da área de educação que estudam e lutam pela/com classe trabalhadora, excluída e invisibilizada de nosso país e de nosso Estado de Alagoas.

Mergulhar no/sobre o cotidiano dos trabalhadores de limpeza e conservação da UFAL não foi uma tarefa tão simples e, muito menos, fácil, devido a inexistente de estudos sobre esses sujeitos na área de Educação. Suas trajetórias de vida e escolar sempre foram ocultadas, excluídas e/ou invisibilizadas nas produções acadêmicas. Dessa forma, foi fundamental trazer à tona as vozes desses sujeitos, mais que isso, dar visibilidade aos seus saberes/fazer (CERTEAU, 2009).

Através dos diálogos, forjados inclusive nas fotografias dos trabalhadores, é possível perceber os enredamentos subjetivos nelas marcados, revelando a relação subjetiva desses praticantes – atravessada pelos seus “saberes-fazer” – com o cotidiano de seu trabalho, que os obriga a uma convivência diária com um universo cultural e acadêmico. E desta convivência que suas táticas vão sendo fortalecidas e o desejo de uma justiça cognitiva se fortalece como demanda. A partir desse lugar universitário que seus espaços são forjados como “lugares praticados” (CERTEAU, 2009).

Nesse contexto, é possível compreender, apoiados na “ecologia de saberes” que “o propósito de criar relações horizontais não é incompatível com as hierarquias concretas existentes nos contextos de práticas sociais concretas. [Até porque] nenhuma prática concreta seria possível sem hierarquias” (SANTOS, 2010).

Percebe-se que, os significantes flagrados nas falas de Ubirajara, Aboyami e Araci, Caeté, Tainará e Mara são tecidos por subjetividades. Mediado pela fotografia cada sujeito dialogava de forma particular, singular o que nos permite compreender as engenhosidades que se estabelecem e se constituem nesse jogo. O que nos faz pensar que nada está sobre controle. A única coisa que mantermos sobre controle,

de fato, é a ilusão de que temos controle sobre alguma coisa. Daí que os encontros não acontecem como esperamos, são surpreendentes, belos e impactantes.

As imagens eleitas em seu cotidiano de trabalho dão visibilidade àquilo que esses trabalhadores (re)inventam em suas histórias com “as astúcias de interesses e de desejos *diferentes*” (CERTEAU, 1994), em busca de uma justiça social e, sobretudo, de uma “justiça cognitiva” (SANTOS, 2004). Portanto, as fotografias transbordam sentimentos, sonhos e lembranças. Os trabalhadores de limpeza e conservação, por meio de suas memórias narrativas, na medida em que tenta narrar/trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que projeta o futuro.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas:** sobre redes e saberes. Petrópolis: DPetAlli, 2008.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro:** Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Ed., 2004.
- BAKHITIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martin Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria y estética de la novela.** Madrid: Taurus, 1989.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara:** notas sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. **Sobre a modernidade.** São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- BAUMAN, Zigmunt. **A arte da vida.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III:** Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo.** São Paulo: Vozes, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2009_a.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2009_b.
- CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens:** a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- DERRIDA, Jacques e ROUDINESCO, Elizabeth. **De que amanhã . . . diálogos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- DERRIDA, Jacques. **Posições.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001
- DRUCK, Maria da Graça. **Terceirização: (des)fordizando a fábrica:** um estudo complexo petroquímico, São Paulo: Editora Boitempo, 1999.
- DRUCK, Maria da Graça. Terceirização e precarização: o binômio anti-social em indústrias. In: DRUCK, Maria da Graça; FRANCO, Tânia (Org.). **A perda Social do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2007.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global, 2007.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. RJ: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho d'Água, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 39 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: UNESP, 2004.

FREUD, Sigmund. O inconsciente. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996

LACAN, Jaques. **O estádio do espelho na formação da função do eu**. In: LACAN, j. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MARCELINO, Paula Regina Pereira. **A logística da precarização**: terceirização do trabalho na Honda do Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm [1844-1900]. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MOURA, T. M. M. **Uma busca de intervenção no combate ao analfabetismo no Estado de Alagoas**: a experiência de extensão como eixo de articulação entre o ensino e a pesquisa. Maceió: UFAL, 2006

MELLO, Thiago. A vida verdadeira. In: **Faz escuro, mas eu canto**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1999.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Boaventura & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

PARANA, D. **O Filho do Brasil**: de Luiz Inácio a Lula. São Paulo: Ed. Xamã, 1996.

PASSOS, Mailsa Carla Pinto. Encontros cotidianos e a pesquisa em Educação: relações raciais, experiência dialógica e processos de identificação. *In: Educar em revista*. Curitiba: UFPR, 2014.

PASSOS, M. C. P; Batista, R. **Saberes e memórias que emergem das fotografias**: imagens do cotidiano de trabalhadoras de uma universidade pública²¹. Editora Petrus: LTDA, 2016.

PEREIRA, Luís Carlos Bresser. A reforma do Estado nos anos 90: lógica e mecanismos de controle. **Cadernos MARE**, Brasília, n.1,1997. Disponível em: <http://www.bressepereira.or.br/documents/MARE/cadernosMare/caderno01.pdf>, acesso em 18 de junho de 2014.

PLACER, Fernando González. O outro hoje: uma ausência permanentemente presente. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

POCHMANN, Márcio. O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século. São Paulo: Contexto, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROUANET, Sérgio Paulo. É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela? **Revista USP**. Dossiê Walter Benjamin. São Paulo, v.1, n. 15, set/out./nov. 1992. p. 49-75.

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “Dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizontes Antropológico**, n. 2, p. 23-60, 1995.

_____. **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora UNICAMP, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In: SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

²¹Este texto será publicado no livro “Educação continuada, currículos e práticas culturais”, no qual consiste em um dos produtos de um PROCAD/ CNPq estabelecido entre os Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, entre 2013 e 2015.

SARAIVA, Karla. A babel eletrônica – hospitalidade e tradução no ciberespaço. In: SKLIAR, Carlos (org.). **Derrida e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Anexos



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Maceió-AL, 18/12/2014

Senhor(a) Pesquisador(a), Reinaldo Batista dos Santos
Nadja Naira Aguiar Ribeiro

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), em Reunião Plenária de 25/09/2014 e com base no parecer emitido pelo(a) relator(a) do processo nº 35749214.7.0000.5013, sob o título **A INVISIBILIDADE DOS TRABALHADORES DE LIMPEZA E CONSERVAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS: O SILENCIAMENTO DE SUA(S) PALAVRA(S)**, comunicar a **APROVAÇÃO** do processo acima citado, com base no artigo X, parágrafo X.2, alínea 5.a, da Resolução CNS nº 466/12.

O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS 466/12, item V.3).

É papel do(a) pesquisador(a) assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e sua justificativa. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o (a) pesquisador (a) ou patrocinador(a) deve enviá-los à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem incluídas ao protocolo inicial (Res. 251/97, item IV. 2.e).

Relatórios parciais e finais devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos no Cronograma do Protocolo e na Resolução CNS 466/12.

Na eventualidade de esclarecimentos adicionais, este Comitê coloca-se a disposição dos interessados para o acompanhamento da pesquisa em seus dilemas éticos e exigências contidas nas Resoluções supra-referidas.

Esta aprovação não é válida para subprojetos oriundos do protocolo de pesquisa acima referido.

(*) Áreas temáticas especiais

Válido até: SETEMBRO de 2016.

Juliana Francisco

Profª Drª Deise Juliana Francisco
Coordenadora do Comitê de
Ética em Pesquisa -UFAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Declaração de Autorização das Fotos

Eu, Cícera Lourença.....
tendo sido convidad(o,a) a participar como voluntári(o,a) do estudo **A invisibilidade dos trabalhadores de limpeza e conservação da Universidade Federal de Alagoas: O Silenciamento de sua(s) palavra (s)**, pelo(a) Sr(a). Reinaldo Batista dos Santos, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Nadja Naira Aguiar Ribeiro do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, responsável por sua execução, aceito que as fotos tiradas por mim sejam publicadas (em artigo, dissertação, livros etc.) e que o material e/ou dados coletados será/serão parte do banco de dados da pesquisa.

Cícera Lourença do S. Lima.

Assinatura/Trabalhador

Reinaldo Batista dos Santos

Assinatura do Responsável pelo Estudo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Declaração de Autorização das Fotos

Eu, Dyonabor.....
tendo sido convidad(o,a) a participar como voluntári(o,a) do estudo **A invisibilidade dos trabalhadores de limpeza e conservação da Universidade Federal de Alagoas: O Silenciamento de sua(s) palavra (s)**, pelo(a) Sr(a). Reinaldo Batista dos Santos, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Naira Nair Aguiar Ribeiro do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, responsável por sua execução, aceito que as fotos tiradas por mim sejam publicadas (em artigo, dissertação, livros etc.) e que o material e/ou dados coletados será/serão parte do banco de dados da pesquisa.

Dyonabor

Assinatura/Trabalhador

Reinaldo Batista dos Santos

Assinatura do Responsável pelo Estudo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Declaração de Autorização das Fotos

Eu, Marilene de Fonseca

tendo sido convidad(o,a) a participar como voluntári(o,a) do estudo **A invisibilidade dos trabalhadores de limpeza e conservação da Universidade Federal de Alagoas: O Silenciamento de sua(s) palavra (s)**, pelo(a) Sr(a). Reinaldo Batista dos Santos, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Naira Aguiar Ribeiro do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, responsável por sua execução, aceito que as fotos tiradas por mim sejam publicadas (em artigo, dissertação, livros etc.) e que o material e/ou dados coletados será/serão parte do banco de dados da pesquisa.

Marilene de Fonseca

Assinatura/Trabalhador

Reinaldo Batista dos Santos

Assinatura do Responsável pelo Estudo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Declaração de Autorização das Fotos

Eu, Jose Alves
tendo sido convidad(o,a) a participar como voluntári(o,a) do estudo **A invisibilidade dos trabalhadores de limpeza e conservação da Universidade Federal de Alagoas: O Silenciamento de sua(s) palavra (s)** pelo(a) Sr(a) Reinaldo Batista dos Santos, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Naira Naira Aguiar Ribeiro do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, responsável por sua execução, aceito que as fotos tiradas por mim sejam publicadas (em artigo, dissertação, livros etc) e que o material e/ou dados coletados será/serão parte do banco de dados da pesquisa.

Jose Alves

Assinatura/Trabalhador

Reinaldo Batista dos Santos

Assinatura do Responsável pelo Estudo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Declaração de Autorização das Fotos

Eu, Janeleide Barbosa da Silva,
tendo sido convidad(o,a) a participar como voluntári(o,a) do estudo **A invisibilidade dos trabalhadores de limpeza e conservação da Universidade Federal de Alagoas: O Silenciamento de sua(s) palavra (s)**, pelo(a) Sr(a). Reinaldo Batista dos Santos, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Nadja Naira Aguiar Ribeiro do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, responsável por sua execução, aceito que as fotos tiradas por mim sejam publicadas (em artigo, dissertação, livros etc.) e que o material e/ou dados coletados será/serão parte do banco de dados da pesquisa.

Janeleide Barbosa da Silva

Assinatura/Trabalhador

Reinaldo Batista dos Santos

Assinatura do Responsável pelo Estudo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Declaração de Autorização das Fotos

Eu, Maria tereza Alves Muniz
tendo sido convidad(o,a) a participar como voluntári(o,a) do estudo **A invisibilidade dos trabalhadores de limpeza e conservação da Universidade Federal de Alagoas: O Silenciamento de sua(s) palavra (s)**, pelo(a) Sr(a). Reinaldo Batista dos Santos, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Nadja Naira Aguiar Ribeiro do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, responsável por sua execução, aceito que as fotos tiradas por mim sejam publicadas (em artigo, dissertação, livros etc.) e que o material e/ou dados coletados será/serão parte do banco de dados da pesquisa.

Maria tereza Alves Muniz

Assinatura/Trabalhador

Reinaldo Batista dos Santos

Assinatura do Responsável pelo Estudo

QUESTIONÁRIO

(Trabalhadores de Limpeza e Conservação da Universidade)

Dados de Gerais:

- Nome: _____
- Idade: _____ Sexo: _____
- Onde mora: _____ Estado Civil: _____ Filhos _____
- Onde nasceu(Cidade/Estado): _____ Escolaridade _____
- Horário de trabalho: _____ Telefone: _____
- Local de trabalho: _____

1- Sexo:

Masculino () Feminino ()

2- Faixa etária:

Entre 18 a 20 anos () Entre 21 e 25 anos () Entre 26 e 30 anos ()
 Entre 31 e 35 anos () Entre 36 e 40 anos () Acima de 40 anos ()

3- Sua formação:

Ensino Fundamental I () Ensino Fundamental II ()
 Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio Completo ()
 Curso Técnico e/ou Profissionalizante () Qual? _____
 Curso Superior Incompleto () Qual? _____
 Curso Superior Completo () Qual? _____

4- Há quanto tempo trabalha na Universidade?

Há menos de 1 ano () Entre 1 a 3 anos () Entre 4 a 6 anos ()
 Entre 6 a 8 anos () Entre 10 a 12 anos () Há mais de 13 anos ()

Quantos? _____

5- Há quanto tempo trabalha nesta empresa?

Há menos de 1 ano () Entre 1 a 2 anos () Entre 2 a 3 anos ()
 Entre 3 a 4 anos () Entre 4 a 5 anos () Há mais de 5 anos ()
 Quantos? _____

6- Você já trabalhou em outro local (por esta mesma empresa)?

Não () Sim () Onde? _____

7- Já trabalhou em outra função (cargo – que não seja de limpeza e conservação)?

Não () Sim () Qua(l,i)s? _____